

BESTSELLER DO NEW YORK TIMES



100's REVOLTA

Quando pensavam ter encontrado a paz,
o pior acontece.

KASS MORGAN

TOP
SEL
LER

VISIT...

LANZAROTE
Caliente.COM

BESTSELLER DO NEW YORK TIMES

OS
100
REVOLTA

Quando pensavam ter encontrado a paz,
o pior acontece.

KASS MORGAN

TOP
SEL
LER

THE 100

REBELLION

KASS MORGAN



LITTLE, BROWN AND COMPANY
NEW YORK BOSTON



alloyentertainment

Copyright

Este livro é um trabalho de ficção. Nomes, personagens, lugares e incidentes são produtos da imaginação do autor ou são usados ficticiamente. Qualquer semelhança com eventos reais, locais ou pessoas, vivas ou mortas, é mera coincidência.

Copyright © 2016 por Alloy Entertainment

Arte-final da chave da capa © 2016 Warner Bros. Entertainment Inc.
Todos os direitos reservados.

O Hachette Book Group apoia o direito à liberdade de expressão e o valor dos direitos autorais. O objetivo dos direitos autorais é encorajar escritores e artistas a produzirem as obras criativas que enriquecem nossa cultura.

A digitalização, upload e distribuição deste livro sem permissão é um roubo de propriedade intelectual do autor. Se você deseja permissão para usar o material do livro (exceto para fins de revisão), entre em contato com permissions@hbgusa.com. Obrigado por seu apoio aos direitos de autor.

Little, Brown and Company

Hachette Book Group

1290 Avenue of the Americas, New York, NY 10104 lb-teens.com

Little, Brown and Company é uma divisão da Hachette Book Group, Inc.

O nome e o logotipo Little, Brown são marcas comerciais da Hachette Book Group, Inc.

O editor não é responsável por sites (ou seu conteúdo) que não sejam de propriedade do editor.

Primeira Edição: Dezembro 2016

Produzido por Alloy Entertainment

1325 Avenue of the Americas New

York, NY 10019

Capa por Liz Dresner

Número de controle da Biblioteca do Congresso: 2016954137

ISBNs: 978-0-316-43527-7 (Capa Dura),

978-0-316-50303-7 (pbk.), 978-0-316-50301-3 (ebook)

E3-20161025-JV-PC

CONTEÚDO

CAPA

FOLHA DE ROSTO

COPYRIGHT

DEDICATÓRIA

CAPÍTULO 1: Clarke

CAPÍTULO 2: Wells

CAPÍTULO 3: Glass

CAPÍTULO 4: Bellamy

CAPÍTULO 5: Wells

CAPÍTULO 6: Clarke

CAPÍTULO 7: Bellamy

CAPÍTULO 8: Glass

CAPÍTULO 9: Wells

CAPÍTULO 10: Bellamy

CAPÍTULO 11: Clarke

CAPÍTULO 12: Glass

CAPÍTULO 13: Wells

CAPÍTULO 14: Bellamy

CAPÍTULO 15: Glass

CAPÍTULO 16: Wells

CAPÍTULO 17: Clarke

CAPÍTULO 18: Bellamy

CAPÍTULO 19: Glass

CAPÍTULO 20: Wells

CAPÍTULO 21: Clarke

CAPÍTULO 22: Bellamy

CAPÍTULO 23: Glass

CAPÍTULO 24: Wells

CAPÍTULO 25: Bellamy

CAPÍTULO 26: Clarke

CAPÍTULO 27: Wells

CAPÍTULO 28: Glass

CAPÍTULO 29: Clarke

CAPÍTULO 30: Glass

CAPÍTULO 31: Bellamy

CAPÍTULO 32: Wells

CAPÍTULO 33: Clarke

AGRADECIMENTOS

Para meus leitores,

obrigada por deixarem meus delinquentes do espaço entrarem em seus corações. Seu apoio significa a galáxia.

CAPÍTULO 1

Clarke

Clarke estremeceu quando uma rajada de vento soprou pela clareira, farfalhando as folhas vermelhas e douradas que ainda se agarravam às árvores.

— Clarke. - Alguém chamou fracamente. Era uma voz que ela havia imaginado incontáveis vezes desde sua chegada à Terra. Ela tinha ouvido isso no riacho correndo. Ela ouviu isso no gemido dos ramos. E, acima de tudo, ela tinha ouvido isso no vento.

Mas agora ela não precisava dizer a si mesma que era impossível. O calor se espalhou por seu peito e Clarke virou-se para ver sua mãe caminhando em sua direção, carregando uma cesta repleta de maçãs do pomar dos terráqueos.

— Você já experimentou uma dessas? São maravilhosas! - Mary Griffin colocou a cesta de maçãs em uma das longas mesas de madeira, pegando uma maçã e jogando-a para Clarke. — Trezentos anos fazendo modificações genéticas, e nós nunca chegamos perto de fazer algo assim crescer na Colônia.

Clarke sorriu e mordeu a maçã, olhando acampamento movimentado. Ao redor dele, colonos e terráqueos se preparavam alegremente para sua primeira celebração juntos. Felix e seu namorado, Eric, carregavam tigelas pesadas de vegetais cultivados nos jardins dos terráqueos e preparados em suas cozinhas. Dois terráqueos mostravam a Antonio como tecer ramos em guirlandas. E à distância, Wells lixava uma das mesas de piquenique com Molly, que recentemente começou a treinar com um marceneiro terrestre.

Pela visão de agora, era difícil acreditar em quanta dificuldade e sofrimento todos eles sofreram nos últimos meses. Clarke foi um dos cem adolescentes originais que foram enviados à Terra para ver se os humanos sobreviveriam no planeta irradiado. Mas seu módulo de transporte havia quebrado, interrompendo o contato com a Colônia. Enquanto os cem tinham que lutar para sobreviver na Terra, os colonos restantes perceberam que seu sistema de suporte de vida falhou e eles estavam ficando sem tempo. À medida que os níveis de oxigênio diminuía e o pânico se espalhava, eles lutaram para chegar aos módulos de transporte restantes, que, infelizmente, só podiam conter uma fração deles. Clarke e os outros membros dos cem ficaram surpresos quando vários módulos de transporte cheios de colonos

pousaram na Terra. Menos surpreendente: o vice-chanceler Rhodes envolvido em uma brutal campanha para tomar o poder dos adolescentes, que se tornaram os líderes de fato dos colonos em terra-firme. Entre outras vítimas, resultou na morte de Sasha Walgrove, namorada de Wells e filha do pacífico líder dos terráqueos, Max, acendendo a tensão entre os grupos. Mas eles eventualmente se uniram para derrotar um

inimigo perigoso - a facção desonesta de terráqueos violentos que queriam destruir os colonos -

e agora todos pareciam estar fazendo seu melhor para trabalhar juntos. Rhodes renunciou ao cargo de vice-chanceler e ajudou a formar um novo Conselho, composto por colonos e terráqueos.

Hoje não foi apenas a primeira celebração conjunta entre os grupos: foi a primeira vez que o novo Conselho apareceria junto ao seu povo recém-unido. O namorado de Clarke, Bellamy, era um dos novos membros do Conselho, e até foi convidado para fazer um discurso.

— Parece que tudo está dando certo - Disse a mãe de Clarke, observando um jovem colono ajudar duas garotas nascidas na Terra a colocar as mesas com placas de lata ásperas e talheres de madeira. — O que eu deveria estar fazendo?

— Você tem feito mais que o suficiente. Apenas tente relaxar. - Clarke deu um passo para trás e bebeu na visão familiar do sorriso caloroso de sua mãe.

Embora já tivesse se passado um mês desde que eles foram reunidos, ela não conseguia parar de se maravilhar com o fato de que seus pais não estivessem flutuando em volta da Colônia como punição por traição, como lhe disseram. Eles foram enviados para a Terra em vez disso, onde enfrentaram perigos incontáveis e, finalmente, fizeram o seu caminho de volta para ela. Os dois médicos se estabeleceram como membros vitais do acampamento, ajudando a reconstruí -

lo após os ataques violentos da Facção terrestre, trabalhando com o Dr. Lahiri para curar aqueles que foram feridos, e, junto com Clarke, Wells e Bellamy, estreitando os laços entre os colonos e seus pacíficos vizinhos terrestres.

Pela primeira vez que Clarke conseguia lembrar, a vida começava a parecer tranquila e cheia de esperança. Depois de meses de medo e sofrimento, finalmente pareceu apropriado celebrar.

O pai de Clarke cruzou a clareira em direção às mesas rústicas, parando para acenar para Jacob, um fazendeiro nascido na Terra de quem ele era amigo, então se virou para encarar Clarke com um grande sorriso. Seu braço esquerdo estava torto em torno de um feixe de milho de cores vivas.

— Jacob diz que a chuva vai durar tempo suficiente para termos uma boa visão da lua quando ela chegar em seu ponto mais alto. - David Griffin colocou as espigas de milho na mesa e arranhou pensativamente sua nova barba, olhando para o céu como se já pudesse vê-lo. —

Aparentemente, o horizonte ficará vermelho. Jacob a chamou de Lua do Caçador, mas parece o que nossos ancestrais chamam de Lua da Colheita.

Quando criança, Clarke às vezes se cansava de suas intermináveis palestras sobre a Terra, mas agora, depois de um ano de luto angustiado pelos pais que ela acreditava estarem mortos, as palavras ansiosas de seu pai fizeram seu coração se encher de alegria e gratidão.

No entanto, enquanto ele falava, o olhar de Clarke mudou em direção à linha das árvores onde, à distância, uma figura familiar e alta estava caminhando para fora da floresta com o arco pendurado no ombro.

— Sabe, gosto da ideia da Lua do Caçador. - Clarke disse distraidamente, um sorriso tomando seu rosto.

O ritmo de Bellamy diminuiu quando ele entrou na clareira, examinando o acampamento.

Mesmo depois de tudo que eles passaram juntos, saber que ele estava procurando por ela fez o

coração de Clarke disparar. Não importa o que este planeta selvagem e perigoso jogasse sobre eles, eles enfrentariam isso juntos, sobreviveriam juntos.

Quando ele se aproximou, ela viu o pacote pendurado em suas costas. Era um pássaro enorme com penas néon espalhadas e um pescoço longo e estreito. Pela aparência, isso alimentaria metade do grupo esta noite. Uma onda de orgulho percorreu seu corpo. Embora o acampamento tivesse crescido para mais de quatro centenas de pessoas, incluindo vários guardas bem treinados da Colônia, Bellamy ainda era de longe o melhor caçador.

— Isso é um peru? - O pai de Clarke perguntou, quase derrubando uma mesa na pressa de conseguir analisar melhor.

— Nós os vimos na floresta - Disse sua mãe, aparecendo ao lado de Clarke. Ela levantou a mão para proteger os olhos do sol enquanto observava a aproximação de Bellamy. — A noroeste daqui, é fim de inverno. Achei que fossem pavões, com aquelas penas azuis. De qualquer forma, eles eram muito astutos para nós pegarmos um.

— Bellamy pode pegar qualquer coisa! - Disse Clarke, então corou quando sua mãe arqueou uma sobrancelha.

Clarke estava um pouco preocupada em apresentar Bellamy a seus pais, sem saber como eles iriam reagir a qualquer pessoa que não fosse seu ex-namorado phoeniciano, Wells. Mas para seu alívio, eles gostaram de Bellamy quase que imediatamente. Seus próprios traumas os tornaram simpáticos e até protetores com Bellamy quando ele passou a noite na cabana da família de Clarke, atormentado por pesadelos que o arrancaram do sono, tornando-o uma bagunça trêmula e suada - sonhos sobre pelotões de fuzilamento, vendas cobrindo em seu rosto, ouvindo os gritos de Clarke e Octavia chacoalharem em seu ossos. Em noites como aquela, seus pais se esforçavam para misturar doses de ervas para ajudá-lo a dormir, e Clarke segurava sua mão, nenhum de seus pais jamais proferindo uma palavra de cautela ou censura para Clarke.

Ambos estavam acenando alegremente para Bellamy agora, mas Clarke sentiu seus ombros ficarem tensos. Havia algo estranho em seu passo. Seu rosto estava pálido e ele ficava olhando por cima do ombro, o olhar selvagem e em pânico.

O sorriso do pai de Clarke sumiu quando Bellamy se aproximou. Ele estendeu as mãos para o pássaro e Bellamy largou-o em seus braços estendidos sem nem um agradecimento.

— Clarke - Disse Bellamy. Sua respiração estava irregular, como se ele tivesse corrido para cá. —

Eu preciso falar com você.

Antes que ela pudesse responder, ele agarrou seu cotovelo e puxou-a passando pela fogueira até a beira do anel de cabanas recém-construídas. Ela tropeçou ligeiramente em uma raiz saliente e teve que equilibrar-se rapidamente para não ser arrastada atrás dele.

— Bellamy, pare. - Com um puxão Clarke libertou seu braço.

O olhar vítreo deixou seus olhos brevemente.

— Me desculpe. Você está bem? - Ele disse, soando momentaneamente mais parecido com ele mesmo.

Clarke assentiu.

— Sim, tudo bem. O que está acontecendo?

O olhar frenético voltou enquanto ele examinava o acampamento.

— Onde está Octavia?

— Ela está voltando com as crianças agora. - Octavia levou as crianças mais novas para brincar e passar a tarde no riacho, para evitar que atrapalhem os preparativos. Clarke apontou para a fila de crianças de mãos dadas enquanto cruzavam a clareira em direção o às mesas, Octavia com seus cabelos negros liderando o grupo. — Viu?

Bellamy relaxou um pouco ao ver sua irmã, mas então, quando seus olhos encontraram os de Clarke, seu rosto escureceu novamente.

— Notei algo estranho enquanto estava caçando.

Clarke mordeu o lábio, sufocando um suspiro. Esta não foi a primeira vez que ele disse essas palavras esta semana. Já passava da décima vez. Mas ela apertou a mão dele e assentiu.

— Conte-me.

Ele mudou seu peso de um lado para o outro, uma gota de suor escorrendo de baixo de seu cabelos escuros e despenteados.

— Há cerca de uma semana, vi uma pilha de folhas no caminho dos cervos, a caminho de Mount Weather. Não parecia... natural.

— Não natural... - Clarke repetiu, tentando ao máximo permanecer paciente. — Uma pilha de folhas. No bosque, no outono.

— Uma pilha *enorme* de folhas. Quatro vezes maior do que qualquer uma das outras ao redor.

Grande o suficiente para esconder alguém. - Ele começou a andar, falando mais consigo mesmo do que com Clarke. — Eu não parei para conferir. Eu deveria ter parado. Por que eu não parei?

— Certo... - Clarke disse lentamente. — Vamos voltar e dar uma

olhada nisso agora.

— Ela se foi - Disse Bellamy, passando os dedos pelo cabelo já rebelde.
— Eu ignorei. E hoje, não estava mais lá. Como se alguém estivesse usando para alguma coisa, mas não precisasse mais daquilo.

A expressão dele, uma mistura de ansiedade e culpa, fez seu coração doer. Ela sabia o motivo. Depois que os módulos de transporte aterrissaram, o Vice-Chanceler Rhodes tentou executar Bellamy por crimes que ele supostamente cometeu na Nave. Apenas dois meses atrás, ele foi forçado a dizer um adeus agonizante para as pessoas que amava, antes de ser vendado e arrastado para conhecer um pelotão de fuzilamento. Ele olhou a morte diretamente nos olhos, acreditando que estava prestes a abandonar Octavia e destruir Clarke. Mas sua execução iminente foi prejudicada pelo repentino e brutal ataque terrestre. Embora Rhodes tivesse perdoado Bellamy, esses eventos deixaram suas sequelas nele. As crises de paranoia que se seguiram não foram surpreendentes, mas em vez de melhorar, Bellamy parecia estar piorando.

— E então você adiciona isso a todas as outras coisas - Ele continuou, sua voz mais alta, mais frenética. — A roda utilizada à beira do rio. As vozes que ouvi nas árvores...

— Nós já conversamos sobre isso - Clarke o interrompeu enquanto colocava os braços em volta de sua cintura. — Os sulcos das rodas podem ter sido feitos por pessoas da aldeia; O pessoal de Max tem carroças. E as vozes...

— Eu as *ouvi*. - Ele começou a se afastar, mas Clarke não permitiu que o fizesse.

— Sei que ouviu. - Ela disse, apertando seu abraço.

Ele abaixou a cabeça, apoiando o queixo na cabeça dela.

— Eu não quero fazer cena... - Bellamy engoliu em seco. A palavra *novamente* não foi dita. - Mas eu estou dizendo a você. Algo não está certo. Eu senti isso antes e estou sentindo agora. Temos que avisar todos.

Clarke olhou por cima do ombro para todas as pessoas que circulavam pelo acampamento: Lila e Graham passando com baldes d'água, provocando um menino mais novo que lutava com sua carga; crianças terráqueas rindo enquanto corriam de sua aldeia com mais comida para a mesa; guardas conversando enquanto eles trocaram posições de

patrulha.

— Precisamos avisá-los antes dessa... celebração. - Ele acenou com a mão com desdém. — Seja lá o que esteja acontecendo.

— O Banquete da Colheita - Disse Clarke. Ela adorou a ideia de participar de uma tradição que foi centenas de anos atrás, antes do Cataclismo - a guerra nuclear que quase destruiu a Terra e forçou os primeiros colonos ao espaço para salvar a raça humana. — Max disse que foi comemorado aqui por gerações, e será bom tirar um momento para...

— É o que aquele grupo dissidente de nascidos na Terra está esperando - Bellamy interrompeu, falando um pouco mais alto. — Se eu fosse nos atacar, hoje seria o dia. Todos nós juntos.

Comemorando, sentados e sem esperar um ataque.

Um garotinho saltou para fora de sua cabana e, ao ver Bellamy, empalideceu e voltou para dentro.

Clarke pegou as mãos de Bellamy, segurou-as enquanto elas tremiam e olhou nos olhos dele.

— Eu confio em você - Disse ela — Eu acredito que você viu o que viu.

Ele acenou com a cabeça, ouvindo, embora ainda estivesse respirando pesadamente.

— Mas você precisa confiar em mim também. Você está seguro aqui. Nós estamos seguros. A trégua que estabelecemos no mês passado está se mantendo firme. Max diz que aquele grupo dissidente de terráqueos se mudou para o sul assim que perderam a luta, e não houve uma única aparição deles desde então.

— Eu sei - disse Bellamy. — Mas é mais do que aquela pilha de folhas. Eu tenho essa *sensação* na nuca...

— Então, vamos substituí-la por uma sensação diferente. - Clarke ficou na ponta dos pés e beijou o queixo de Bellamy antes de se arrastar para a sua nuca.

— Não é tão simples - Disse ele, embora ela pudesse senti-lo finalmente começando a relaxar.

Ela se inclinou para trás e sorriu para ele.

— Vamos, hoje é um dia *feliz*, Bel. É o seu primeiro grande evento como membro do Conselho.

Pense no seu discurso. Concentre-se em desfrutar de toda a comida que você ajudou a fornecer.

— O Conselho - Ele disse, fechando os olhos e soltando um suspiro. — Certo. Eu esqueci do maldito discurso.

— Você vai se sair bem - Disse Clarke, esticando-se novamente para roçar sua bochecha áspera com os lábios. — Você está se saindo muito bem.

— Verdade. - Ele enrolou os braços em volta da cintura dela, sorrindo enquanto a puxava para mais perto. - Estou me saindo muito bem *aqui* também.

Ela riu, dando-lhe um pequeno soco.

— Sim, magnífico. Agora venha me ajudar a preparar este jantar antes de se encontrar com o Conselho. Podemos comemorar em *particular* mais tarde.

Ele caminhou atrás dela, seus braços ainda em volta de sua cintura, seu hálito quente contra seu pescoço.

— Obrigado - Ele murmurou.

— Pelo quê? - Ela perguntou levemente, tentando esconder o fato de que seu coração batia em preocupação crescente.

Ela pode ter falado com ele hoje. E ontem. E na noite anterior. Mas ela não podia mais ignorar o fato de que Bellamy estava piorando.

CAPÍTULO 2

Wells

Os músculos das costas de Wells queimaram enquanto ele colocava o último barril de cidra no carrinho. Depois de dias de preparação para a Festa da Colheita, suas mãos estavam rachadas e em carne viva, os pés inchados e doloridos. Cada centímetro dele estava doendo.

E tudo o que ele conseguia pensar era: *mais*. Mais dor. Mais trabalho. Qualquer coisa para distrair dos escuros pensamentos que infectaram sua mente como podridão. Qualquer coisa para fazê-lo esquecer.

Uma mulher nascida na Terra carregando um bebê em uma tipóia passou e sorriu para Wells. Ele assentiu educadamente de volta, preparando-se quando uma memória bateu nele como um meteoro: Sasha balançando um talo de trigo para o mesmo bebê brincar enquanto a mãe pendurava roupa para secar fora de sua cabana. O cabelo preto de Sasha balançando para frente, olhos verdes brilhando enquanto ela brincava com Wells por estar com mais medo de bebês do que de enfrentar Rhodes e suas tropas na batalha.

Wells cerrou os dentes e se agachou para erguer o carrinho, o peso doloroso dele obliterando sua memória; em seguida, ele puxou a carga pelo caminho central da vila até a orla da floresta, onde os outros estavam circulando com sua própria carga.

Paul ruivo, de folga, mas ainda usando seu uniforme de guarda, estava em uma pedra, supervisionando os aldeões e colonos terráqueos que se ofereceram para trazer suprimentos para o acampamento para a festa desta noite.

— Okay, pessoal, eu fiz uma patrulha completa da floresta e a costa está limpa. Mas vamos manter as coisas andando, atentos apenas por precaução - Ele bateu palmas e apontou agora bem pisado caminho da floresta. — Fique atento e mantenha consciência constante.

Wells observou enquanto alguns dos aldeões lançavam olhares perplexos a Paul. Paul era relativamente um recém chegado, um dos colonos que estava em um módulo de transporte que havia saído do curso. Seu grupo fez seu caminho para o acampamento logo após o fim de sua batalha sangrenta com uma violenta facção de terráqueos, que resultou em uma trégua.

Wells conhecia Paul vagamente na Colônia. Afável e enérgico, ele sempre impressionou Wells, por ser mais um soldado confiável e competente do que um líder, mas as coisas claramente mudaram no ano passado. O que quer que tenha acontecido com o grupo de sobreviventes de Paul entre o pouso forçado e sua chegada ao acampamento, fez dele seu capitão não oficial, e ele ainda assumia aquele ar de responsabilidade.

— Quem carrega cargas pesadas, tome cuidado para não se exceder. Se você estiver ferido, você será um alvo fácil para o inimigo.

Wells revirou os olhos. Os terráqueos perigosos se foram. Paul estava apenas frustrado por perder toda a ação e estava compensando isso agora. Wells não tinha paciência para isso, não depois de testemunhar o preço real da batalha.

Paul franziu a testa ligeiramente.

— Graham, o que você está fazendo com essa faca? Você não está caçando hoje.

— Quem disse? - Graham disse, puxando a longa faca de sua bainha e girando-a na direção de Paul.

Por um momento, Wells considerou intervir. Embora Graham tenha se acomodado nos últimos meses, Wells nunca esqueceria o brilho violento em seus olhos quando tentava convencer a centena original a matar Octavia por roubar remédios.

Mas antes que Wells pudesse agir, Graham bufou, resguardando sua faca e saiu andando, acenando para Eric, que estava vindo de outra direção.

Eric foi até Wells.

— Precisa de ajuda com isso? - Ele gesticulou em direção ao carrinho.

— Você não quer *se exceder e se tornar um alvo fácil para o inimigo* - completou ele secamente.

Wells forçou uma risada.

— Claro, obrigado. Eu só vou pegar um pouco mais de lenha e depois estarei bem atrás de você.

Ele se virou e se dirigiu para a pilha de lenha atrás da outra fileira de cabanas, o sorriso desaparecendo, sua mandíbula pesada com o esforço de fingir. Tudo nele parecia pesado ultimamente, cada passo pesado com a dor. Mas ele continuou andando de qualquer maneira, levantou o machado de sua posição e partiu os troncos até ele ter uma pilha considerável de madeira para carregar. Ele empilhou-o ordenadamente, ignorando as farpas nas palmas das mãos, embrulhou tudo em uma tipoia traseira e colocou-a sobre os ombros.

A aldeia se esvaziou enquanto ele cortava a lenha; todos eles saíram para se juntar aos outros para comer e comemorar: a colheita, um novo começo, uma comunidade maior, uma paz recém-descoberta.

Wells expirou, seus ombros caindo. As alças da tipoia cortam sua camisa e sua pele enquanto ele olhava para o vale vazio. Isso era bom. Ele chegaria ao acampamento um pouco tarde mas com bastante lenha para os fogões e a fogueira. Ele ficaria perto do fogo e o manteria alimentado. Esse seria o seu trabalho esta noite, uma desculpa perfeita para evitar a festa, os discursos, a centena de rostos familiares, todos eles pensando nas pessoas que gostariam que estivessem com eles esta noite.

Seus entes queridos de volta à Colônia... todos mortos por causa de Wells.

Ele foi o único a soltar a eclusa de ar da nave, condenando centenas de pessoas que não conseguiriam encontrar lugares nos módulos de transporte a uma morte lenta e sufocante -

tendo seu próprio pai, o Chanceler, incluído. Ele tinha feito isso para salvar Clarke, mas ainda assim, toda vez que avistava o seu reflexo, recuava. Cada ação que ele realizou levou à destruição e morte. Se os outros colonos soubessem o que ele tinha feito, eles não iriam simplesmente afastá-lo das mesas da Festa da Colheita - eles o expulsaram inteiramente de sua comunidade. E

ele mereceria.

Ele expirou novamente e se sentiu cambaleando, repentinamente fraco. Ele se virou para firmar o peso da carga nas costas e viu que uma das cabanas estava com a porta entreaberta.

Era a cabana de Max. A casa de Sasha.

Wells conheceu Sasha há apenas algumas semanas, mas parecia que anos de memórias vívidas tinham se acumulado durante esse curto período. Ele amou especialmente estar com ela na aldeia. Ela não apenas era a filha do líder terrestre - ela fazia parte da força vital da comunidade. Ela foi a primeira a se voluntariar para reunir informações sobre os cem, embora a missão tenha posto sua vida em perigo. Ela foi a primeira a estender uma mão amiga, oferecer um ombro amigo, ou expressar uma opinião impopular em nome dos menos poderosos. Ela era útil, ela era valorizada, ela era amada, e agora ela se foi.

Wells largou a carga, ignorando o barulho da lenha, e tropeçou como um sonâmbulo para a porta. Ele não tinha estado dentro da cabana por quase um mês, evitando as memórias e interações com os terráqueos enlutados pelo maior tempo possível. Mas agora não havia ninguém ao redor, e a cabana o atraía como um ímã.

Seus olhos vasculharam o interior escuro, observando uma mesa repleta de restos de eletrônicos, uma pequena cozinha, o dormitório de Max... e ali, nos fundos, o cantinho de Sasha.

— Eu não consegui mover ou retirar nada dela - uma voz profunda e grave disse atrás de Wells.

Ele se virou para ver Max parado a um pé de distância, olhando além dele com uma expressão inescrutável. Sua barba estava bem aparada, suas melhores roupas bem cerzidas, tudo pronto para seu papel oficial nas festividades desta noite. Mas agora ele não parecia o líder dos terráqueos, nem um membro do novo Conselho unido. Ele parecia um homem ferido - um pai ainda na mais nova onda de luto.

— Ela desenhou aquele pássaro quando tinha cinco anos, sabe. Achei que era muito bom para essa idade. Para todas as idades. - Ele soltou um pequeno riso. — Talvez no velho mundo, ela pudesse ter sido uma artista.

— Ela poderia ter sido um monte de coisas - Wells disse suavemente.

Max acenou com a cabeça, em seguida, pressionou a mão contra a parede da cabana para se equilibrar, como se algo dentro dele tivesse rachado.

Eu não deveria estar aqui, pensou Wells, mas antes que ele pudesse dar uma desculpa para ir embora, Max endireitou-se e entrou na cabana,

gesticulando para que Wells o seguisse.

— Eu preparei algumas palavras para começar a festa, mas claro, eu as deixei por aqui - Max disse, remexendo em sua mesa improvisada, procurando por um pequeno pedaço de papel cheio de rabiscos e palavras — As vagas na mesa estão enchendo rapidamente. Você pode querer ir até lá.

— Não importa. Eu nem tenho certeza se vou - Wells olhou para suas botas, mas sentiu os olhos de Max persistentes nele.

— Você tem tantos motivos para estar naquela mesa quanto qualquer um, Wells - disse o homem mais velho. Sua voz era baixa, mas firme como pedra. — Essas pessoas... *nosso* povo...

estão juntos por sua causa. Vivos por sua causa.

Os olhos de Wells se voltaram para o cantinho de Sasha. Max olhou por cima do ombro para ele, seguindo o olhar de Wells.

— Ela estará lá também de certa forma, você sabe - Disse Max, sua voz suavizando ligeiramente.

— A Festa da Colheita era seu feriado favorito. - Ele deu um passo à frente, pressionando a mão no ombro de Wells. — Ela gostaria que você aproveitasse.

Wells sentiu seus olhos ardendo. Ele os abaixou e acenou com a cabeça. Max apertou seu ombro e soltou.

— Estarei sentado à cabeceira da mesa com o resto do Conselho - Disse ele, caminhando para fora. — Vou guardar um lugar para você ao meu lado. Você não gostaria de perder o discurso de Bellamy, certo?

Apesar de seu atual estado, Wells sorriu ao pensar em seu irmão, o novo Conselheiro, dando um discurso para centenas de pessoas. Eles descobriram recentemente que eram meio-irmãos, mas o relacionamento deles estava evoluindo rapidamente, mudando de respeito mútuo relutante para lealdade verdadeira e afeição.

Wells seguiu Max para fora da cabana e fechou a porta suavemente atrás dele, deixando seu olhar demorar-se no passarinho. Era difícil acreditar que uma criança o tivesse esculpido. A jovem Sasha capturou o animal em pleno voo, fazendo-o parecer leve e alegre, assim como ela olhou na rara ocasião em que ela deixou de lado suas

responsabilidades e se deixou ser livre. Ele tinha sido privilegiado, percebeu, ver aquele lado dela - vê-la gritar de alegria enquanto mergulhava no lago de uma altura muito maior do que Wells jamais ousaria. Por ver seus ferozes olhos verdes maduros com ternura depois de um beijo. O descuido de Wells os roubou de uma vida inteira desses momentos, e não poderia arrancar fora as memórias armazenadas no fundo de seu coração.

Ele pode não ter o direito de comemorar esta noite, não depois de tudo que ele fez, tudo que ele teve de suportar - mas ele tinha muito pelo que agradecer.

CAPÍTULO 3

Glass

O silêncio envolveu sua cama como um cobertor extra. Este lado do acampamento se esvaziou quando todos partiram para ajudar na preparação da Festa da Colheita. Mas Glass passou a tarde aqui, em sua pequena cabana aninhada na borda da clareira, distraindo Luke e sendo distraída.

Este foi um raro momento roubado para eles. Já que Luke havia se recuperado de um ferimento quase fatal na perna, ele estava mais ocupado do que nunca. Ele deixou sua cabana ao amanhecer e voltou muito depois do pôr do sol, geralmente exausto e com um ligeiro mancar que sempre fazia o coração de Glass doer.

Luke tentou se apoiar em um cotovelo, mas Glass o segurou, beijando seu ombro, seu bíceps, seu peito, em seguida, deixando sua boca trilhar provocativamente o corpo dele.

Ele soltou um gemido sorridente.

— Eu tenho que chegar ao meu turno.

Ela beijou seu queixo, seu pescoço.

— Ainda não.

— Você continua me atrasando. - Ele traçou sua coluna com a ponta dos dedos, sua expressão sem reclamar.

— Eles não vão se importar - Disse Glass, aninhando-se mais perto. — Você faz mais em seus turnos do que qualquer outro. Você construiu

metade deste acampamento. - Ela inclinou a cabeça para o lado, examinando-o com um sorriso orgulhoso. — Meu engenheiro brilhante.

Luke havia projetado dois modelos diferentes: uma pequena estrutura com um espaço elevado para dormir para famílias e uma cabana mais longa para grupos de pessoas alojarem -se juntas, como os órfãos do acampamento, as crianças e os guardas. Mas a cabana de Glass e Luke era especial. Era afastada das outras, e suas pequenas janelas davam para o local onde o sol se erguia sobre a clareira nesta época do ano. Havia até uma lareira e uma pequena cozinha com mesa e cadeiras. Ninguém havia batido um olho sobre eles morando juntos, uma mudança bem-vinda depois de todo o tempo que passaram escondidos na nave - primeiro por causa da hierarquia social opressora, depois, porque Glass tinha sido uma fugitiva.

— Eu supervisionei *algumas* das construções - Ele corrigiu. — Todo mundo trabalhou incrivelmente duro. Além disso, não estou em turno de construção. Estou de guarda esta noite.

- Luke estendeu a mão para correr seus dedos através do cabelo loiro que caía solto em torno do rosto de Glass como um véu, então suspirou contra seu pescoço.

Glass conhecia aquele suspiro. Significava que seu tempo acabou. Ela sorriu e endireitou-se, dando a ele espaço para sair da cama e se vestir.

— Por que você precisa patrulhar justamente o Banquete da Colheita? - ela perguntou, puxando a camisa pela cabeça, os dedos dos pés procurando no chão pela grossa túnica de lã que ela havia descartados lá horas atrás - um presente de boas-vindas de seus novos amigos terráqueos.

Mesmo dentro da cabana, o ar tinha um toque de gelo, e o sol ainda nem tinha se posto.

Seu primeiro inverno estava em seu caminho.

Inverno na Terra. Glass sentiu uma onda de excitação passar por ela ao pensar em fogueiras e neve branca cegante e as noites aquecidas nos braços de Luke.

— Alguém tem que fazer isso. Pode muito bem ser eu - Ele disse, calçando as botas. Ele se espreguiçou, gemendo ligeiramente quando suas costas estalaram. — Você não vai ficar sozinha, vai? - Ele

perguntou, vindo se sentar ao lado dela na pequena cama. — Você pode sentar-se com Clarke e Wells.

Glass bateu nele levemente com o ombro.

— Eu vou ficar bem. - Seu tom era leve, mas a verdade era que ela teve mais dificuldade para se ajustar à vida no acampamento do que ele.

Como membro da elite do corpo de engenheiros da nave, Luke tornou-se útil imediatamente. Glass trabalhou duro e fez o seu melhor, mas ela não era uma líder natural como seu amigo de infância Wells, e ela não tinha uma experiência clara como Clarke, cujo treinamento médico já salvou incontáveis vidas. E embora Clarke não tivesse mostrado nada além de paciência e bondade para com ela, Glass não podia afastar a sensação de que sua antiga colega de escola ainda a via como a garota superficial cuja vida girava em torno de bugigangas, bolsas e fofocar com suas amigas igualmente fúteis.

Glass se levantou, forçando um sorriso.

— Nós devemos ir. Eu disse a Clarke que a ajudaria a trazer comida para as pessoas na enfermaria, então... - Ela acenou com a cabeça para a porta. — Vamos lá.

— Sim, senhora - Luke disse com uma saudação brincalhona.

Glass o empurrou porta afora, e ele riu, mãos levantadas em sinal de rendição. Ela o observou correr alguns passos à frente dela.

O Dr. Lahiri disse que a recuperação de Luke foi milagrosamente rápida, mas Glass ainda não conseguia olhar para sua perna sem ver a lança terrestre fincada nela. Ela arrastou Luke para a segurança, para baixo, entre rios e florestas, chegando de volta ao acampamento bem a tempo de conseguir o remédio de que precisava para curá-lo. Wells a havia chamado de "corajosa", mas ela estava agindo por medo e desespero. Depois de tudo que eles passaram, tudo que eles sacrificaram, ela não conseguia imaginar a vida sem Luke.

Ele olhou para ela, claramente se perguntando por que ela estava demorando tanto.

Ela sorriu para ele e gritou:

— Apenas apreciando a vista.

Ele ergueu as sobrançelas. Glass se aproximou, agarrou o braço dele e se pressionou contra ele, igualando-o passo a passo. Ao passarem pelas cabanas para a clareira, eles tiveram o primeiro vislumbre das festividades: um círculo de longas mesas decoradas com coroas, guirlandas, e mais comida do que Glass vira desde o desembarque na Terra.

— Pensando bem, você está certa - Disse Luke melancolicamente. — Parece um pouco injusto que eu tenha que estar de plantão agora.

— Vou guardar um pouco para você. Eu prometo. Bastante sobremesa.

— Não se preocupe com a sobremesa - disse Luke. Ele inclinou a cabeça para encostar os lábios contra a nuca de Glass, antes de levantar a boca para sussurrar em seu ouvido:

— Só há uma coisa que eu quero, e não estou preocupado com seu fim. - Seu hálito quente em sua pele a fez estremecer.

— Cuidado aí, soldado! - Paul passou, balançando a cabeça com zombaria. — Envolver-se em atividades íntimas durante o serviço é estritamente proibido. Seção 42 da Doutrina Gaia. - Paul soltou uma gargalhada, piscou e continuou seu caminho.

Glass revirou os olhos, mas Luke apenas sorriu.

— Paul está bem. Ele só levará algum tempo para se acostumar.

— Você diria isso sobre qualquer pessoa - Disse Glass, apertando seu braço com mais força. —

Você vê o melhor em todos.

Era uma qualidade que ela admirava em Luke, embora às vezes o impedisse de ver as verdadeiras faces das pessoas, como seu amigo assustador e colega de quarto na Colônia, Carter.

Na borda da clareira ficava a torre de vigia recém-construída, onde os guardas mantinham suas armas. Foi a construção mais fortificada do acampamento.

Uma das guardas mais jovens, Willa, emergiu da torre, bocejando.

— Você tem o próximo turno, Luke? - Ela perguntou, entrando em uma corrida lenta enquanto ia em direção a eles. — Está completamente mórbido. Sem sinais de atividade. Não há nem armas

para cuidar.

A sobrançelha de Luke franziu ligeiramente.

— O que você quer dizer?

— Eu acho que eles retiraram as armas? - Willa encolheu os ombros.

— Eu deixei meu rifle na prateleira, mas agora ele não está mais lá.

— Certo... - O passo de Luke diminuiu um pouco. — Obrigado, Willa. Vou descobrir o que está acontecendo.

Glass ficou na ponta dos pés para dar mais um beijo em Luke, depois se levantou e o observou entrar na torre. Depois que ele desapareceu, o cheiro de carne assada fez sua cabeça voltar para as mesas fartamente servidas da Festa da Colheita. No centro da clareira, os novos membros do Conselho estavam juntos, conversando animadamente. Bellamy ficou de lado, olhando nervosamente por cima do ombro em alguns momentos. Mais abaixo, Glass avistou Clarke indo para a enfermaria do outro lado da clareira, os braços carregando travessas.

Glass começou a correr e rapidamente a alcançou.

— Posso ajudar? - Ela perguntou, pegando uma das travessas.

Clarke olhou para ela, claramente esgotada.

— Eu consigo - Disse ela. — Mas você pode me fazer um grande favor? Você pode correr e pegar um pouco de camomila no canteiro perto da lagoa? Alguns de nossos pacientes precisam dormir e elas levam um tempo para fermentar.

— Com certeza - Disse Glass rapidamente, ansiosa em ser útil. — Como elas são?

— Pequenas flores brancas. Traga o máximo que puder encontrar, raízes incluídas.

— Certo. E onde fica a lagoa?

— Cerca de dez minutos a pé para o leste. Você dirige-se para a aldeia terrestre, vira-se quando chegar aos pinheiros. Então continue andando um pouco e vire à esquerda naquele aglomerado de arbustos de amora-preta.

— Desculpe, quais são os pinheiros?

Um lampejo de irritação cruzou o rosto atormentado de Clarke.

— Aqueles com agulhas em vez de folhas.

— Certo - Disse Glass, assentindo — E os arbustos de amora-preta são...?

— Na verdade, não se preocupe com isso - Cortou Clarke. — Eu mesma irei.

— Não, tudo bem. Eu posso fazer isso - Disse Glass. Ela tinha certeza de que Luke havia mostrado um arbusto de amora-preta para ela em algum momento. — Eu vou encontrar.

Clarke suspirou.

— É mais fácil se eu fizer isso. Mas obrigada. Talvez na próxima vez.

Ela saiu correndo, deixando Glass sozinha, bochechas queimando enquanto ela se perguntava quanto tempo levaria para ela parar de se sentir deslocada. Ou pior, um fardo.

À distância, Max levantou a mão e o burburinho animado de conversas diminuiu o suficiente para Glass o ouvir. Ele deu as boas-vindas a todos à festa e explicou que, embora a tradição tivesse evoluído ao longo dos séculos, sempre foi um feriado para agradecer.

— E então, vamos todos usar esse momento para pensar sobre nossas bênçãos, para sentir gratidão pelo que vemos diante de nós agora, e pelos presentes que enriqueceram nosso passado. - Sua voz falhou e ele fez uma pausa, enviando um choque de dor peito de Glass.

Ela não conhecia Sasha bem, mas conhecia a agonia da dor. Todas as noites, assim que ela estava caindo no sono, uma imagem rastejou às margens de sua mente: sua mãe, jogando-se na frente de Glass no módulo de transporte para protegê-la, o sangue brotando brilhante em sua camisa e espalhando-se, até que a luz sumisse por completo de seus olhos.

A voz de Max foi subitamente abafada por aplausos. Tantas pessoas se levantaram, que era difícil ver o que estava acontecendo, mas parecia que ele estava abraçando Wells.

Glass respirou fundo e começou a caminhar em direção à reunião. Se ela não pudesse ser útil, ela poderia muito bem se juntar às festividades. Quando ela se aproximou das mesas, uma grande pinha

caiu de um galho pendurado e pousou a seus pés. Sem pensar, ela o chutou como fez ao brincar com as crianças. Ele quicou uma vez e pousou a alguns metros de distância, em seguida, explodiu.

A luz atingiu Glass primeiro, um flash cegante que pareceu reduzir o mundo inteiro ao seu brilho.

Então subiu uma parede de ar, e a terra estremeceu levantando-se. Ela mal teve tempo para processar o trovejar do som antes que fosse substituído por um lamento agudo em seus ouvidos.

Seu rosto estava no chão. Glass soltou um suspiro, e o ar que ela sentiu era enfumaçado, grosso e estranhamente errado. Ela se impulsionou para cima com um gemido fraco, seu corpo tremendo.

O acampamento estava em chamas. Ela limpou uma brasa quente de sua bochecha segundos antes de outra explosão abalar o outro lado da clareira, perto de onde ficava a torre de guarda. Pessoas estavam gritando, correndo. Glass ficou de joelhos, esticando o braço ao longo do chão para puxar para cima quem quer que estivesse no chão ao lado dela... e percebeu um segundo depois que era apenas uma mão. Ligado a nada mais.

Ela gritou e recuou. Bile subiu em sua garganta, mas ela engoliu em seco e lutou para ficar de pé, gritando:

— Luke! Luke!

Ela não conseguiu se orientar e girou três vezes antes de perceber o porquê. Ela estava procurando a torre de guarda, que tinha sumido. Agora não era mais do que um monte fumegante de madeira; toda a área ao redor dela queimava.

A torre em que Luke estava foi destruída.

Glass cambaleou em direção às ruínas, entorpecida aos protestos de seu corpo maltratado. A única coisa que ela podia sentir era o pânico inundando suas veias. Ela tentou gritar, mas não conseguiu produzir qualquer som.

Justamente quando ela pensou que poderia desmaiar com o turbilhão vertiginoso de medo e tristeza, ela avistou uma forma familiar emergindo da nuvem de fumaça. *Luke*. Ele estava bem; ele não estava na torre, afinal. Do outro lado da clareira, seus olhos se encontraram, e ela percebeu o alívio ao ver que o rosto de Luke espelhava o seu.

Mas então ele olhou por cima do ombro e seus olhos se arregalaram de medo. Ela não conseguia ouvir as palavras, mas ela tinha certeza de que ele disse:

— *Corra.*

Glass se virou e teve um breve vislumbre de um homem alto caminhando em sua direção.

Ele tinha a cabeça raspada e vestia roupas brancas estranhas.

E então ele enfiou uma agulha em seu pescoço.

O mundo passou de vermelho quente para branco irregular e depois preto. Como se de uma grande distância, Glass sentisse que estava caindo em meio ao nada.

CAPÍTULO 4

Bellamy

Enquanto as pessoas gritavam, fugiam e caíam ao redor, dois pensamentos lhe ocorreram: *Isso não pode estar acontecendo.*

E... eu sabia disso.

Eles nunca estariam seguros na Terra.

Em seguida, pensamentos mais urgentes cortaram a névoa que rondava sua mente.

Clarke. Octavia. Wells. De sua posição na mesa do Conselho, Bellamy examinou a clareira cheia de fumaça, mas seus olhos estavam queimando e ele mal conseguia ver qualquer rosto.

— Octavia! - O nome de sua irmã rasgou sua garganta, mas o som se

perdeu no barulho. —

Clarke! Onde você está? - Ele cambaleou para frente. Ele tinha que continuar andando até que ele os encontrasse.

Um som de quebrar os ossos perfurou o rugido de gritos frenéticos. Tiroteio. Mesmo meio enlouquecido com pânico e medo, Bellamy registrou a estranheza disso. Os terráqueos que os atacaram da última vez não tinham armas.

— Bellamy! Abaixе-se! - Uma mão forte envolveu seu pulso, puxando-o para a terra. Felix estava agachado sob a mesa de madeira ao lado de cinco ou seis outras figuras trêmulas.

— Está vindo da floresta... oh meu Deus... oh meu Deus. - Felix se engasgou. — Eric está lá fora.

Ele estava trazendo suprimentos para a aldeia. Você consegue vê-lo?

O estrondo dos tiros parou, deixando os ouvidos de Bellamy zumbindo. Seus invasores estavam recarregando.

— Fiquem todos abaixados!

A voz de Max berrou de algum lugar próximo. Mas era tarde demais. Quando a fumaça começou a se dissipar, Bellamy viu uma mulher arcadiana que ele reconheceu rastejar para fora de debaixo de uma mesa e correr em direção às cabanas. Houve outro jato de arma de fogo, e ela caiu para trás, sangue jorrando de seu pescoço.

Um momento depois, a mãe de Clarke deu um pulo e estava ao lado da mulher, pressionando sua mão contra o pescoço dela. Uma nova rodada de balas rasgou o ar e ela se achatou contra o chão.

— Mary! - Gritou Bellamy — Volte! - Mas ele sabia que estava perdendo o fôlego.

Qualquer gene que impedia a maioria das pessoas de arriscar suas vidas para salvar outras, as mulheres Griffin não o tinham. Seu coração deu um salto. *Clarke*. Ele precisava encontrá-la antes que ela fizesse algo mal-intencionado e imprudente.

Bellamy cerrou os dentes e começou a engatinhar para frente de barriga para baixo. Ele olhou para cima e viu Wells e Eric correrem para fora da floresta. Eles agarraram um terrestre ferido do chão e arrastaram-no até a borda da clareira para se abrigar nas árvores.

Bellamy saltou sobre seus pés e correu até eles, agachando-se ao lado de Eric e Wells atrás de uma grande árvore.

— Vocês viram Clarke ou Octavia? - Bellamy perguntou com voz rouca.

Wells balançou a cabeça.

— Alguém viu o Felix? - Eric perguntou, inclinando-se para frente para olhar para a clareira.

— Ele está se escondendo embaixo de uma das mesas - disse Bellamy.

— Eu estava com ele um momento atrás. Ele estava bem.

Eric soltou um longo suspiro.

— Graças a Deus.

— O que diabos está acontecendo? - Bellamy perguntou, as palavras saindo embora ele soubesse que não obteria uma resposta real.

Ele podia ver sua própria confusão e terror espelhado nos rostos de Eric e Wells.

— Eu não sei - Disse Wells, uma nota de angústia em sua voz. — Espere... olhem...

No lado oposto da clareira, pessoas emergiram das sombras da floresta. Lá estavam pelo menos duas dúzias deles, todos homens. Eles tinham a cabeça raspada e se vestiam totalmente de branco. E eles estavam *marchando*.

O sangue de Bellamy se transformou em gelo enquanto as figuras se apr oximavam, sem expressão, rostos assustadores e mascarados entrando em um foco. Mas nada era tão assustador quanto as armas brilhando ao sol da tarde.

Enquanto eles se moviam em direção ao centro da clareira, alguns dos homens saíram da formação para arrancar colonos e terráqueos de debaixo das mesas. Eles arrastaram as pessoas por seus braços e pernas, e voltavam para a floresta com seus cativos.

— O que eles estão fazendo? Não podemos deixar que levem ninguém - Disse Wells.

Ele se levantou e investiu para frente, mas não antes de Bellamy e Eric o segurarem, um de cada lado.

— Você está louco? - Bellamy sibilou. — Eles vão *matar* você!

— Não podemos apenas nos esconder. Olhe o que eles estão fazendo! - Wells desvencilhou-se de Bellamy e Eric, e apontou com a mão trêmula.

Outro grupo de homens vestidos de branco marchou para fora da cabana de abastecimento, carregando grandes sacos de lona. Os bastardos estavam levando todos os seus suprimentos, sua comida, sua madeira. Até as armas que usavam pareciam familiares, e por boas razões. Os intrusos haviam roubado os rifles dos colonos para usar contra eles.

Uma mão pousou sobre o ombro de Bellamy, e o fez pular. Era o pai de Clarke, pálido e trêmulo. Mas não foi seu rosto pálido que fez o pulso de Bellamy disparar. Ele tinha um braço em volta sua esposa, que estava segurando seu lado, as mãos encharcadas de vermelho.

— Vocês estão bem? - Bellamy perguntou enquanto Wells se apressava para pegá-la pelo braço.

— Estou bem. - disse Mary, embora seu rosto estivesse contorcido de dor. — Mas estou preocupada com Clarke. Ela estava a caminho da enfermaria quando as explosões começaram.

Eu não sei... - Ela parou de falar com uma careta.

— Eu vou encontrá-la. - Bellamy estendeu a mão para apertar seu braço ileso. — Eu prometo.

— Eu vou com você. - Disse Wells.

— Não, você fica com eles. - Bellamy acenou com a cabeça em direção aos pais de Clarke. —

Assim você estará mais perto das pessoas feridas. - Ele orou para que ainda houvesse pessoas para ajudar quando tudo acabasse.

Os homens inexpressivos e vestidos de branco se espalharam pela clareira. Alguns chutaram corpos no chão, em busca de sinais de vida. Não estava claro para Bellamy quem eles estavam procurando, o que determinou quem eles deixaram e quem eles arrastaram para longe.

Após um instante, outro tiro de zumbido saiu, seguido por gritos, ou pior, silêncio.

Bellamy se virou e correu pela floresta em direção à cabana da enfermaria na outra extremidade da clareira. Meses de caça o ensinaram a se mover rápida e silenciosamente, embora desta vez, ele não estivesse caçando - era a presa. Ele passou por várias pessoas amontoadas atrás das árvores, observando com os olhos arregalados enquanto ele corria. Alguns o chamaram, mas ele não diminuiu o passo. Primeiro ele tinha que ter certeza de que Clarke e sua irmã estavam seguras. Então ele faria tudo o que pudesse para ajudar os demais.

— Bel? - Ele ouviu um sussurro alto.

Um lampejo de cabelo preto amarrado naquela fita vermelha irregular. *Octavia*.

Ele derrapou até parar. Sua irmã estava agachada atrás de um arbusto perto da borda da clareira, seus braços curvados para fora para cercar o maior número de crianças que ela pudesse, impedindo-as de se mexerem ou serem vistas pelos invasores.

— O que fazemos? ela perguntou baixinho, sua voz mais cheia de ferocidade do que medo.

— Fiquem aí - disse Bellamy baixinho - Eu voltarei para ajudar vocês.

Octavia acenou com a cabeça, sussurrando para as crianças.

Bellamy estava quase na cabana da enfermaria, mas ele teria que correr em terreno aberto para chegar lá. Felizmente, os invasores não tinham vindo até aqui; eles ainda estavam concentrados no outro limite da clareira, perto das cabines de abastecimento, onde o banquete havia sido organizado.

Bellamy soltou um suspiro longo e entrecortado quando chegou à porta. A cabana parecia intacta, nenhum invasor à vista. Mas estava preocupantemente silenciosa.

Um galho quebrou atrás dele e Bellamy girou, os punhos cerrados. Mas em vez de um dos homens de branco, era um guarda da colônia, os braços erguidos em sinal de rendição. Luke estava quase irreconhecível, coberto de fuligem cinzenta desde os cabelos cacheados até as botas. Ele segurava um rifle, que ele abaixou enquanto dava alguns passos em direção a Bellamy, mancando mais do que o normal.

Bellamy colocou a mão no braço de Luke.

— Você está bem?

Luke parecia mais perplexo do que assustado.

— Fui jogado na primeira explosão, então alguém, um daqueles caras de branco começou a me arrastar antes que houvesse a segunda explosão. Eu fugi, consegui esta arma, e lutei contra eles.

Bellamy olhou ao redor.

— Você foi seguido?

— Acho que não.

— Ótimo. Venha. Vamos entrar.

Bellamy tentou abrir a porta da enfermaria e encontrou uma barricada com armários, malas médicas, e um berço. *Bem pensado, Clarke*, ele pensou, mesmo que isso os impedisse de entrar também. Mas eles precisavam se apressar. Os invasores ainda estavam concentrados em

invadir suprimentos do outro lado da clareira, mas eles fariam seu caminho para esse fim em breve.

— Clarke. - Ele chamou suavemente. - Sou eu.

Os dedos de Clarke apareceram no topo da pilha, puxando os objetos para baixo.

— Você precisará escalar! - Ela disse. — Vou abrir espaço no topo. Quem está com você? Você tem crianças?

— Elas estão se escondendo com O. - Bellamy respondeu. - Vamos trazê-los aqui.

— Vá! - Clarke disse, mas Bellamy já estava correndo de volta para o perímetro, Luke logo atrás dele.

A fumaça saiu dos prédios dizimados do acampamento e uma enorme nuvem cinza se espalhou pelas novas cabanas residenciais. Nos momentos em que ele esteve na enfermaria, os homens de branco pareciam ter deixado a clareira.

As crianças devem ter visto Bellamy e Luke chegando, porque a menor delas começou a rastejar para fora da relativa segurança da floresta. Bellamy praguejou. O acampamento pode parecer assustadoramente vazio agora, mas eles estiveram sob ataque apenas alguns minutos

atrás. O menino, de talvez cinco anos, correu em direção a Luke, soluçando, os braços estendidos para ser levado à seu colo. Mas eles ainda estavam a trezentos metros de distância, no mínimo.

As outras crianças seguiram o menino em uma corrida louca, toda a ordem abandonada.

Bellamy começou a correr, direcionando as crianças à enfermaria quando passaram por ele uma onda, seus olhos varrendo a borda da clareira tão rápido que tudo pareceu borrar.

Todas menos Octavia, ainda muito longe, tropeçando enquanto corria. Então, como uma cena de um pesadelo, três figuras altas em branco emergiram da sombra da floresta. Bellamy podia apenas correr e correr e correr e observar, seus olhos fixos no rosto de sua irmã.

Corra, gritou ele. Exceto que nenhum som saiu. Nem mesmo quando dois dos homens a agarraram, torcendo os braços atrás das costas, enquanto o terceiro puxava uma seringa do bolso e a afundava em seu pescoço. Alguns segundos depois, ela caiu inerte como uma boneca de pano nos braços de seus captores.

— Não! - Bellamy gritou. - Tire suas mãos dela ou vou *matar* você!

As três figuras ergueram os olhos, ligeiramente curiosas; então um deles jogou algo na clareira entre eles - e os outros carregaram sua irmã de volta para a floresta.

Bellamy começou a persegui-los, mas Luke o agarrou e o puxou para trás.

— É uma granada! Abaixei!

Eles caíram lado a lado no chão duro, as mãos sobre as cabeças, preparando-se para a explosão, mas essa foi abafada. Bellamy olhou para cima, vendo uma parede de fumaça entre ele e o último local em que vira sua irmã. Ele puxou a camisa, cobrindo o rosto e prendendo a respiração enquanto rasgou a névoa, emergindo do outro lado para ver... nada.

Os invasores tinham partido.

Assim como Octavia.

Algo bateu contra sua cabeça, repetidamente em um ritmo lento e implacável. Ele tentou abrir seus olhos, mas eles eram pesados como sacos de areia e algo roía o fundo de sua mente, sussurrando que ele não queria acordar ainda. Ele não estava pronto para saber.

A última coisa que ele conseguia lembrar era que ele estava na floresta com Eric. Bellamy tinha ido encontrar Clarke, Wells e Eric estavam entrando e saindo da clareira, pegando os mais feridos e trazendo-os para a floresta, onde o pai de Clarke poderia tratá-los. Ele e Eric tinham acabado de se abaixar de volta sob a cobertura das árvores, sustentando alguém entre eles.

Então houve um uma picada afiada contra sua omoplata. Wells se virou para encontrar um homem estranho e sério com bochechas encovadas. Então nada.

A consciência se instalou. A sensação de madeira dura e rachada sob seus ombros. Um movimento oscilante, como ele havia sentido no módulo de transporte antes de atingir a atmosfera da Terra. Um cheiro azedo e úmido; um estranho som de trituração. A luz cintilou passando por suas pálpebras.

— Este aqui está acordando - Disse uma voz ao lado de seu ouvido, masculina, desconhecida.

Os olhos de Wells se abriram. Ele estava olhando para uma parede de madeira, mal construída, com lacunas entre as tábuas finas e podres. Por uma das lacunas, ele pode ver um borão verde. Sua mente turva começou a juntar as peças, agonizantemente devagar. A floresta?

Eles estavam passando por ela. Este era algum tipo de veículo.

— Mantenha os olhos nele - Veio outra voz mais profunda, mais longe.

— Para onde diabos você está nos levando? - Uma voz familiar gritou.

Houve um baque forte, a parede chacoalhando. Um rosto surgiu na mente de Wells, um sorriso presunçoso e, em seguida, um nome. Graham. O garoto gritando era Graham.

— Ele ainda não está pronto. Dê a ele outra chance - Veio a voz profunda novamente.

Assustado, Wells se mexeu, mas percebeu que seus braços estavam

amarrados atrás dele, talvez seus tornozelos também. Isto era difícil dizer - sua coluna estava torta e com câibras, as pernas dormentes. Ele chutou, só um pouco, e suas pernas explodiram em alfinetadas dolorosas.

— Você está bem - Veio aquela mesma voz impassível acima dele.

Wells conseguiu virar sua cabeça longe o suficiente para ver um menino pálido olhando para ele.

— A luta acabou. Você é um dos sortudos.

— Um dos sortudos? - Wells tentou dizer, mas sua boca não funcionou.

Eu fui drogado. A dor nas minhas costas... eles me pegaram na floresta e me injetaram alguma coisa.

— Você é um de nós agora - Disse o garoto pálido, desviando o olhar - Se você não gritar, vamos deixá-lo acordado.

Mas Wells mal ouviu o final da frase. Ele estava escorregando de novo e então sumiu.

Estava escuro na próxima vez que ele abriu os olhos. Alguém o havia apoiado e colocaram-no sentado, as pernas esticadas à sua frente, ainda amarradas por um barbante grosso.

Prendendo a respiração, ele piscou até que sua visão se ajustou. Seu palpito anterior estava certo.

Ele estava dentro de algum tipo de carroça coberta, com paredes altas de madeira e janelas altas com grades. Havia um pequeno banco do outro lado do espaço estreito. Três homens em uniformes brancos estavam sentados nele, incluindo o pálido menino e o homem assustador da floresta. Wells respirou fundo, mas eles não estavam olhando para ele. Eles não estavam conversando um com o outro também, apenas sentados lá, balançando com o movimento da carroça, seus olhos completamente vazios.

A estrada balançou e o ombro de Wells bateu no de outra pessoa. Seu corpo ainda não era tão ágil quanto ele desejava, mas ele conseguiu virar a cabeça o suficiente para ver quatro pessoas ao lado dele. Estavam todos presos à parede, sentados, todos dormindo, provavelmente drogados. O coração de Wells deu um salto quando seus olhos passaram por seus rostos. Ao lado de Graham estava Eric,

um corte profundo em uma bochecha, seguido por um garoto arcadiano.

A quarta figura era um pouco mais velha, menos familiar. Era uma das pessoas do povo de Sasha.

Outro nó se formou em seu estômago já contraído. Não importava o que ele havia feito, ele continuou a decepcioná-la. Ele não sabia quem eram esses assassinos de branco, mas eles não entraram em cena até o aparecimento dos colonos.

Wells suspeitava que deviam existir outras pessoas vivas na Terra, mas o povo de Sasha nunca encontrou quaisquer outros. Eles encontraram o local por causa dos módulos de transporte? Tinham os colonos condenado todos eles?

A carroça sacudiu e sua cabeça rolou para trás. Ele respirou fundo e se ajoitou, torcendo o pescoço na direção correta novamente.

O soldado pálido estava olhando para ele através da carroça escura. Wells olhou de volta.

— Quem são vocês? - Wells perguntou, e desta vez o som realmente saiu.

— Nós somos os Protetores. - Disse o menino com uma voz estranha, quase sonhadora.

— *Protetores*. - Cuspiu Wells ao lembrar da fumaça das explosões. Os corpos na terra. — Vocês tentaram nos matar. Quem diabos são vocês e o que vocês querem?

— Nós invadimos seu acampamento. - O garoto disse calmamente. — Pegamos o que era útil e descartamos o que não era. Você vai aprender.

O pânico cresceu no peito de Wells, mas ele lutou para controlá-lo.

— Se você apenas precisava de suprimentos, por que nos trouxe com você?

Os olhos azuis gelados do menino se fixaram em Wells com um olhar avaliativo.

— Você pode ser útil. Ou não. Saberemos em breve. Não demorou muito para eliminar os fracos.

Wells se recusou a desviar o olhar, a façanha de conter sua raiva tornou isso muito mais fácil do que qualquer droga que injetaram nele, ainda abrindo caminho para fora de seu sistema.

O homem mais velho que agarrou Wells assentiu.

— Você é jovem. Forte. - Disse ele. — Se a Terra quiser isso, você vai se sair bem.

Os outros dois repetiram estupidamente:

— Se a Terra assim o desejar.

Wells ouviu um suspiro na linha. Ele girou a cabeça para ver Eric começando a acordar.

Eric piscou algumas vezes; então seus olhos se arregalaram. Sua mandíbula se contraiu como se ele estivesse prestes a começar a gritar, mas Wells balançou a cabeça um pouquinho, rezando para que Eric estivesse lúcido o suficiente para captar o sinal.

Ele captou. Eric engoliu em seco, piscando uma vez em resposta, e baixou os olhos para o chão. *Ótimo*, Wells pensou. *Preciso de tempo para obter mais respostas.*

— Para onde vocês estão nos levando? - Wells perguntou, tentando manter a calma.

— Você vai gostar de lá. - Disse o terceiro homem, alto e esguio.

Wells não o tinha ouvido falar antes. Sua voz era estranhamente doce, lírica, quase como se ele estivesse recitando uma canção de ninar.

— É um lugar seguro.

— O lugar mais seguro onde? - Wells perguntou, incapaz de conter uma nota de frustração.

— O lugar mais seguro da Terra. - Disse o homem, sorrindo. — Um dia tudo estará seguro, se a Terra quiser isto.

— Se a Terra assim o desejar. - Todos disseram novamente, causando arrepios nas costas de Wells.

— E se você for escolhido, você nos ajudará a espalhar a paz. - Disse o soldado pálido.

— Então vocês são soldados da paz? - Wells disse.

— Somos *invasores*. - Disse o homem mais velho. - E você também será se aprender a manter sua boca fechada.

— Eu pensei que vocês se chamavam de Protetores. - Wells disse cuidadosamente.

Todos eles se viraram para olhar para ele por um longo momento. O homem de voz doce sorriu.

— Você vai aprender.

Ele tentou outra abordagem.

— Como você encontrou nosso acampamento?

— Não é mais seu acampamento. - Disse o homem mais velho bruscamente. — Também não é a sua aldeia. Não se pode ter uma aldeia sem a bênção da Terra.

— Então você a destruiu e matou todos em seu caminho. - Eric disse, sua voz rouca de dor. Ele estava totalmente acordado agora e tremendo de raiva.

— Nós não matamos *todo mundo*. - Disse o garoto pálido, com os olhos arregalados como se estivesse chocado. — Não somos monstros. Nós fazemos o trabalho da Terra, isso é tudo. Nós poupamos os mais fortes de vocês e guardamos o melhor de suas mulheres, não é?

Wells e Eric trocaram olhares aterrorizados. Quem mais eles haviam levado? Ele orou com cada fibra em seu corpo que eles não estavam falando sobre Clarke, Octavia ou Glass. Ou, seu estômago agitou-se, uma das meninas mais novas como Molly.

— E nós deixamos os jovens e os fracos. - O garoto pálido se inclinou para frente, ainda protestando. — Nós não os *matamos*. A Terra fará com eles o que Ela achar melhor.

Os jovens. Os fracos. O coração de Wells disparou ao pensar na enfermaria, rezando para Clarke estar lá... um dos *descartados* que eles abandonaram quando invadiram o acampamento.

Mas e quanto a Bellamy? E Max?

— Por que vocês estão fazendo isso? - Uma voz rouca e cadenciada no final da fila.

O aldeão terráqueo havia acordado. Ele estava olhando para os soldados, seus olhos brilhando com lágrimas.

— Por que vocês destruíram o que trabalhamos tanto para construir?

O menino piscou, aparentemente confuso com a pergunta.

— Porque era a coisa certa a fazer. É o que fazemos em todo lugar.

— Em todo lugar? - Wells repetiu.

— Em todo lugar que resta. - Disse ele, olhando para longe pela janela escura e gradeada. — Até toda a Terra estar segura.

— Segura de *quê*? - Wells explodiu, incapaz de se conter.

— Você vai aprender. - Disse o homem mais velho, aquele que o havia levado, enquanto os outros zumbiam juntos. — Você vai aprender.

Wells cerrou os punhos atrás dele, preparando-se para a longa cavalgada. De uma forma ou de outra, esses “invasores”, “Protetores”, o que quer que fossem, estavam certos - Wells iria aprender. Ele iria aprender o máximo que puder.

E então ele lutaria de volta.

CAPÍTULO 6

Clarke

A Lua Vermelha do Caçador veio e se foi, o sol nasceu em um novo dia e o acampamento ainda estava queimando. Uma lenta onda de fumaça subiu da terra arrasada, cobrindo o céu em um névoa cinza doentia. Mas nada fez para obscurecer o que restou do acampamento.

Quando Clarke saiu da cabana da enfermaria para respirar, ela tentou se preparar para a devastação, mas a cena diante dela ainda foi como um soco no estômago. Além da Torre de Guarda, mais da metade das cabanas recém-construídas foram destruídas. A clareira estava repleta de pedaços de madeira carbonizada, pedaços de metal destorcidos e pedaços de roupas.

E até algumas horas atrás... corpos.

Quem quer que os tenha atacado tinha desaparecido tão rápida e

misteriosamente como apareceram, mas não havia como fingir que os eventos de ontem foram um sonho terrível. Ao pôr do sol, vinte e dois corpos seriam baixados para sepulturas recém-cavadas. Agora Clarke, seu pai e o Dr. Lahiri estavam fazendo tudo ao seu alcance para garantir que esse número não aumentasse, que todos os feridos permanecessem com eles... incluindo sua mãe.

Quando ela se virou em direção à seção do acampamento onde as cabanas residenciais costumavam ficar, o horizonte ondulado com ondas de calor. Eles tentaram apagar o fogo no início, mas o Conselho pediu para que não fizessem isso. Clarke entendeu. Eles tinham apenas algumas coisas restantes: água e um pouquinho de energia de reserva. Não havia sentido em desperdiçar os dois em uma batalha perdida, especialmente porque o vento estava fraco e as chamas não se espalhavam mais. Uma das cabanas fumegantes tinha se tornado uma fogueira improvisada. As camas da enfermaria eram estritamente para os feridos, então Clarke não ficou surpresa ao ver as pessoas amontoadas ao redor da cabana, se aquecendo.

Precisamos de comida, Clarke pensou vagamente, esfregando os olhos, que coçavam com a fumaça. Na última noite, eles verificaram os armazéns de alimentos do acampamento, sabendo o que encontrariam. Tudo que eles tinham abastecido para o inverno tinha sido levado pelos invasores. Bellamy teria que dar uma festa de caça em breve.

Mas os estoques de comida, armas e madeira eram insignificantes em comparação com o que foi roubado. Os mortos e feridos foram todos contabilizados, o que significa que dezenove pessoas estavam ausentes. Ninguém além da meia-idade foi levado - e felizmente todas as crianças estavam seguras - mas isso era pouco consolador para seus amigos e familiares. Uma mulher teve que ser contida fisicamente de ir atrás da filha que ela viu ser arrastada para longe.

Para a surpresa de Clarke, Bellamy foi uma das pessoas a segurá-la, embora tivessem levado

Octavia e Wells. Mesmo em sua névoa frenética de fúria e dor, ele percebeu a futilidade de ir atrás de seus invasores, despreparado e desarmado.

Clarke passou por cima de um tronco carbonizado, que um dia fora a cabana do quartel dos guardas, e correu os números em sua cabeça. Cerca de duzentos estão atualmente seguros ou apenas ligeiramente feridos. Quase trinta gravemente feridos. Vinte e dois mortos. Dezenove desaparecidos.

Octavia. Glass. Graham. Eric. *Wells*. O melhor amigo dela. Seu primeiro amor. O menino que arriscou tudo para protegê-la.

A respiração de Clarke oscilou. Ela pressionou as mãos nos joelhos, puxando em um suspiro trêmulo, desejando que o soluço que subia em sua garganta ficasse parado. Agora não.

Ainda não. Não até que eles tivessem feito tudo o que podiam para ajudar os feridos, acalmar os moribundos, preparar o acampamento para outra longa noite ... e descobrir o que fazer a seguir.

Clarke amarrou o rabo de cavalo e voltou para a enfermaria.

Então uma voz distante a fez parar. Bellamy.

Clarke se virou para vê-lo em uma conversa tranquila com Rhodes e Max ao lado do fogueira. Ele estava de costas para ela, a cabeça baixa. Ela mal colocou os olhos nele o dia todo.

Ele também esteve ocupado patrulhando e fazendo um balanço do acampamento para passar pela enfermaria. Ou talvez ele estivesse evitando-a.

Parte dela queria continuar andando para evitar ter que olhar em seus olhos doloridos.

Ela deveria ter confiado nele, deveria ter acreditado nele, em vez de considerar suas preocupações como paranoia. Ele era uma das pessoas mais inteligentes e intuitivas que ela já conheceu, e ainda assim ela o tratou como um paciente perturbado.

Ela se dirigiu para a fogueira, a vergonha em seu peito queimando mais quente do que as chamas. Ao aproximar-se do pequeno grupo, sua conversa tornou-se audível.

— O que mais? - Max estava perguntando.

— Pilhas de folhas. - Disse Bellamy, apontando para a floresta. — E quando Luke e eu as examinamos esta manhã, confirmamos o que eu suspeitava. Havia buracos cavados sob as pilhas de folhas. Eles podem ter escondido suprimentos lá para o ataque. Ou até eles próprios. Bunkers improvisados.

— E você já ouviu vozes nas árvores? - Max perguntou.

Clarke congelou quando Bellamy respirou fundo, seus ombros subindo

com isso.

— Sim, semana passada. Tudo o que ouvi foi uma frase. Duas palavras. “*Este aqui.*” E então um apito de outra árvore, e foi isso. Eu olhei para as árvores pelo que pareceu uma hora, mas eu não consegui ver absolutamente nada.

— Gostaria que você tivesse vindo mais cedo. - Disse Rhodes.

Então, talvez pela expressão de Bellamy, ele estremeceu, organizando o cabelo com as pontas dos dedos.

— Mas sim. Eu certamente entendo.

— Você tem uma teoria? - Max interrompeu, acenando para Bellamy.

Bellamy se endireitou, ajustando a alça do arco.

— Acho que eles estão nos observando desde o mês passado, talvez mais. Eles conheciam todos os nossos planos. Nossas rotinas. Eles sabiam o layout de todos os edifícios e quando eles estariam desprotegidos. E... - Sua voz falhou ligeiramente. — Eles sabiam quem eles iriam matar e quem eles iriam levar.

— Você acha que eles estavam planejando levar você? - Max perguntou.

— Se eu fosse um alvo mais fácil... sim, acho que sim.

Mesmo daqui, Clarke podia ouvir o desejo amargo em sua voz. Ele gostaria de ter sido levado para que ele pudesse estar com seus irmãos e fazer o melhor para protegê-los. Bellamy suspirou e olhou ao redor da clareira, seus olhos pousando em Clarke.

Sua mandíbula se apertou e, por um breve momento, ela pensou que ele a ignoraria. *Ele me culpa*, ela pensou. *Claro que sim. Tudo isso é minha culpa.* Mas então ele soltou um longo suspiro, acenou um adeus para Rhodes e Max e veio se juntar a ela.

Ela se preparou para uma explosão de raiva dele, mas ele agarrou seus ombros e a puxou em um abraço. O calor de sua pele, o peso de seus braços, desbloqueou algo dentro dela. Todo o medo e culpa que ela estava segurando desesperadamente vieram correndo, e logo as lágrimas estavam escorrendo por suas bochechas. Depois que elas começaram, ela não conseguia fazer com que parassem.

— Você está bem? - Bellamy sussurrou em seu ouvido.

Soluços sacudiram seu corpo e, por alguns momentos, ela não conseguia falar. Mal conseguia respirar. Ela se afundou nele e ele apertou seu abraço, acariciando seu cabelo.

Finalmente, ela deu um passo para trás e enxugou o rosto com as costas da mão.

— Eu sinto muito. - Disse ela com voz rouca. — Você sabia Bellamy. Você sabia o tempo todo e eu não dei ouvidos. Eu queria poder dizer palavras melhores, mas tudo que posso dizer é que sinto muito. Eu sou uma idiota. Eu...

— Não, Clarke. - Bellamy agarrou a mão dela. — Não. Isso não é culpa sua. É deles. Quem quer que eles sejam.

Ela balançou a cabeça tão violentamente que doeu.

— Eu deveria ter confiado em você.

— Sim. - Ele fechou os olhos brevemente e suspirou. — Sim, eu concordo. Você devia ter. Mas, sabe de uma coisa? Eu não tenho certeza se eu teria, se eu estivesse na mesma posição. Estamos todos apenas fazendo o melhor que podemos.

Bellamy a puxou novamente, pressionando a mão contra as costas dela, sólida e indulgente, até quando ele não tinha razão para ser.

Clarke encostou a bochecha em seu peito, permitindo-se um momento para fechar os olhos, mas quando ela os abriu novamente e olhou para Bellamy, ele estava olhando para a floresta além dela, sua testa enrugada com preocupação. Ela podia ouvir seu coração batendo muito rápido.

Ele queria sair dali. Para encontrar seu irmão e irmã, e machucar as pessoas que levaram eles. Bellamy não tinha tempo para raiva. Só havia tempo para ação.

Toda essa morte, destruição, perda poderia ter sido evitada se ela tivesse feito apenas uma coisa que ela havia prometido a Bellamy fazer: protegê-lo. Ser sua parceira. Ouvir. Mas Bellamy estava certo. Estava feito. Tudo que Clarke podia fazer agora era tentar melhorar a partir desse ponto.

Ela se afastou suavemente, enxugou o rosto com uma última fungada e

acenou com a cabeça para ele.

— O que fazemos agora?

Ele apontou para Max e Rhodes, que estavam cercados de alguns guardas e outros rostos familiares.

— Estamos prestes a anunciar nosso plano.

CAPÍTULO 7

Bellamy

Os colonos sobreviventes e os terráqueos se aglomeraram ao redor da fogueira, lançando olhares nervosos em direção à floresta.

Não estamos seguros em lugar nenhum, Bellamy pensou amargamente enquanto se juntava a Max e os outros membros do Conselho no centro da multidão. Eles eram um pequeno grupo: uma mulher arcadiana chamada Fiona, que se estabeleceu como uma presença sábia e calorosa durante seu curto período na Terra, agora estava no

cemitério em expansão.

Max levantou a mão e os murmúrios morreram, deixando um silêncio desconfortável.

Bellamy mudou seu peso de um lado para o outro. Cada minuto que passavam discutindo a situação era mais um minuto desperdiçado. Ele não tinha tempo para isso. Ele precisava ir agora.

Ele tinha que pensar em seu próprio meio sair, mas então seus olhos viajaram pela multidão e pousaram no grupo de crianças que foram resgatadas com segurança, a maioria deles agarrando-se a Molly, que aos treze anos era agora a mais velha de seus grupo. Eles estavam todos olhando para Bellamy, olhos arregalados e brilhando com algo que parecia estranhamente mais como esperança do que medo.

Eles confiam em mim, ele percebeu. Eles não me veem como um ex-criminoso que continua errando. Eles estão contando comigo.

Rhodes acenou com a cabeça para Max, deu um passo à frente e começou a falar. O som de sua voz ainda deixando os dentes de Bellamy cerrados no limite. Embora estivessem do mesmo lado agora, levaria mais tempo do que alguns meses para desfazer o ressentimento profundo que Bellamy sentia por ele. Ainda assim, havia

coisas mais importantes para se concentrar agora... como encontrar e destruir os bastardos que haviam levado Wells e Octavia.

— Eu sei que todos vocês estão esperando por respostas sobre o que aconteceu conosco ontem à noite. - Rhodes disse. — Vou começar com o que não sabemos. Não sabemos quem nos atacou.

A multidão resmungou, a ansiedade ondulando através deles em uma onda.

— Mas nós descobriremos. - Rhodes interrompeu, levantando a mão para acalmá-los. — Nós não sabemos o que a motivação deles para nos atacar foi, além de roubar nossos suprimentos.

Mas vamos descobrir.

Sua voz estava mais firme agora, e a multidão estava com ele. Até o Bellamy se encontrou balançando a cabeça junto.

— Não sabemos por que levaram nosso povo, mas acreditem em mim quando digo que iremos encontrá-los. - Ele sorriu severamente, uma

promessa silenciosa de vingança persistente sob suas palavras.

A multidão foi silenciada.

— Não sabemos para onde levaram nosso povo... mas agora sabemos *como* descobrir. - Rhodes deu um passo para trás, gesticulando para que Bellamy avançasse. — Meu colega Conselheiro Bellamy Blake liderou um pequeno grupo de aferição na floresta esta manhã.

Os murmúrios voltaram, mas desta vez continham uma nota de surpresa e admiração.

Bellamy pigarreou.

— As pessoas que atacaram nosso acampamento eram hábeis em esconder seus planos. -

Começou Bellamy. — Mas eles foram muito mais desleixados em cobrir seus rastros.

Ele examinou a multidão e encontrou Luke encostado em uma árvore do outro lado. Ele esteve com Bellamy quando encontraram os sulcos reveladores, indo para longe do acampamento. Bellamy tentou olhar em seus olhos, mas Luke estava olhando para longe, seu olhar atordoado, um contraste gritante com a expressão alerta e focada de costume. Bellamy sabia exatamente o que ele estava sentindo. Ele tinha visto a agonia no rosto de Luke quando disse a Bellamy que Glass havia sido levada.

Bellamy apontou para o céu escuro do leste.

— Os agressores levaram nossos amigos por ali, direto para o leste. Não havia sinais de luta ou violência, então devemos assumir que eles foram capturados ilesos por uma razão.

Seu estômago apertou ao dizer isso. Octavia tinha que estar viva. Wells também. Eles tinham que estar, ou então o fogo que o mantinha vivo se extinguiria e ele se desintegraria em cinzas.

— Nós temos uma trilha. - Ele continuou, mais firmemente. — E ainda tínhamos algumas armas no Mount Weather. Não muitas, mas o suficiente para nos dar uma chance de lutar. Esta noite, vou sair com um pequeno grupo de voluntários. Nós vamos encontrar os bastardos que levaram nosso povo e nós iremos trazê-los de volta para casa.

A multidão respondeu com gritos de aprovação a princípio, então um

baixo resmungo se ergueu abaixo dela, e uma mulher mais velha que Bellamy reconheceu do passado em Walden deu um passo à frente, sacudindo a cabeça.

— Vocês não podem levar todas as armas com vocês. Estaremos indefesos se eles atacarem novamente enquanto vocês estiverem fora. - Algumas cabeças concordaram.

— Eu entendo que você está preocupada. - Disse Bellamy, falando alto para garantir que todos ouvissem. — Mas nós temos apenas três armas, e vamos precisar de cada uma delas para nossa missão de resgate.

— Mas e nós? - Um homem nascido na Terra gritou. — Por que a vida deles é mais importante do que a nossa?

Max deu um passo à frente.

— Bellamy e a sua equipa vão seguir os invasores. Se, por alguma razão desconhecida, eles decidirem que querem invadir nosso acampamento uma segunda vez, Bellamy saberá. Eles vão voltar com as armas e lutar por nós.

— Esse é um plano ridículo. - Disse a mulher mais velha. — Eles precisam deixar pelo menos uma das armas aqui. Além disso, Bellamy é de longe o melhor caçador. Sem ele, vamos morrer de fome. Ele deveria ficar aqui.

— Diabos que eu vou. - Bellamy rebateu, antes que ele tivesse tempo de se conter.

— Garanto a vocês que existem muitos caçadores qualificados entre meu povo. - disse Max, atirando a Bellamy deu um olhar de reprovação. — Não vamos deixar ninguém morrer de fome.

— Por que devemos confiar em você? - Uma mulher phoeniciania recém-chegada gritou. — Você estava escondendo armas no Mount Weather, armas que poderiam ter sido usadas para lutar contra os invasores!

O crepitar da fogueira foi logo abafado pelo zumbido de uma conversa acalorada as pessoas gritavam umas com as outras para serem ouvidas.

— Basta! - A voz de Rhodes explodiu. — Vamos colocar em votação. Todos aqueles a favor de enviar um grupo armado para resgatar os

membros de nossa comunidade que foram levados no último ataque noturno, levante as mãos.

Suas palavras foram abafadas por um coro de "Sim" enquanto mãos voavam para o alto.

— Todos aqueles que se opõem...

Algumas mãos se levantaram, mas não o suficiente. Bellamy sentiu o coração disparar de ansiedade. Agora ele poderia fazer o que sempre desejava desde o momento em que viu sua irmã arrastada para a floresta. Persegui-los. Encontrar ela e Wells. Obter sua vingança. Não importando o risco.

— Já temos alguns voluntários. - Max estava dizendo - e vamos manter o grupo propositalmente pequeno, para evitar a detecção. Mas se alguém quiser se juntar a nós, por favor, dê um passo para...

— Eu vou. - A voz de Clarke gritou.

A pele de Bellamy ficou fria, observando-a escolher o caminho para sair da multidão, seus lábios se fixaram naquela linha teimosa que Bellamy sabia que significava que não havia como falar com ela sobre de nada.

— Vocês vão precisar de alguém com treinamento médico com vocês.

Não, pensou Bellamy. Uma coisa era ele se colocar em perigo, mas pensar qualquer coisa acontecendo com Clarke era mais do que ele podia suportar. Ele abriu a boca para discutir, mas antes que pudesse, outra voz disse por ele.

— Absolutamente não. - Gritou o pai de Clarke, respirando pesadamente enquanto corria da direção da enfermaria.

Clarke lançou a seu pai um olhar impaciente. Encontrar seus pais vivos foi um milagre, banindo o espectro da dor que sempre se agarrou a ela. No entanto, embora seu coração partido tenha se curado, Bellamy sabia que ter seus pais por perto a atrapalhava um pouco.

Ela respirou fundo e fez um gesto para que seu pai se juntasse a ela um pouco longe do resto do grupo. Bellamy foi ficar ao lado deles, tentando encontrar uma maneira de apoiar Clarke enquanto assegurava que ela ficasse para trás.

— Sua mãe e eu fizemos tudo ao nosso alcance para ter você de volta.
- Disse o pai de Clarke.

— Eu sei. - Clarke respondeu suavemente.

— E agora, contra todas as probabilidades, estamos finalmente juntos novamente. O estado de sua mãe é sério. Ela precisa de você aqui. Este é o pior momento possível para você sair dando uma voltinha, direto para Deus sabe que tipo de perigo.

— Mas não podemos escolher o momento, não é? - Quando Clarke pegou as mãos de seu pai e pressionou, Bellamy pôde ver a raiva esmaecendo nos olhos do homem mais velho. — Se

pudéssemos, nunca teríamos sido atacados. Você nunca teria sido enviado para cá, até mim.

Teríamos estado juntos esse tempo todo.

Clarke olhou para Bellamy, claramente procurando reforços. E embora ele desejasse que ela pudesse ficar aqui, ela estava certa. Eles não tinham ideia das condições em que seus amigos e familiares estariam... eles precisariam de um médico com eles - Bellamy se aproximou, em solidariedade a ela.

— Não estarei sozinha. - Disse ela. — Vamos ser cuidadosos e inteligentes. Mas *temos* que fazer o que podemos para eles. Eu não posso simplesmente sentar aqui e não fazer nada. Eles têm Wells, pai. Eu não posso simplesmente abandoná-lo. Essa não sou eu.

Os ombros de seu pai caíram; então ele respirou fundo e acenou com a cabeça uma vez.

— Apenas prometa que você terá cuidado.

Embora não quisesse colocar Clarke em perigo, Bellamy se sentiu estranhamente aliviado.

Ele era grato por tê-la ao seu lado. Não havia pessoa melhor para entrar no grupo: ela era brilhante e corajosa, e uma solucionadora de problemas incrível. E, egoisticamente, ele odiava estar separado dela, a pessoa que fez este planeta estranho e selvagem ser sua casa.

— Eu vou. - Disse Clarke. — Prometo.

— E jure que você não vai fazer nada estúpido. Há uma grande

diferença entre bravura e imprudência.

Clarke lançou um olhar para Bellamy, como se quisesse dizer que ele precisava daquele conselho mais do que ela. Apesar de para si mesmo, Bellamy sorriu.

— Sim, eu sei disso. - Disse Clarke.

— Vocês partem esta noite? - O pai de Clarke perguntou.

Bellamy assentiu.

— Não podemos correr o risco de esperar até amanhã e perder o rastro. Precisamos sair em breve. *Agora*.

Ele olhou ao redor da clareira, ansiosamente batendo o pé.

— Por que Luke está apenas parado ali? Temos que nos mover. - Ele pigarreou. — Luke... Luke!

O que...

Ele interrompeu-se quando Clarke apertou seu braço, a expressão dela ligeiramente dolorida.

Muito angustiado para notar a troca de assunto, David Griffin soltou um longo suspiro.

— Ok. Certifique-se de dizer adeus à sua mãe antes de sair. E você - Ele travou os olhos com Bellamy. — Cuide dela.

— É uma promessa. - Disse Bellamy. — Embora eu ache que nós dois sabemos que ela pode cuidar de si mesma.

Ele olhou para Clarke. No sol do fim da tarde, seu cabelo brilhava como ouro. Combinado com a intensidade de seus olhos verdes brilhantes, ela parecia feroz e sobrenatural, como alguma antiga deusa da guerra.

O pai de Clarke deu um sorriso sombrio.

— Eu sei. - Ele se virou e foi embora, de repente parecendo mais velho e mais cansado do que minutos antes.

Bellamy entrelaçou os dedos entre os de Clarke, segurando firme. Ele estava feliz que ela estava vindo com ele. Eles eram mais fortes juntos. Sempre foram.

Ela apertou a mão dele e o soltou.

— É melhor eu me despedir da minha mãe.

O grupo ao redor da fogueira estava começando a se separar. Algumas pessoas estavam distribuindo algumas magras rações para o jantar, enquanto Paul organizava uma equipe para separar as pilhas de cobertores carbonizados, procurando por algo recuperável. Como na noite anterior, as pessoas teriam que dormir do lado de fora.

— Tudo bem. - Disse Bellamy. — Vou encontrar Luke e preparar os suprimentos.

Clarke olhou ao redor da multidão.

— Quem mais vai conosco?

— Luke, é claro. E Felix. Eu não acho que ele se sentou desde que Eric foi levado. Veremos se ele é capaz de se acalmar e se concentrar. Alguns terráqueos. E Paul se ofereceu.

Bellamy fez uma leve careta e esperou que Clarke fizesse o mesmo, mas para sua surpresa, ela acenou com a cabeça.

— Ótimo. - Ela olhou para onde Paul estava separando os cobertores.
— Parece que ele vai ser útil. Firme.

Algo na palavra irritou Bellamy.

— Firme? - Ele repetiu.

Clarke encolheu os ombros e tentou fingir que não era nada, mas quando ela se afastou, ele percebeu um vislumbre de algo em seus olhos. Preocupação. Medo. Mas não apenas sobre as pessoas que foram levadas.

Ela ainda estava preocupada com ele. Ainda não sabia se ele havia se recuperado o suficiente para ser confiável. E a pior parte era que ele não tinha certeza se ela estava errada.

CAPÍTULO 8

Glass

No início, quando Glass e as outras sete meninas acordaram, elas gritaram até perderem suas vozes. Seus gritos não lhes trouxeram nada em resposta; seus captores permaneceram em silêncio, seus rostos semelhantes a máscaras traindo sem emoção. A carroça deles continuou em frente, durante toda a noite e no início da manhã, parando apenas ocasionalmente para intervalos. Tudo o que Glass sabia era que eles estavam seguindo uma trilha acidentada através do meio de uma floresta densa.

Ela não conhecia os outros prisioneiros muito bem. Octavia estava com ela, e uma linda garota nascida na Terra chamada Lina. Os outros cinco eram quase estranhos. Mas eles eram uma unidade, unidos por seu desespero.

E, felizmente, ela sabia que Luke estava vivo. A última coisa que ela se lembrou foi a aparência de angústia impotente em seu rosto. Onde quer que essas pessoas a estivessem levando, ele iria atrás dela.

Glass lutou contra sua exaustão e se recusou a sucumbir ao sono. Ela não ia perder a oportunidade de reunir informações cruciais sobre seus captores. Não havia como saber que detalhes acabariam significando a diferença entre a vida e a morte.

Mas suas observações apenas a deixaram mais confusa. O chão era “bom”. Os invasores beijaram a ponta dos dedos e tocaram a terra toda vez que pisavam nela depois de deixar a carroça. O trabalho duro era bom, a julgar pela conversa monótona constante sobre isso. Eles se auto proclamam “Protetores”. Ela não tinha certeza de onde matar pessoas se encaixava na grande ordem do bem ou mal, exceto que a Terra era a melhor coisa de todas, a divindade que eles pareciam adorar, e que

Terra... ela... *Ela...* era quem decidia quem vivia e quem não vivia.

Horas se passaram sem rumo, a carroça balançando e os guardas olhando em silêncio.

Lina soluçou incontrolavelmente até que ela finalmente pareceu ficar sem lágrimas. Finalmente, o jovem guarda oposto Glass se inclinou para a frente, os olhos erguidos, espiando pela janela alta.

— Estamos à vista. - Disse ele, em seguida, virou-se para as meninas

com uma carranca solene.

— Não falta muito agora, se a Terra assim o desejar.

— Se a Terra assim o desejar. - Repetiram os outros.

Glass e Octavia trocaram olhares preocupados.

A carroça fez uma curva fechada para a esquerda e todas as meninas tombaram um pouco, o cheiro rançoso de suor e hálito quente fluando ainda mais forte com o movimento.

Todos os guardas se viraram para espiar a janela dianteira estreita, além do assento alto do motorista. Estimulados por uma combinação de curiosidade e apreensão, Glass esticou a cabeça para ver o que todos estavam olhando.

Eles estavam se aproximando de uma parede coberta de hera que se estendia tão alta e larga quanto ela podia ver. A parede apenas esticou e esticou e esticou.

O jovem guarda a viu observando e sorriu tenso para ela.

— Chegamos a nossa grande casa.

— Oh - Disse Glass, sem saber como responder.

Ele parecia encorajado por isso.

— Estava aqui antes da Quebra, quando o homem era mau e indomado... a maior fortaleza do país. Os homens mais poderosos estavam sentados lá, acumulando seu poder, mas então a Terra pegou o poder deles e o deu para nós. - O peito de seu uniforme branco inchado de orgulho. —

A magia da Terra reside dentro de nós. Soren disse isso.

— Soren? - Perguntou Glass.

O guarda assentiu.

— Soren é o porta-voz da Terra.

Soren é o líder deles, então, Glass pensou. Outra informação para adicionar à pilha.

— Nossa grande casa tem a forma de um pentágono perfeito. - Disse

outro guarda.

— Nós a chamamos de Pedra. - Interrompeu o mais jovem. — A Pedra é nosso novo lar, e se a Terra desejar, será a base para o nosso grande trabalho.

A carroça escureceu à medida que se aproximavam da sombra da grande parede cinza.

Então, com uma guinada, eles pararam. Glass se arrastou para frente quando as portas traseiras se abriram, curiosa por um melhor olhar, mas no segundo que seu pé atingiu o chão, o guarda mais próximo empurrou uma venda sobre seu rosto.

Glass não lutou. Ela estava totalmente em território inimigo e a única saída era sobreviver tempo suficiente para a equipe de resgate chegar. Ela ficou em silêncio, e em recompensa, a mão em seu cotovelo manteve um aperto suave enquanto a guiava para frente. Para aquele prédio, ela supôs. Para o que estava esperando por eles. Para tudo o que ela se obrigaria a suportar o tempo necessário.

Ao passarem pelo que parecia ser uma porta para um piso duro e plano, o pulso de Glass acelerou, arrepios formigando em seus braços. Ela estava dentro de sua fortaleza.

O ar ficou mais quente, mais rançoso, à medida que a conduziam por uma esquina, depois outra. Ela não podia acompanhar mesmo agora que estava tentando. Então eles pararam de andar e puxaram a venda em seu rosto com um floreio estranhamente dramático, como se quisessem fazê-la ficar impressionada.

Glass piscou no espaço sombrio. Era uma sala cavernosa e sem janelas com esqueletos de postes de metal sustentando o teto alto a cada poucos metros, cada um pendurado com uma lanterna bruxuleante. Seus olhos se ajustaram, mas quase nada entrou em foco, porque quase não havia nada aqui. Apenas esteiras empilhadas em intervalos regulares, algumas delas com garotas sentadas nelas, imóveis, seus pés apoiados no chão frio, olhando fixamente para os recém-chegados.

O jovem guarda tentou um sorriso de aparência dolorosa.

— O covil das mulheres. Sinta-se em casa.

Covil? Glass pensou, recuando ligeiramente com a escolha estranha de palavras.

Eles fizeram pequenas reverências estranhas, deixando seus oito prisioneiros perplexos para trás enquanto recuavam para fora da sala, fechando a porta atrás deles.

Glass se preparou para o som de uma fechadura e, com certeza, veio o mesmo barulho revelador que a assombrou todos aqueles meses terríveis no confinamento. A cruel ironia produziu um silêncio, uma risada sombria. Ela fugiu do módulo de transporte, lutou pelos dutos de ar como uma fugitiva, caminhou no espaço e perdeu a mãe em sua luta para chegar à Terra -

e para quê? Aqui estava ela, trancada novamente, separada de Luke por uma distância muito maior do que a ponte aérea.

Depois que a porta se fechou, as meninas sentadas rigidamente nos tapetes pareceram relaxar um pouco, enrolando os tornozelos e esfregando os ombros. Havia mais de duas dúzias delas neste “Covil”, todas vestidas com vestidos brancos, os cabelos amarrados severamente para trás em tranças justas. A garota mais próxima a ela estava sentada em uma posição estranha, com os pés descalços apoiados no chão. E por alguma razão, ela estava carrancuda para Glass.

Glass tentou um sorriso nervoso. A menina não o devolveu.

— Você deveria tirar os sapatos. - A garota disparou. — Nossos pés devem tocar a Terra enquanto estamos em seu serviço.

Dois catres depois, uma garota bonita com cabelos escuros encaracolados suspirou cansada.

— Olhe para baixo, Bethany. Isso se parece com a Terra para você? Estamos *dentro* Dela.

Glass olhou para ela, assustada. O sotaque da garota não era como nenhum dos terráqueos ou dos “Protetores”. Quase parecia... mas não, isso era impossível...

Mas Octavia também percebeu. Sua cabeça girou e ela estava olhando para a menina, com os olhos arregalados.

A garota de cabelo encaracolado descansou os pés no colchão, em aparente violação da regra de seus “pés na Terra”, e quando ela se recostou, a luz da lanterna atingiu seu rosto e Glass teve certeza de que ela a reconheceu.

Glass agarrou o braço de Octavia e eles caminharam em sua direção em silêncio.

— Você veio da Colônia? - Glass sussurrou.

A garota se levantou tão rápido que quase derrubou Glass.

— Seu sotaque... você é uma phoeniciana?

Elas se entreolharam, perplexas. Finalmente, Glass falou:

— Como isso é possível? Qual o seu nome? De onde você veio?

— Meu nome é Anna. Eu estava em um módulo de transporte que saiu do curso. Não tenho certeza do que aconteceu, mas nós caímos longe.

Ela estremeceu, e Glass fechou brevemente os olhos com memórias de si mesma do terrível acidente retornando.

— Foi horrível. - Anna continuou com a voz rouca. — Onze pessoas morreram no impacto e muitas mais nos próximos dias. É engraçado. Você passa a vida inteira ouvindo que a Terra é este paraíso, e então se tornou um pesadelo horrível após o outro. Eu gostaria de ter ficado para trás.

— A nave estava morrendo. - Disse Glass, estremeecendo ao se lembrar dos rostos de pessoas que perceberam que não tinham para onde ir, pois o ar vazava da nave.

— Eu sei. Mas pelo menos eu estaria com minha família. Não há nada para mim aqui. Eu odeio esse planeta. - Ela disse amargamente.

— Nem tudo é tão ruim. - Disse Glass.

Uma nota melancólica surgiu em sua voz enquanto ela pensava sobre caminhar pela floresta com Luke, sobre acordar em seus braços com o alegre trinado do canto dos pássaros.

Octavia se aproximou de Anna.

— Então, o que aconteceu depois que você caiu? - Ela perguntou curiosamente, o terror de sua captura momentaneamente ofuscado pela estranheza de conhecer um novo Colono.

— Foi terrível. Ninguém conseguia concordar sobre o que fazer. Todos nós queríamos encontrar o resto de vocês, claro, mas não sabíamos como chegar lá. No final, nos dividimos em grupos menores, que eu

percebi agora que foi uma decisão idiota. Juntos, poderíamos ter segurança nos números. Mas, à parte, foi fácil para eles. - Ela sacudiu a cabeça em direção à porta. — Para atacar. Eu lutei o mais duro que pude. Eu até arranquei alguns dentes de um cara.

Ao lado dela, Octavia riu e disse:

— Bem feito.

— Mas não foi o suficiente para fugir. - Anna continuou. — Eles me levaram com alguns dos meninos com quem eu estava, e temos estado aqui nas últimas semanas. - Ela olhou ao redor da sala com cautela, com medo de ter sido ouvida. — Então o que aconteceu com vocês?

O estômago de Glass se contraiu. Alguns dos meninos de seu acampamento foram capturados também? Ela rezou para que Wells não estivesse entre eles.

Ela ouviu Octavia contar a Anna a versão resumida da história deles. Glass estava ligeiramente surpresa com a animação em sua voz. Em sua experiência, Octa via sempre foi um pouco reservada com estranhos, o que fez sentido quando Glass soube da infância resumida em se esconder; a adolescência no centro de atendimento da nave, e os traumas que ela suportou após o desembarque na Terra.

Na penumbra, os olhos de Anna se arregalaram enquanto Octavia falava.

— Vocês tinham *cabanas*? E comida o bastante para uma *festa*? Isso é incrível.

— Costumávamos ter cabanas. - Disse Octavia severamente. — Esses protetores explodiram a maioria delas. Bellamy provavelmente está enlouquecendo.

— Bellamy? - Anna repetiu. — Esse é o seu namorado?

Glass estava imaginando coisas ou havia um toque de decepção em sua voz?

Octavia balançou a cabeça.

— Não. Meu irmão.

— Seu irmão? Você é da Colônia e tem um *irmão*? Você vai ter que me contar tudo sobre isso. -

Anna voltou a sentar-se, dando tapinhas no tapete para convidar as meninas a se sentarem.

Octavia imediatamente reivindicou o espaço ao lado dela.

— Por que é que eles estão a fazer isto? - Glass sussurrou, acomodando-se na outra ponta do tapete de Anna. — O que eles querem conosco?

Anna olhou em volta novamente e baixou a voz.

— Bem, todas as meninas nesta sala são apenas o que eles chamam de recrutas. São as pessoas que capturaram ao longo do caminho até aqui, de onde quer que estivessem antes disso. De acordo com os Protetores, estamos aqui para servir a Terra. O que realmente significa servi-los.

Cozinhar, limpar, lavar roupa. O que quer que nos torne úteis... - Anna parou e mordeu seu lábio.

— Então, somos apenas servas? - Octavia perguntou.

— Não. - Anna disse, sua voz quase inaudível. — Isso é tudo que tenho feito nas últimas semanas, mas acho que tem mais.

Apesar do calor da sala, Glass estremeceu.

— O que?

— Não tenho certeza. Quando chegamos aqui, eles nos forçaram a realizar algum tipo de ritual de limpeza em um rio, mas eles disseram que não estávamos prontos para nos tornarmos Protetores. Que não participaríamos oficialmente de suas linhas até que a Terra lhes dê permissão para criar raízes. Aparentemente, eles precisam ter um sinal da Terra de que este é seu novo lar, e então passaremos por algum tipo de teste final para provar nós somos verdadeiros crentes. Mas não tenho certeza de qual é esse teste, e estou preocupada que haja outra maneira nós somos úteis para eles.

O estômago de Glass embrulhou enquanto ela olhava ao redor da sala, para as meninas sentadas em suas esteiras, todas à mercê dessas pessoas desequilibradas.

— Estou feliz em mostrar a eles o quão útil posso ser. - Disse Octavia, uma vantagem perigosa para ela. — Enquanto enfio uma faca nas costas deles.

— Uma garota, segundo o meu coração - Disse Anna — Nada que eu goste mais do que um assassino com uma fita vermelha em seu cabelo.

Octavia levou a mão ao cabelo.

— Eu disse a eles que iria estrangulá-los com isso se eles a tocassem, então eles me deixaram ficar com ela.

Anna sorriu para ela.

— Por algum motivo, isso não me surpreende.

Passos ecoaram ao longe, e o rosto de Anna ficou repentinamente sério e pálido enquanto ela lutou para colocar os pés de volta no chão.

Glass e Octavia trocaram olhares, a mesma pergunta silenciosa percorrendo suas mentes.

O que diabos estava acontecendo aqui?

CAPÍTULO 9

Wells

— Você corre como um coelho ferido, garoto! Você tem um espinho no pé? Pegue o ritmo! - O

hábito rançoso de Protetor no rosto de Wells quase o fez engasgar.

Ele estava correndo pelo que sentia ser uma hora, e todas as células de seu corpo queimavam.

Depois de um passeio aparentemente interminável na carroça pútrida, eles chegaram esta tarde na Pedra: uma fortaleza de cinco lados com paredes em ruínas. Eles não tiveram nem um momento para se recuperar da jornada. Depois de pular para fora do vagão, eles marcharam em direção a uma fileira do que parecia como tonéis de produtos químicos. Um por um, os Protetores empurraram os prisioneiros para cima e para dentro dos tanques sem explicação. Eric foi o primeiro a parar de gritar e perceber que estavam submersos em nada mais do que água gelada.

— Lavem-se. - Gritaram os Protetores, e Wells, sentiu-se quase com gratidão.

Ele se sentiu acordado, finalmente, alerta. Em seguida, os Protetores arrastaram os prisioneiros para fora, deixando-os secar ao ar frio no vento de outono enquanto caminhavam para recolher novos uniformes em uma pilha de roupas brancas. O novo uniforme de Wells ainda tinha o nome “Laurent” escrito na gola. Ele se perguntou quem teria sido Laurent: Um prisioneiro? Um verdadeiro crente? Ou seria a mesma coisa se você estivesse aqui por tempo suficiente?

Embora a Pedra parecesse ter sido um grande complexo fechado, a natureza recuperou muito disso. Corredores terminavam em manchas de árvores densas, e escadas ficavam em seus próprios espaços, levando a lugar nenhum. Havia um caminho bem usado ao redor do perímetro, e é onde Wells, Eric, Graham e os prisioneiros terráqueos estavam correndo agora. Se era um jogo, ou uma punição ou um teste, Wells não tinha certeza. Tudo que ele sabia era que precisava continuar andando.

— Você está correndo na *Terra*. - O Protetor barbudo correndo ao lado dele gritou, pulverizando cuspe nos sapatos de Wells. — Você está batendo nela com seus sapatos. Peça desculpas!

— Desculpe. - Wells bufou entre as passadas.

Os protetores carregavam varas curtas e rombas, e ele viu o que eles fizeram com elas nos prisioneiros que não responderam.

— Sua escória do espaço A abandonou para morrer. Implore seu perdão!

— Por favor... me perdoe...

— Comprometa-se a serviço Dela!

As pernas de Wells estavam queimando. Seus pulmões estavam queimando. Ele mal conseguia se mover, muito menos falar.

— Eu juro...

O punho do Protetor disparou, acertando a mandíbula de Wells e enviando-o cambaleante para o lado. Seus tornozelos ameaçaram ceder, todo o seu rosto latejando de dor quente, mas ele manteve corrida. Ele tinha que continuar correndo.

O Protetor manteve o passo ao lado dele, mas finalmente desviou os olhos.

— Você não é adequado para servir a Ela. Ainda não. Continue correndo.

Um flash de movimento para a esquerda atraiu a atenção de Wells por um momento -

Graham, cambaleando para fora da pista, segurando o queixo. O Protetor ao lado dele estava abrindo e fechando seu punho, então Wells estava supondo que eles tinham acabado de chegar à seção "comprometa-se" do roteiro também.

Uma veia no pescoço de Graham estava pulsando, todo o seu rosto ficando manchado de vermelho. Wells assistiu os punhos de Graham se fechando e subindo; então Wells deixou um de seus pés agarrar o outro, enviando-o direto para Graham, jogando-o no chão.

Graham parecia que ia esmurrar Wells por um segundo, seus olhos praticamente raivosos.

Wells só teve tempo de se inclinar para perto, como se estivesse desabando na orelha de Graham, e sibilar:

— Não assim. Não sem um plano. - Antes que os Protetores mergulhassem, arrastando os dois pelas axilas.

Na próxima curva, o caminho se abriu em uma clareira grande e rochosa. Ao contrário do resto do fortaleza, que estava cheia de grupos dispersos de árvores, esta seção estava vazia, exceto por uma estrada de asfalto larga que levava à parte maior e mais intacta do enorme edifício.

Uma fila de protetores estava esperando na frente da entrada com armas. Wells sentiu o sangue correr fora de seu rosto e peito enquanto se perguntava se havia cometido um erro terrível ao enviar uma mensagem para Graham. Ele pode ter apenas apostado com sua própria vida.

— Alinhe-se. - O Protetor barbudo rosnou quando eles pararam.

— Para onde eles estão nos levando? - Wells perguntou, tentando fazer sua voz tão firme e estável quanto possível, enquanto observava os outros à sua frente fazendo fila para serem levados embora.

— Para *comer* - disse o Protetor, tossindo a palavra como se estivesse enojado com ela.

Wells quase suspirou com alívio.

— E então voltamos direto para cá para mais. Você tem um problema com isso?

Wells balançou a cabeça e anuiu como se estivesse de volta ao treinamento de guarda. O

Protetor começou a afastar-se resmungando algo inaudível, e Wells decidiu tentar a sorte.

— Como posso chamá-lo? - Ele perguntou. O Protetor se virou, nada além de ameaça em seu rosto, mas Wells não vacilou. — Você tem um nome?

— Você não pode ouvir meu nome. - Disse o Protetor, seu nariz de repente a uma polegada de Wells. — Se você tiver que me chamar de qualquer coisa, me chame de Oak.

— Sim, senhor. - Disse Wells, mas seus olhos estavam correndo para o colarinho do homem, tão perto agora que ele poderia ler o nome escrito nele em tinta crua: O'Malley.

Era esse o nome do Protetor, ou aquele de alguém que veio antes?

Uma tigela de aveia fria e outra corrida extenuante depois - esta sobre obstáculos obscurecidos na escuridão da noite -, Wells se viu cambaleando em um buraco aberto na parede escura e infinita da fortaleza, mal no controle de suas pernas, sua cabeça pendurada para frente enquanto dois invasores mantiveram ele andando.

Quando conseguiu erguer os olhos, estava no último destino da noite: uma longa sala forrada com gaiolas. Em seu atual estado de exaustão, levou alguns segundos chocado para perceber que as gaiolas não eram para animais - elas eram para eles. Em cada gaiola, havia espaço apenas para um pequeno saco de dormir e uma tigela que Wells tinha certeza de que era para ser usada como penico. Além do mais, para cada garoto capturado de seu acampamento - onze no total, incluindo Wells - havia cerca de uma dúzia outros "recrutados", pessoas que não chegaram ali com eles.

O choque reverberou por Wells. Quem eram esses outros prisioneiros gemendo e murmurando nas outras gaiolas? E de onde eles vieram? Ele sabia sobre a vila de Max, e a facção terrestre que se separou. Mas claramente os Protetores encontraram - e invadiram - outras sociedades neste planeta.

— Vocês vão ficar aqui até se tornarem oficialmente parte de nós. - Gritou um dos Protetores enquanto os dois que seguravam Wells o empurraram para dentro e fecharam a porta com estrépito.

— Descansem. Amanhã não será fácil como hoje.

As luzes se apagaram, deixando-os em uma escuridão impenetrável. Wells atentou-se, ouvindo com a respiração ansiosa, alguém tossindo na linha, nenhuma conversa naquele estranho sotaque dos Protetores.

No silêncio, Wells pensou nas pessoas que havia deixado para trás. Bellamy, seu irmão; Clarke, não mais sua namorada, mas ainda sua força; Max, o mais próximo de um pai que ele jamais poderia ter. Ele se perguntou se eles estavam seguros, mas sua mente nadou com possibilidades, todas elas muito dolorosas para contemplar, e então pousou em uma verdade fundamental.

Ele faria qualquer coisa para ver seus rostos novamente.

Ele faria qualquer coisa para se levantar de madrugada e caminhar pela clareira silenciosa para encontrar Molly esperando por ele. Ouvindo sua tagarelice enquanto ela se empoleirava em uma pedra, observando-o cortar lenha. Ele precisava ajudar Luke a reconstruir as cabanas. Ele teve que plantar flores perto do túmulo de Sasha e observá-las crescer. Ele pode não ter sido o líder que pensavam que era, mas faria melhor. Seria melhor. Ele expiaria os erros que o levaram a tanto sofrimento.

— Wells? - Um sussurro veio a menos de quinze centímetros de distância. Wells saltou, fazendo sua gaiola tinir. — Você ainda está acordado?

Foi Eric. Wells expirou. Este era o único benefício de ser armazenado aqui como uma carga barata: proximidade com as pessoas de quem precisava.

— Estou acordado. - Sussurrou Wells de volta.

— Eu também.

Uma voz baixa veio da outra direção. Era Graham, mas ele não tinha o habitual toque sarcástico em sua voz. Ele soou como se toda a bravata tivesse sido levada dele.

Graham bufou.

— Que diferença faz?

— Vamos sair daqui. - Sussurrou Wells. — Mas não vai ser uma corrida maluca, certo? Eles têm rifles de precisão, granadas, Deus sabe o que mais eles ainda não nos mostraram. A única maneira de sermos capazes de fazer isso de uma maneira inteligente é esperar nosso tempo e colaborar.

— *Como?* - Wells ouviu a parede da gaiola chacoalhar quando Graham a agarrou. — Com toda essa baboseira de ‘Adorando o planeta, assumindo tudo, *você aprenderá?*

— Sim. - Disse Wells. — Exatamente. Eles agem como se tivéssemos sorte de estar entre eles.

Então vamos fazer eles pensam que estamos aprendendo.

— O inferno que eu vou. - Graham cuspiu. — Na próxima vez que eles abrirem esta gaiola, estarei fora daqui. Eu não me importo em quantos crânios eu tenho que quebrar.

— Eles atirariam em você antes que você tivesse a chance. - Disse Eric, cansado. — Eu concordo com Wells. É a única chance que temos de encontrar um ponto fraco e voltar para casa.

— Que casa? - Graham sussurrou tristemente. — O que diabos sobrou de lá?

— Felix ainda estava vivo quando me pegaram. - A voz de Eric ficou embargada quando ele disse o nome de seu namorado. — Eu o vi do outro lado do campo. Ele estava ajudando crianças a correr para a enfermaria. Talvez ele tenha feito isto. Talvez ele esteja esperando por mim.

— Somos todas pessoas melhores aqui. - Disse Wells. — Até você, Graham. Eu te vi no riacho naquele dia, ensinando Keith a pescar. Vir para a Terra nos tornou mais corajosos. Mais nobres.

Mais fortes. Não somos como esses psicopatas Protetores. Sabemos que a Terra nos perdoou, mas isso não significa que nosso trabalho acabou. É por isso que temos que sair daqui. É por isso que temos que voltar para casa.

Houve um pequeno chacoalhar, como se Graham estivesse sentado. Ele suspirou, e depois de uma longa pausa, ele disse:

— Tudo bem, você venceu, minichanceler. Se você acha que precisamos jogar juntos... eu vou jogar com vocês. E vamos derrubar esses bastardos enquanto o mais rápido possível.

— Se a Terra assim o desejar. - Eric disse, um sorriso em sua voz abafada.

— Se a Terra assim o desejar. - Wells repetiu com um bufar.

Wells se enrolou em seu saco de dormir áspero, o coração batendo forte de fadiga e medo, mas finalmente atado com uma pequena gota de esperança.

CAPÍTULO 10

Bellamy

Oito sacos foram enfileirados no calor da tarde, cuidadosamente recheados com suprimentos, prontos para serem içados e levados pela estrada longa e incerta.

Bellamy examinou o conteúdo de sua bolsa e começou a desempacotar. Carne seca, maçãs, uma fatia de queijo, meia fatia de pão carbonizado e um pano enrolado para servir de cama, colocou tudo em uma bela pilha voltada para as pessoas que permaneceriam no acampamento. As únicas coisas que Bellamy precisava eram seu arco e uma aljava de flechas, junto com um pequeno cantil de couro para armazenar água que eles iriam adquirir ao longo do caminho. Não havia necessidade de um saco de dormir. Ele tinha sua própria faca de caça e qualquer comida que eles precisassem, ele poderia caçar e procurar alimentos ao longo do caminho.

— Vamos, pessoal. - Gritou Paul, batendo palmas em um ritmo lento e enlouquecedor. — Bolsas nas costas, pés no chão, não há tempo a perder.

Bellamy se virou e esfregou as têmporas. Se esse idiota continuasse falando alto, os invasores iria saltar sobre eles no segundo em que pusessem os pés na trilha.

Algumas das crianças colocaram a cabeça para fora da cabana que ele ajudou a remendar.

Uma pequena menina esfregou os olhos com uma carranca confusa e olhou para ele. Bellamy deu um aceno e ela sorriu timidamente de

volta, então correu o mais rápido que pôde, pulando descalça, tentando afastar o frio dos pés.

Bellamy pegou uma maçã para oferecer à garota se ela promettesse que iria dividi-la, mas ela já estava dobrando o dedo para ele se aproximar. Ele sorriu e inclinou o ouvido para ela cochichar dentro.

— Vocês vão encontrar Octavia? - Ela sussurrou.

— Pode ter certeza. - Disse ele, inclinando-se para trás para olhar em seus olhos, sorrindo através do choque de dor em seu peito.

Ela se inclinou para sussurrar novamente:

— Você vai dizer a ela que a amamos e que sentimos sua falta e que nós queremos que ela volte para casa?

— Farei melhor do que isso. - Disse Bellamy. — Eu mesmo a trarei de volta.

Antes que ele tivesse tempo de piscar, ele sentiu pequenos braços envolvendo seu pescoço em um aperto quente. Então a garota voou como um pássaro e desapareceu de volta na cabana.

Com um suspiro, Bellamy se levantou e se virou para ver Clarke no final da fila de mochilas, desfazendo sua comida para deixar para trás, assim como ele. Ela segurou uma maçã roxa brilhante para ele com uma expressão e um sorriso pesaroso colocou-a de lado. Ele sorriu de volta, então sentiu que desvanecia quando Paul apareceu pisando forte.

— Você realmente acha que é uma boa ideia reorganizar nossas mochilas agora? Temos que ir.

— Eu estou pronto. - Disse Bellamy, levantando-se, satisfeito por notar que ele era uns bons cinco centímetros mais alto do que Paul. — Vamos apenas garantir que nosso povo não morra de fome enquanto estivermos fora.

Paul não pareceu notar o sarcasmo em sua voz.

— Vocês estão deixando sua comida para trás?

— Não precisamos de tudo isso. - Clarke saltou, acenando para seus próprios suprimentos descartados. — Seremos mais rápidos com embalagens mais leves, você não acha?

— Bem pensado, Griffin. - Disse Paul, apaziguado.

Bellamy revirou os olhos.

Os outros membros da expedição estavam esperando na borda da clareira. Havia mais de vinte voluntários, mas Max e Rhodes reduziram o grupo a oito membros-chave. Junto com Bellamy, Clarke, Luke, Paul e Felix, havia três nascidos na Terra conhecidos por serem lutadores qualificados, forrageadores e rastreadores. Uma jovem chamada Vale, um homem atarracado chamado Cooper com uma cicatriz na bochecha, e uma menina um pouco mais velha que Bellamy, Jessa, cujo irmão

Kit, um Conselheiro, estava entre os levados pelos invasores.

No início, Rhodes e Max expressaram preocupação sobre o mancar de Luke, mas ele se recusou a baixar a guarda.

— Com todo o respeito, Conselheiros, sou um dos melhores atiradores que temos. - Disse ele com uma polidez impecável. — E não vou largar este rifle até usá-lo para resgatar Glass.

E então havia Paul. Ele não era próximo de nenhuma das pessoas que foram levadas, mas ele ainda achava que era seu dever ser voluntário porque havia sido oficial na nave. Como ninguém deu a mínima para isso.

— Eu sou o único de nós que estive a leste daqui. - Argumentou Paul em voz alta, é claro. —

Conheço o terreno, conheço os desafios. Eu trouxe meu povo de lá para cá, posso levar essas pessoas daqui para lá.

Bellamy queria partir sem muito alarde. Quanto mais silencioso, melhor. Ele levantou sua mochila sobre os ombros e, por um breve e tolo momento, pensou em carregar a de Clarke para dela. Mas então ele imaginou o flash de indignação que iluminaria seus olhos verdes e pensou melhor sobre isso. Ela era mil vezes mais forte do que ele, de qualquer maneira. Ele apertou a mão de Max, acenou com a cabeça para Rhodes e começou a cruzar a linha das árvores quando ouviu Paul limpar a garganta.

— Aqui vamos nós. Os oito corajosos, caminhando para o perigo porque é a coisa certa a fazer.

Nós não sabemos o que vamos encontrar no final desta estrada, mas

eu sei... - Ele apertou o punho sobre seu coração, a mandíbula cerrada.
— Tenho fé que vamos superar isso e trazer nossos amigos para casa. Quando meu módulo de transporte pousou e todos estavam consumidos de preocupação e desespero, vocês sabem o que eu disse a eles? Eu disse...

— Vamos deixar o final dessa anedota fascinante para depois, Paul - Interrompeu Bellamy - É

hora irmos.

Paul balançou a cabeça.

— Não podemos simplesmente ir para a floresta à vontade. Precisamos marchar em *formação*.

— Formação? - Bellamy repetiu, desejando que seu sangue parasse de ferver.

— É assim que fazemos no corpo de guarda. Eu tenho uma sugestão: eu tomo a posição frontal, caso tenhamos problemas. Todos os outros formam pares atrás de mim.

— Estamos em um número par de pessoas. - Disse Bellamy secamente.

— Não há o suficiente de nós para formar pares sem sobrar alguém.

— Eu sei disso. - Disse Paul rapidamente. — Luke fica na retaguarda, protegendo o flanco.

— Isso é ridículo. - Disse Bellamy, sem mais tentar esconder sua raiva. Ele contou com os seus dedos. — Para começar, Luke tomar o flanco é uma ideia terrível.

Ele olhou para Luke com um estremecimento apologético.

— Sem ofensa, cara, mas sua perna ainda não está totalmente curada. Você vai ficar mancando.

Ele voltou-se para Paul:

— E em segundo lugar, de jeito nenhum você deve liderar. Você sabe como seguir uma trilha quase morta em uma floresta, dia e noite? Você sabe o que procurar? A maneira como a grama se curva de forma diferente quando há um pé pisando sobre ela e quando há um casco? A forma como as rochas mostram lama quando são viradas? É algo com o qual você está familiarizado?

Paul ficou em silêncio, com a boca cerrada.

Bellamy assentiu.

— Não precisa ser eu. - Ele apontou para Cooper, Vale e Jessa. — Eles têm ainda mais experiência em caça do que eu. Mas estou dizendo a você agora, não faz sentido para você ser o cara da frente. Você nos conduzirá em círculos.

— Círculos? - A voz de Paul havia perdido um pouco de sua alegria.
— Posso te lembrar que eu era um oficial sênior naquela nave? Eu acho que isso me dá direito a um pouco de respeito, especialmente de alguém que...

Clarke o interrompeu:

— Aqui está o que vamos fazer: Bellamy seguirá na nossa frente, marcando o caminho que percorremos e tornando o caminho um pouco mais fácil de seguir. Assim, você pode ficar na linha de frente para proteger o resto de nós, Paul. E já que você não terá que se preocupar com orientação, você pode descobrir onde paramos para descansar e fazer acampamento e olhar para os perigos potenciais, já que você conhece o terreno tão bem. Luke irá flanquear você com seu rifle, fornecendo cobertura para o resto de nós. - Ela fez uma pausa e examinou o grupo, dando-lhes a chance de intervir. Quando ninguém o fez, ela prosseguiu. — Estou feliz por ficar na retaguarda. Dessa forma, se alguém precisar da minha ajuda médica, eu não terei de voltar para trás.

— Isso parece lógico. - Disse Paul, sorrindo um pouco largamente e fazendo o estômago de Bellamy se revirar. — Eu apoio essa movimentação.

— Ninguém colocou em votação. - Disse Felix baixinho.

Bellamy já estava começando a se virar. Eles já haviam perdido muito tempo conversando.

Essa era a hora de partir. A lua estava cheia esta noite e forneceria muita luz, mas se aquelas nuvens à distância rolassem, eles estariam ferrados.

Bellamy caminhou até que o silêncio da floresta o cercou, seus olhos se ajustando ao silêncio leve. Eles pousaram nos galhos cruzados, as marcas sutis de sulcos, deixadas pelas rodas nas folhas empilhadas a partir dali.

*Lá vamos nós, ele pensou, e seguiu a trilha, o coração batendo forte.
Vamos fazer isso.*

Vamos trazer nosso povo de volta para casa.

CHAPTER 11

Clarke

Por mais bobo que manter a formação parecesse à primeira vista, Clarke não se importou em andar na parte de trás. Ela poderia ocupar o novo terreno, as florestas se abrindo em amplos campos verdes cheios de plantas que ela nunca tinha visto, antes que a trilha os levasse de volta para bosques menores e mais esparsos de árvores, e para fora novamente. Manter o ritmo atrás dos outros ajudou a desviar sua mente de uma realidade para esta - um pé pousando na frente do outro, o progresso para a frente, uma sensação de esperança no meio das circunstâncias de desespero.

“Circunstâncias” soou muito mais agradável do que “ataque brutal e devastador que você completamente falhou em prevenir.”

Os membros terráqueos da equipe de resgate se revezaram para ficar para trás e fazer companhia a Clarke. No momento, era a alta e magra Jessa, que era um pouco mais quieta do que os demais. Clarke não se importou com o silêncio, mas percebeu como os olhos da menina mais velha estavam fixos no horizonte, um sulco de preocupação cavado em sua testa.

— Quantos anos tem o seu irmão? - Clarke perguntou gentilmente.

Jessa pigarreou.

— Alguns anos mais velho que eu. Kit pode cuidar de si mesmo. - Disse ela, então bruscamente e de repente, ficou claro que ela estava falando mais para si mesma do que para Clarke. — Ele pode nem mesmo precisar de resgate. Mas ele é a única família que tenho, e continuar sem ele como ele nunca tivesse existido não é uma opção. Você ajuda as pessoas que ama. Isso é o que você faz.

— Eu sei o que você quer dizer. - Disse Clarke, sua mente vagando para Bellamy.

Desde que eles partiram do acampamento algumas horas atrás, ele estava muito à frente na pista para que ela o visse. Ela sabia o que o estava puxando para frente em tal frenesi, e não era apenas a trilha dos invasores. Era sua família. Ele passou a vida protegendo Octavia, e ele e Wells tinham acabado de começar a se conectar como irmãos. Não era de admirar que ele estivesse desesperado para recuperá-los.

Clarke entendeu aquele desejo feroz e desesperado de encontrar aqueles que haviam se perdido. Ela sentiu isso pelos seus pais, e mesmo quando não havia lógica para isso, e contra todas as probabilidades, eles voltaram para ela.

Ao pensar em seus pais, Clarke cerrou os dentes contra uma onda de vergonha.

Ela passou as horas antes de partirem ao lado de sua mãe. O tratamento do Dr. Lahiri parecia estar funcionando bem para sua infecção, e a bala não tinha perfurado nenhum órgão, mas ela ainda teria uma recuperação difícil pela frente. Sentada com ela, conversando em voz baixa de mãos dadas, Clarke quase reverteu sua decisão de partir. Mas então sua mãe murmurou:

— Estou orgulhosa de você. Estou orgulhosa de quem você se tornou. - E Clarke sabia que ela falava sério sobre sua ida em missão com os outros.

Ainda assim, seu coração parecia dividido em duas direções a cada passo que ela dava para mais longe de casa.

Nada vai acontecer comigo, ela prometeu a si mesma. *Eu voltarei para eles sã e salva, da forma como eu disse a eles que faria.*

A floresta se separou conforme o terreno ficava íngreme sob seus pés. O sol estava começando a se pôr, banhando tudo diante dela em ouro.

— Mas, o que...

À frente dela, Paul se abaixou quando uma videira espessa se desenrolou de um galho de árvore, se esticado no ar, folhas amarelas brilhantes desabrochando. Clarke sabia de investigações anteriores que as folhas estavam pegajosas e, pela manhã, estariam cobertas de insetos para a videira absorver.

— Você está bem? - Clarke perguntou.

— Sim. - Disse ele, parando para deixá-la alcançá-lo, e ele se virou de um lado para o outro, ligeiramente atordoado. — O que foi isso?

— Eu as chamo de vinhas carnívoras noturnas. Mas eu não tenho ideia de qual é o nome correto delas. Ou se eles já tiveram um nome. Acho que é uma mutação recente.

— É incrível. - Disse Paul, olhando por cima do ombro para ver melhor.

Sua bravata de tempos atrás parecia ter desaparecido, substituída por um surpreendente ar de admiração. Não muitas outras pessoas além de Clarke ficaram intrigadas com as plantas.

— O que é incrível? - Ela perguntou.

Paul balançou a cabeça.

— Nada na Terra parece ou age da maneira que nos disseram que seria. As flores sobre as quais lemos são venenosas. O veado tem duas cabeças. As vinhas se tornaram carnívoras. E no início, tudo parece meio assustador e monstruoso, mas há uma lógica nisso, sabe? Todas essas espécies, fazendo o que têm que fazer para sobreviver. Eles são todos lutadores. Eu gosto disso.

Clarke se surpreendeu sorrindo.

— Você se considera um lutador? Você também parece um pouco

alegre por isso.

Paul sorriu de volta. Foi melancólico, quase triste.

— Às vezes, ser alegre é uma forma de lutar. Quando você tiver visto algumas das coisas que eu vi... - Ele balançou a cabeça. — Digamos que não tive facilidade alguma ao crescer.

Clarke olhou para ele, perguntando se talvez Paul e Bellamy tinha mais em comum do que qualquer um imaginava. Ambos tiveram uma infância difícil, mas escolheram diferentes maneiras de lidar com a situação: Bellamy tornou-se distante e rebelde, acreditando que não havia ninguém com quem contar, que só podia confiar em si mesmo, enquanto Paul tentava ser aberto e amigável, alguém que outras pessoas podiam confiar.

Paul encolheu os ombros.

— Mas ei, quem nunca, né? Presumo que nem tudo foi arco-íris para você, ou então você não teria acabado em confinamento.

Clarke empalideceu ligeiramente, pensando em Lily e nas outras crianças que ela não conseguiu salvar.

— É complicado.

Ele sorriu para ela - um sorriso gentil e sincero, um mundo longe de seu habitual sorriso excessivamente alegre.

— Eu duvido disso. - Ele disse calmamente. - Tenho certeza de que você estava apenas tentando fazer a coisa certa.

Eles caminharam até escurecer e então continuaram até tarde da noite. Bellamy estava certo, fazia sentido cobrir tanto terreno quanto possível à noite, quando seria mais difícil localizá-los, e então descansar por breves períodos quando se cansarem. Ele claramente não estava tendo problemas para rastrear o inimigo. De vez em quando, ele voltava ao grupo para apontar uma rotina que Clarke nunca teria notado em plena luz do dia, quanto mais à noite. Quanto mais eles caminhavam, mais energia Bellamy parecia ganhar. Ele estava praticamente quicando agora, ansioso para continuar e encontrar os homens que haviam levado seus irmãos.

Mas todo mundo estava ficando cansado e, eventualmente, Bellamy admitiu que eles deveriam descansar por um instante. Ele correu à frente para explorar um bom local, e cerca de meia hora depois, os

outros o alcançaram em um vale na base de uma colina, próximo a um pequeno riacho.

Embora a noite estivesse fria, todos eles concordaram em não acender uma fogueira, para que a fumaça não atraísse atenção indesejada. As pessoas que trouxeram cobertores os colocaram no chão. Clarke assistiu com fascinação enquanto Cooper e Vale se enterraram sob montes de folhas secas.

— Você quer tentar isso? - Uma voz baixa perguntou. Ela se virou para ver Bellamy sorrindo para ela. Vê-lo sorrir encheu seu peito de calor, enquanto a preocupação que pesava sobre ela se esvaía para longe.

— Eu não preciso. Eu trouxe um cobertor, ao contrário de algumas pessoas muito nobres e muito tolas que eu conheço.

Bellamy cruzou os braços e estremeceu exageradamente.

— O que você acha, doutora? - Ele perguntou, esticando a cabeça para trás para olhar para o céu. — Vou arriscar exposição? Queimadura por frio?

— Não se preocupe. Se você tiver ulceração pelo frio, tenho certeza de que poderei amputar sem muitos problemas. Essa faca que você trouxe é bem afiada, certo?

— Claro, sempre há medicina preventiva.

— Sim. - Disse Clarke, acotovelando-o na lateral. — Como trazer um *cobertor*.

— Eu trouxe um.

— Do que você está falando? Eu vi você tirar da sua mochila.

Bellamy sorriu, e sem outra palavra, levantou Clarke do chão, andou um pouco longe dos outros, e então deixou que caíssem em uma pilha enorme de folhas secas.

— Me solte! - Clarke disse com uma risada, lutando para se sentar.

— Cara, este é um cobertor agressivo. - Disse Bellamy, envolvendo os braços em volta da cintura dela e puxando-a de volta para ele.

Seu cansaço a atingiu, estabelecendo-se em seus membros. Ela relaxou e se permitiu afundar nele, descansando a cabeça em seu peito.

— Isso é o que o médico receitou. - Disse Bellamy silenciosamente, passando a mão pelo cabelo dela.

— Deixe a medicação comigo, Blake. - Ela disse sonolenta.

Ela respirou fundo, sorrindo enquanto seus sentidos eram inundados com seu perfume favorito no mundo, uma mistura de fumaça de fogueira, terra úmida, agulhas de pinho e sal: o cheiro de Bellamy.

Ele beijou o topo de sua cabeça.

— Descanse um pouco.

Ela se aconchegou mais contra ele.

— Você também. - Mas em vez de sentir sua respiração ficar mais estável e seus braços relaxaram quando ele adormeceu com ela, ela poderia dizer que ele estava bem acordado, seu coração disparado.

Clarke ergueu a cabeça. Os olhos de Bellamy estavam abertos, sua mandíbula tensa.

— Vai ficar tudo bem. Vamos encontrá-los e trazê-los para casa.

— Apenas durma, Clarke.

— Você precisa dormir também. Precisamos de você disposto.

— Eu não consigo dormir. - Uma ligeira irritação surgiu em sua voz.

— Bellamy... - Ela traçou sua bochecha com os dedos. — Você tem que tentar...

Ele virou a cabeça para o lado e ela deixou sua mão cair. Clarke se sentou.

— Estou preocupada com eles também, você sabe. Wells é meu melhor amigo e eu amo Octavia e Eric...

Ele fechou os olhos e estremeceu, como se as palavras dela estivessem causando-lhe dor física.

— Simplesmente pare, Okay? Você não consegue entender. Você nunca teve um irmão, você não sabe como é. E agora eu perdi dois.

Quando ele abriu os olhos novamente, a ternura de momentos antes tinha ido embora, substituído por uma ferocidade que a fez querer se

afastar.

— Mas eles vão pagar. Não haverá qualquer um daqueles bastardos carecas para ir embora quando eu acabar com eles.

Clarke olhou para ele, assustada.

— Bellamy, não estamos planejando uma batalha. Nós vamos entrar sorrateiramente e tirar nosso pessoal de lá. Ou talvez até negociar com seus captores. Pode haver uma solução pacífica.

— *Uma solução pacífica?* - Bellamy cuspiu. — Você está brincando comigo?

— Temos apenas duas armas e não temos ideia do tipo de forças que estamos enfrentando. Não podemos transformar isso em uma missão suicida só porque você está com vontade de atirar em alguém.

Bellamy se levantou tão rapidamente que Clarke quase foi jogada para trás.

— Você ainda não confia em mim, confia? Você acha que sou apenas um idiota cabeça quente sem células cerebrais suficientes para chegar a um plano coerente.

Clarke suspirou.

— Não, claro que não. Eu só acho que há uma possibilidade de que...

— Você nunca vai confiar em mim, não é? Serei sempre o delinquente waldenita que bagunça tudo. - Ele a encarou como se a visse pela primeira vez.

— Isso não é verdade! - Clarke correu para colocar a mão em seu braço, mas ele se afastou.

— Vá dormir. - Disse ele secamente. — Precisamos começar a nos mover novamente em algumas horas.

— Bellamy, espere...

Mas ele já havia desaparecido nas sombras.

CAPÍTULO 12

Glass

Glass e as outras sete garotas capturadas no acampamento ficaram em uma longa fila. Em seus recém-adquiridos vestidos brancos, pareciam os raios da cerca de estacas que Luke havia construído ao redor de sua cabana.

Elas foram conduzidas da cova por uma série de corredores tortuosos e em ruínas em um vasto corredor vazio. Grandes pedaços do teto e das paredes estavam faltando, e a luz do sol da manhã acumulado no chão. Algumas árvores floridas surgiram das rachaduras no cimento, enchendo o ar com uma fragrância sutil e doce. Em outra situação, pode ter parecido bonito, ou pelo menos impressionante, mas quanto mais Glass ficava na Pedra, mais seu estômago se enchia de pavor. Ela não tinha certeza do que estava acontecendo aqui, mas tudo parecia muito, muito errado.

— O que eles vão fazer conosco? - Octavia sussurrou para ela.

— Não sei. - Disse Glass, olhando em volta nervosamente.

Uma mulher loira em seus vinte e tantos anos, usando um vestido e túnica cinza, caminhava para cima e para baixo na fila, inspecionando as meninas. A cada pequena carranca ou sobrelanceira levantada, Glass ficava mais ansiosa. Ela não sabia em que estavam sendo avaliadas e, pior ainda, ela não sabia se era melhor falhar ou ter sucesso.

A mulher de cinza alcançou Glass, olhou-a de cima a baixo, em seguida, olhou nos olhos de Glass, sem piscar. Glass não tinha certeza do que fazer, exceto olhar de volta. Mas parecia tão intrusivo, tão pessoal, ela só conseguiu segurar o olhar da mulher por um segundo antes de desviar os olhos.

A mulher já havia se mudado para Octavia antes que Glass tivesse a chance de avaliar sua reação, além de uma vaga sensação de que não tinha corrido bem. Mas ela deveria estar chateada ou aliviada? Qual foi o objetivo de impressionar essas pessoas?

Sobrevivência, veio a resposta. Era como se ela estivesse no piloto automático, sentindo nada além de uma determinação de fazer o que fosse preciso para sair dali. Para voltar ao acampamento. Para voltar a Luke.

Quando a fila de garotas começou a se mover, precisou um olhar de

advertência de Octavia para Glass perceber que ela precisava seguir.

— Vamos fazer um tour pela Pedra antes de sua limpeza. - Gritou a loira. — Soren deseja que vocês tenham uma ideia de sua nova casa, agora que estão hospedadas conosco.

— *Ficar* com eles? - Lina sussurrou atrás de Glass. — Eles fazem parecer que somos convidados.

Glass assentiu, mas não disse nada, não querendo incorrer na ira da mulher que já estava observando-os com desconfiança.

— Esta é a copa. - A mulher gritou do início da fila, enquanto elas abriam caminho por um corredor.

Eles passaram por um espaço sem janelas bombardeado, e Glass teve a visão de algumas mulheres em vestidos brancos esfregando louça de barro e roupas de um lado, do outro lado painéis, gigantescas e fumegantes. Algo pelo qual ansiar.

A mulher parou, com a mão levantada, e acenou com a cabeça para a sala.

— Amanhã, todas vocês vão levar; uma vez em cada uma de nossas tarefas, e receberão uma posição com base na aptidão.

Octavia zombou baixinho ao lado de Glass.

— Certo. *Aptidão*. Para ver se temos um dado dom de Deus para lavar roupas nojentas ou um talento inato para lavar pratos.

A mulher de cinza fez uma careta para Octavia e ela ficou em silêncio.

A fila se moveu novamente e logo elas foram conduzidas para fora. À distância, Glass viu um grupo de Protetores com cabeças raspadas correndo ao lado de algumas figuras de aparência exausta. A partir da maneira como os Protetores gritavam com eles, Glass concluiu que eles também eram prisioneiros. Havia mais amigos dela entre eles? Ela apertou os olhos para a luz do sol, a mente correndo.

Mais alerta do que antes, Glass tentou observar o máximo de detalhes que pôde sobre a pedra. O que parecia ser uma única estrutura do lado de fora era mais como uma coleção de edifícios em um padrão de favo de mel, não muito diferente do layout da Colônia. Algumas estruturas pelas quais passaram não eram mais do que esqueletos, vigas de aço nuas cercando pilhas de entulho, enquanto outras

estavam mais intactas.

Protetores vestidos de branco estavam por toda parte, mas estranhamente, eles não pareciam estar fazendo muito. Desde que ela havia chegado ao acampamento dos colonos, todos os dias era uma enxurrada constante de atividades, com pessoas capinando o jardim, coletando lenha, perseguindo as crianças ou construindo novas estruturas. O que essas pessoas *faziam* o dia todo?

Havia pelo menos alguns sinais de vida real no centro do edifício, que a mulher chamou de “Coração da Pedra” enquanto ela os conduzia em direção a ele. Era uma pequena floresta -

talvez fosse um pátio antes - agora cheio de árvores, algumas delas dando frutos. Glass respirou o cheiro de maçãs e peras amadurecendo, ouvindo vagamente a explicação monótona da mulher sobre algo religioso cerimônias e oferendas à Terra. O grupo começou a se deslocar novamente antes de Glass estar pronto para sair do confortável dossel verde.

— Agora vou levar todas vocês para conhecer nosso líder e ver nossa generosidade. - Disse a loira reverencialmente, conduzindo-os de volta pelo prédio. — Soren voltou de uma longa jornada espiritual e está ansioso para conhecer vocês.

Glass e Lina trocaram olhares nervosos. Conhecer parecia uma palavra estranha para usar com meninas que foram drogadas e sequestradas. E esta era a pessoa em acusação, que deu as ordens e aprovou as ações violentas dos Protetores.

O edifício se abriu para uma vista enorme, tão ampla e brilhante que Glass quase cambaleou do escopo dele. Um enorme campo retangular cheio de plantadores se estendia diante deles, além disso, uma bacia hidrográfica, brilhando ao sol do meio-dia. Quando seus olhos

se ajustaram, ela observou em mais detalhes: os restos de edifícios caídos ao longo do horizonte distante, as colheitas no campo. Lá estava uma mulher solitária em um vestido branco escolhendo entre as plantações com um olhar cuidadoso, seu cabelo preto caindo sobre um ombro.

Algo estranho chamou sua atenção, e Glass se aproximou para ter uma visão melhor. Lá havia *rodas* embaixo de uma das plantadeiras, que estava cheia de batatas e outras raízes.

Quando a loira começou um discurso sobre a generosidade da Terra,

duas percepções atingiram Glass: que batatas cresciam sob o solo, não em pilhas empilhadas, e que cada plantador aqui tinha rodas.

Eles nem eram plantadores. Eles eram carrinhos. Isto não era uma fazenda, apenas um lugar para classificar a comida que essas pessoas tinham saqueado.

A raiva varreu seu medo de lado enquanto Glass pensava em como todos haviam trabalhado duro para estarem prontos para a festa da colheita. As semanas passadas trabalhando nos campos, as horas passadas na caça, os dias passados colhendo e secando frutas.

— Vocês são apenas *ladrões*. - As palavras saíram da boca de Glass antes que ela tivesse tempo de pará-la. Ao lado dela, Lina se engasgou e balançou a cabeça, mas era tarde demais.

A mulher parou de falar, estreitando os olhos, enquanto todos se viravam para olhar.

— Como você ousa falar sobre os Protetores dessa maneira.

Glass recuou quando a mulher caminhou em sua direção, com a mão levantada.

Mas então a mulher de cabelos escuros do campo apareceu, enxugando as mãos sujas em seu vestido-túnica branco vestido. A mulher loira parou em seu caminho.

— Paz, irmã. - A mulher de cabelo escuro disse. — Eu gostaria de ouvir o que ela tem a dizer. -

Os olhos dela estavam enrugados nos cantos e brilhantes de curiosidade. Ela sorriu para Glass, e havia apenas calor neles.

— Por favor, me diga. - Disse a mulher. — Como somos ladrões?

Um alarme tocou na mente de Glass, avisando-a para ter cuidado, apesar do gentil comportamento. Mas então ela pensou sobre a angústia no rosto de Luke quando ele a viu ser arrastada para longe. Os gritos aterrorizados e gritos de dor que encheram a clareira depois que as explosões acabaram.

— Esta *generosidade* não é um presente da Terra. É comida que você roubou de comunidades que trabalharam duro para alimentar seu povo, seus filhos. Você tem um campo aqui. - Disse Glass, apontando para ele. — Por que você não está cultivando nada? Vocês não sabem

como?

A mulher mais velha acenou com a cabeça seriamente.

— Nós sabemos como, na verdade. Mas a Terra ainda não deu permissão. Não podemos destruir o solo para nossas próprias necessidades egoístas até encontrarmos o lugar onde vamos plantar as raízes de nossa civilização. A Terra deve primeiro nos enviar um sinal. Então e só então nós iremos evoluir de forrageadores para agricultores.

— Qual o tamanho da placa que vocês precisam? - Glass perguntou, sentindo como se estivesse caminhando em uma linha perigosa. — Vocês têm uma enorme fortaleza. Um espaço perfeito para plantar. Vocês ainda têm árvores frutíferas crescendo no meio do terreno - o Coração, como vocês chamam? Vocês poderiam facilmente transformar isso em um Pomar. Então vocês não precisariam atacar pessoas inocentes e roubar sua comida.

A mulher de cabelos escuros estava pegando as mãos de Glass. Confusa, Glass a deixou pegá-las, e a mulher as pressionou entre suas próprias palmas ásperas.

— Aprecio sua paixão. - Disse a mulher, olhando nos olhos de Glass. Quando ela o fez, as mãos de Glass se afastaram, ela acenou para a mulher de cinza e apontou para Glass, alguns tipo de sinal que fez o estômago de Glass torcer. Então ela se virou para o resto do grupo. — Saudações, novas amigas. É um prazer conhecer todas vocês. Meu nome é Soren.

Uma nuvem passou pelo sol, reorganizando o cenário enquanto a mente de Glass lutava para alcançar algum sentido ao que se desenrolara à sua volta. Ela era Soren. Seu líder.

— Eu tenho uma série de nomes aqui. - Soren continuou, estendendo a mão para amarrar seu cabelo escuro com listras cinza cabelo em um coque na nuca. — Alguns me chamam de Alta Protetora, outros preferem mãe Protetora, ou mãe, para resumir. A maioria das pessoas a penas me chama de Soren, que é meu nome verdadeiro, e tudo bem também! - Ela riu, um som refrescantemente normal depois de todos os rituais estranhos e cantando. — Não sou muito exigente com títulos. O importante é que você saiba qual é o meu propósito, e isso é duplo: ajudá-lo a encontrar um lar aqui e servir a Terra com toda a minha alma.

Soren fechou os olhos por um longo momento. Quando os olhos da

mulher mais velha se abriram, eles pareciam ainda mais brilhantes e mais pacíficos do que antes.

— Teremos tempo para nos conhecermos enquanto fazemos nosso trabalho. - Disse ela, cumprimentando cada uma das garotas na fila com um sorriso. — Mas hoje, gostaria de deixar alguns pensamentos sobre *mães*. Eu me considero a mãe de todos aqui. - Ela parou na frente de Lina, e alisou seu cabelo brilhante. — Isso a incluiu.

Para a surpresa de Glass, Lina corou e olhou para os pés.

— As mães são sábias. - Soren continuou. — Elas se preocupam com os outros, e dar este presente lhes dá um em troca, elas estão conectadas ao solo, ao ar, à sua intuição de uma forma que é especial e importante. - Ela entrelaçou os dedos, girando para encarar os outros. — As mães também são fortes. Elas não obedecem aos caprichos de seus filhos. Eles instruem. Elas os transformam nas melhores pessoas que eles podem ser.

Os olhos de Soren encontraram os de Glass, mas desta vez, Glass não desviou o olhar. Ela não conseguia entender o entorno da desconexão entre o calor de Soren e a violência dos Protetores. Ela os tinha visto atacar seu acampamento. Ela os viu quase matar Luke. Ainda de pé, ouvindo as palavras calmas de Soren, ela sentiu sua raiva começar a se dissipar.

— O que eu quero que vocês entendam, conforme vocês conhecem nosso pequeno enclave aqui e as coisa que esperamos realizar, é que nós, mulheres, devemos ser mães de nosso povo - Soren sorriu - Especialmente dos homens. Eles são crianças, realmente! Todos os humanos são. Eles são inocentes, mas perigosamente imprudentes nessa inocência. Eles são compradores.

Precisamos mostrar o caminho a eles. O que foi feito pela Terra - a maior mãe de todas - é nada menos que comovente. Mesmo antes da Quebra, este mundo foi invadido por crianças mimadas e seus brinquedos, envenenando o ar e o águas, construindo e colhendo e cortando para atender às suas próprias necessidades. Havia deuses, religiões, mas o maior poder de todos era o egoísmo.

A sobrancelha de Soren franziu e ela respirou fundo.

— Tivemos outra chance. Para fazer melhor. Para ser melhor. E vou precisar da sua ajuda para fazer isso acontecer. Vocês, as *mulheres* entre nós.

Soren pressionou as mãos contra o coração e, para sua surpresa, Glass sentiu algo se mexendo dentro de seu próprio peito. Ela tentou tanto ser útil nas últimas semanas, mas nunca parecia ser um lugar para ela voltar ao acampamento. Ela não sabia como curar os doentes ou

projetar edifícios. Ela não conseguia carregar cargas pesadas de lenha. Ela nunca poderia inventar jogos para divertir as crianças. Mas talvez Soren estivesse certa. Talvez houvesse um papel para o Glass na Terra, um que ela poderia fazer bem, sem decepcionar as pessoas.

— Todos nós servimos a Terra, e se você servi-la bem, um dia você poderá estar onde eu estou, como o maior protetor de todos... se a Terra assim o desejar. — Soren sorriu. — Esse é um pequeno costume nosso. Quando um de nós diz: ‘Se a Terra assim desejar’, todos nós repetimos, para encorajá-lo. Devemos tentar uma vez? Se a Terra assim o desejar...

E todas repetiram hesitantemente:

— Se a Terra assim o desejar.

— Um bom começo. - Soren disse, batendo palmas. — Bem vindas a nossa família.

CAPÍTULO 13

Wells

Wells deu mais um passo para o rio, a água fria pinicando seu

estômago nu. Ele rangeu seus dentes, cravou os dedos dos pés na lama escorregadia e continuou.

Próximo a ele, Eric estremeceu, os dentes batendo. Por outro lado, Kit, o nascido na Terra que foi levado com eles, entrou na água com uma expressão plácida. Talvez ele estivesse mais acostumado com as temperaturas mais frias do que os Colonos acostumados a seus climatizadores. Abaixo da linha, Graham apertou sua mandíbula quando a água do rio espirrou em seu torso.

— Você pode parar por aí. - Uma voz musical soou na margem do rio, e todos os prisioneiros viraram-se para enfrentar o complexo.

Uma fila de Protetores armados em uniformes brancos esperava na margem para garantir a cooperação dos prisioneiros nesta cerimônia "voluntária". Atrás deles, a Alta Protetora, Soren, estava em uma pilha de entulho, olhando para fora como uma deusa benevolente.

Soren tinha visitado o quartel esta manhã, e Wells ficou um pouco surpreso ao ver uma mulher liderando essas pessoas violentas e brutais. Descobriu-se que todas as principais tomadoras de decisão aqui eram mulheres. Os homens eram apenas os músculos que executavam suas ordens. Quando Soren falou com os "mais novos de nosso rebanho", como ela chamava os prisioneiros, ela contou a eles sobre uma cerimônia que eles participariam para purificá-los de suas transgressões passadas. Ela parecia tão razoável, e a maneira como ela descreveu esta cerimônia parecia mais benigna do que a realidade de fato; todos os meninos estavam estremecendo na água gelada, lutando para se manter de pé no rio corrente.

Wells esperou que Soren desse o próximo conjunto de instruções, mas em vez disso, de forma enlouquecedora, ela se virou e fez um gesto atrás dela, conduzindo outro grupo de prisioneiros para a beira da água.

Este grupo era todo feminino. Wells respirou fundo, examinando-os freneticamente. Ele lembrou o que os Protetores disseram no vagão sobre manter "o melhor de suas mulheres", mas desde então ele ainda não tinha posto os olhos nelas, não ousava imaginar quem poderia ter sido levado.

Lá estavam eles, tremendo em trajes brancos sem mangas e idênticos. Oito das garotas do acampamento. Seu coração afundou ao ver Lina e Octavia, e a dor percorreu seu peito quando seus olhos pousaram em Glass. Sua amiga de infância já tinha suportado tanto sofrimento, e

agora aqui estava ela, enfrentando o que poderia ser o desafio mais perigoso até agora. Luke deve estar

perdendo a cabeça de preocupação agora. Bellamy também. As meninas pareciam ilesas, graças a Deus. Mas saber que elas estavam aqui, entre esses monstros, enviou ondas de dor por seu peito.

Wells respirou fundo e desejou que sua raiva diminuísse. Ele se certificaria de que seus amigos pudessem voltar para casa. E se descobrisse que os Protetores machucaram alguém no acampamento, então Wells iria fazê-los sofrer por isso. Mas este não era o momento.

Glass chamou a atenção de Wells e olhou para ele com espanto. Ele podia ler seu rosto como um livro. Ela ficou consternada por ele também ter sido capturado, mas aliviada por ele estar ali com ela. Com medo de que tudo desse terrivelmente errado.

As garotas entraram na água respirando fundo. Wells tentou capturar o olhar de Octavia, mas ela não se virou, apenas olhou para frente, sua boca em uma careta desafiadora enquanto balançava os braços nas ondas do rio.

— Você pode parar por aí. - Disse Soren novamente, abrindo bem os braços enquanto as meninas paravam poucos metros à frente de Wells, e se virou para encará-los. — Bem-vindos, novos amigos. É uma bênção para todos ter vocês conosco.

Sua voz era calorosa e sua expressão gentil. Mas Wells se recusou a deixar esses detalhes o distraírem do fato de que havia algo muito errado com essas pessoas.

— A Terra realizou seu incrível trabalho e trouxe vocês para o nosso rebanho. Vocês foram criados em comunidades diferentes da nossa, sob costumes diferentes. - Ela ergueu os olhos com divertimento. — Alguns de vocês, pelo que eu entendo, chegaram até nós do céu. Nós honramos o seu passado. Mas agora é hora de lavá-los e começar de novo, tão limpos quanto o momento de seu nascimento. Quando eu liberar meus braços - Soren disse, ainda os segurando bem abertos — Eu gostaria que vocês mergulhassem suas cabeças sob a água e subissem novamente, novos.

Seus braços afundaram. Conforme ordenado, Wells mergulhou sob o choque gelado da água. Ele abriu seus olhos, surpresos com a visão de um peixe fluorescente nadando, então se endireitou com um suspiro, deixando o rio escorregar por ele.

— Como seus corpos agora estão limpos, peço que limpem suas mentes também - Disse Soren, seu olhar viajando sobre todos eles. — Não de sua educação ou suas habilidades. Esses são presentes da própria Terra. Limpe sua mente de suposições. Livre-se do que você sempre se agarrou como verdade. Ande entre nós com a mente aberta. Seja um recipiente no qual a Terra possa derramar sua sabedoria, e você estará a caminho de servir como um verdadeiro Protetor e amigo desta grande comunidade - o último e *único* império, se a Terra assim o desejar.

— Se a Terra o desejar. - Repetiu Wells, junto com todos os outros.

Quanto mais ele parecesse estar participando desse absurdo, mais fácil seria ganhar sua confiança... e então usá-la contra eles.

— E agora - Disse Soren brilhantemente — nós celebramos! - Ela sorriu e acenou para que saíssem da água, primeiro as moças e depois os homens.

Wells esfregou as gotas de água de seus olhos até que ele pudesse ver a aglomeração à distância. Havia um grande campo retangular gramado logo após a margem do rio, alinhado com mesas cheias de comida e beber. Enquanto Wells saía do rio, uma mulher pequena em um vestido branco ofereceu-lhe um pano para se secar.

— Obrigado - Disse ele.

Ela piscou em resposta e saiu correndo.

Wells passeou pela reunião, olhando para as cestas empilhadas com comida, perguntando-se qual delas foi saqueada de seu próprio acampamento. Esse alqueire de maçãs esmagadas? O doce batatas? Os rolos, feitos com grãos de outra pessoa? Wells pegou um de cada e vagou para longe das mesas, procurando por Graham e Eric.

Wells encontrou seu olhar atraído de volta para a margem do rio, onde duas meninas estavam se demorando, cabeças inclinadas para perto enquanto conversavam. A loira olhou nervosamente por cima do ombro - eram Glass e

Octavia. O que quer que eles estivessem discutindo, eles não estavam disfarçando tanto quanto pensavam que estavam. As mulheres de cinza as observavam no campo.

Glass chamou sua atenção e começou a murmurar algo para ele, mas ele balançou a cabeça. Em vez disso, ele sorriu de volta vagamente,

usando a mesma expressão plácida que viu em todos os Protetores, então gesticulou para que Glass e Octavia se juntassem a ele.

Ele encontrou um lugar em um cobertor perto das paredes do complexo e se acomodou com sua comida. Alguns minutos depois, Glass e Octavia se aproximaram e se sentaram ao lado dele. Wells teve que se esforçar para não encarar os Protetores que observavam seus movimentos com olhos avaliadores.

— Você está bem? - Glass perguntou, inclinando-se para dar-lhe um abraço rápido.

— Estou bem. - Disse ele. — Continue sorrindo.

Ela assim o fez.

Octavia sorriu também, mas o dela não foi tão convincente.

— Estamos partindo. - Disse Octavia por meio dos dentes cerrados. — Vi alguns barcos amarrados à beira do rio. Qualquer oportunidade que tiver, vou correr para eles.

Wells podia sentir sua pulsação saltar em seus pulsos, estômago, garganta. Ele continuou sorrindo.

— Quando?

O sorriso falso de Octavia desapareceu quando ela pressionou os lábios em uma linha determinada.

— O mais rápido possível. Esta noite, talvez.

— Espere.

Wells sussurrou antes de esticar a cabeça para acenar respeitosamente para uma mulher loira em um vestido cinza passando silenciosamente. Assim que ela estava fora do alcance da voz, ele deu uma mordida na maçã, esticando as pernas casualmente na frente dele.

— O que quer que você esteja pensando em fazer, não faça. Não ainda.

Os olhos de Octavia se estreitaram.

— Por que não?

Glass respondeu por ele.

— Ainda não é o momento certo.

— Exatamente. - Disse Wells, oferecendo a ela um pedaço de maçã. Glass balançou a cabeça educadamente e olhou ao longe.

— Parece o momento perfeito para mim. - Disse Octavia, estendendo a mão para reivindicar a mordida que Glass tinha passado. — Há barcos amarrados na água agora. Podemos...

— Nós podemos *o quê?* - Wells sussurrou rapidamente. O campo estava enchendo rapidamente e sua janela para a conversa estava fechando. — Remar enquanto eles atiram em nós?

Octavia franziu a testa, mas ele a viu considerando.

— Pode ser o início de um plano. - Disse ele pacientemente. — Mas não temos armas, nem ajuda, e eles não confiam em nós o suficiente para baixar a guarda ainda. Mesmo se fôssemos fugir, todo o caminho de volta para casa, eles marchariam direto de volta para lá e fariam a mesma coisa que faziam antes – só que pior desta vez.

— No que você está pensando? - Glass perguntou baixinho, beliscando uma ponta do pão velho e rolando-o entre o indicador e o polegar.

— Nós nos tornaremos protetores. - Disse Wells. — Todos nós. Graham, Eric, Kit e os outros caras do nosso acampamento estão a bordo. Fale com as outras garotas que foram capturadas e espalhe a palavra. Nós faremos o que for preciso para que eles confiem em nós, para acreditar que queremos nos juntar a eles. Então, uma vez que eles confiem em nós e baixem a guarda, estamos fora daqui. Dessa forma, quando escaparmos, será com nossas próprias armas em nossas mãos e uma chance de lutar para voltar para casa.

Octavia ficou quieta e, por um momento, Wells se preocupou que ela fosse discutir com ele, alto, bem aqui, cercado por seus inimigos. Então ela balançou a cabeça lentamente e olhou para ele.

— O longo jogo... Ok, estou com você, Jaha.

Wells sorriu, então olhou para Glass, esperando vê-la assentindo em concordância. Mas ela estava olhando para longe, uma expressão estranha em seu rosto, que, pela primeira vez em sua longa amizade, ele não conseguia ler. Ele se perguntou se ela estava pensando em Luke...

mas não, não era isso. Não havia nenhum elemento de dor, apenas

melancolia.

— Glass? Você concorda com o plano? - Wells perguntou.

Ao som de seu nome, ela se assustou e se virou para ele.

— O que? Sim, claro.

Uma sugestão de algo que ele reconheceu passou por seu rosto. Depois de tantos anos e tantos segredos, ele sempre poderia dizer quando ela estava mentindo.

CAPÍTULO 14

Bellamy

Agachado atrás de uma confusão de musgo de ramos podres, Bellamy observou o pôr do sol sobre o maior edifício que ele já viu.

Este tinha que ser o lugar. E esse era definitivamente o momento. Eles levaram muito tempo para conseguir chegar aqui. Durante o último dia de caminhada, o terreno havia se tornado instável e traiçoeiro, as ruínas de uma paisagem urbana caída cobriu a floresta com perigos ocultos, colinas e cristas e declives acentuados iam em todas as direções. Mas finalmente eles estavam aqui e não havia um segundo a perder. Eles esperaram cada segundo durante o qual algo terrível poderia acontecer a Octavia, Wells e o resto de seus amigos.

Uma matilha de homens de branco saiu do prédio há poucos minutos, vagões rolando atrás deles. A visão deles lançou uma torrente de raiva borbulhante, e levou todo o seu autocontrole para não atacá-los. Não houve nenhum movimento desde então - da parte de ninguém.

— Vamos em frente. - Sussurrou Bellamy para os outros.

— O sol está se pondo. - Disse Clarke timidamente. — Talvez devêssemos recuar e fazer acampamento em algum lugar, podemos estabelecer um perímetro. - Ela desviou o olhar enquanto falava, como se tivesse medo de afastar Bellamy.

— Bom plano, Griffin - Disse Paul, assentindo enfaticamente. — Estaremos melhor sob a cobertura da escuridão.

E o que você sabe sobre isso? Bellamy queria perguntar. Você foi um "oficial" em uma estação espacial onde não havia noite... e nenhum inimigo

real. Mas então ele viu a maior parte do outros acenando com a cabeça também e suspirando interiormente. Não havia nenhuma maneira que ele pudesse invadir esta fortaleza de concreto por conta própria. Ele precisava dos outros com ele, e se eles quisessem recuar, então seria do jeito que tinha que ser. Por enquanto.

Quando Bellamy se levantou e começou a se esticar, estalando as costas com um gemido baixo, Paul se virou de volta e gritou:

— Um de nós deveria ficar aqui e vigiar. Bellamy? - Houve um desafio em seus olhos.

— Eu faço isso. - Disse Felix, quebrando a tensão. — Basta mandar alguém de volta para me dizer onde vocês acamparam para que eu possa avisar se alguma coisa mudar.

Paul pareceu desapontado, mas ele acenou com a cabeça, então se virou para o resto do grupo, dizendo:

— Mantenham-se abaixados e *permaneçam quietos*. - No sussurro mais alto que Bellamy já ouvira.

Eles partiram silenciosamente, uma única linha sinuosa pela floresta, seguindo a mesma trilha em que eles vieram. Clarke ficou nos fundos com Bellamy.

— Você está bem com esse plano? eu acho que isso nos dará a melhor chance.

— Sim. Tudo bem. - Ele disse, sem encontrar seus olhos.

Eles mal trocaram mais do que algumas palavras desde a noite passada. Ele se sentiu como se estivesse sendo dividido ao meio. Parte dele queria puxá-la para o seu braços e implorar a ela para perdô-lo por agir como um idiota. Mas uma parte igualmente forte dele não estava pronta para *perdoá-la*. O que ele teria que fazer para que ela confiasse nele?

— Ei, Clarke. - Paul chamou. — Venha ver este inseto louco... espere, espere... de jeito nenhum!

eu acho que é um sapo com asas. Tem a cara mais estranha que já vi.

Sem outra palavra para Bellamy, Clarke correu até onde Paul estava parado na borda de um pequeno lago. Bellamy fez uma careta para as costas de Paul.

O grupo continuou caminhando, e Bellamy os seguiu até a curva de um pequeno tributário, cobrindo seus rastros enquanto ele passava. Finalmente, Clarke apontou para a casca de uma antiga construção. Algumas de suas vigas de aço ainda estavam intactas, o musgo tão espesso que formava uma tipo de parede em dois lados, espessa o suficiente para protegê-los da vista à distância.

— Isso deve funcionar bem. - Disse Paul, estendendo a mão para descansar no ombro de Clarke.

— Bom olho, Griffin.

— Uma fogueira vai ser muito visível. - Disse Clarke, virando-se. A mão de Paul caiu do ombro dela. — Teremos que fazer o nosso melhor sem uma.

Toque-a mais uma vez e seu rosto será indistinguível do daquele sapo, Bellamy pensou, cerrando os punhos. Ele se forçou a respirar, então começou a trabalhar na construção de um círculo de alarmes de viagem improvisados ao redor do acampamento. Quando ele voltou ao centro, ele viu Clarke sentada de pernas cruzadas no chão, desenhando um diagrama da enorme fortaleza dos invasores na terra com um graveto. Paul se inclinou sobre ela, uma mão em seu ombro - *de novo* - como se quisesse se equilibrar. E ela não estava enxotando-o. Ela não estava fazendo nada.

Bellamy não conseguiu assistir por mais um segundo. Em vez disso, ele se virou e começou a se afastar.

— Ei! - Clarke chamou atrás dele. — Onde você vai?

— Dizer a Felix onde estamos. - Disse Bellamy, olhando por cima do ombro.

Ela franziu a testa, olhando para baixo novamente.

— Bom garoto. - Disse Paul alegremente, apontando para ele.

Bellamy não se preocupou em responder. Ele caminhou de volta pela floresta, tentando desembaraçar o ciúme que o estava consumindo por dentro. Mas tudo o que fez foi deixá-lo mais inquieto, mais ansioso por ação. As flechas em suas costas pareciam pesadas em sua aljava de couro.

Bellamy, ele relaxou e ergueu a mão em saudação.

— Você voltou. Ótimo. Então onde vocês estão acampados?

— Não importa. - Disse Bellamy sem parar. Ele acenou para Felix segui-lo. - Vamos indo por aqui.

Felix olhou por cima do ombro.

— E quanto aos outros? Onde estamos indo?

— Missão de escoteiro. Você vem?

Ele hesitou por um segundo, então acenou com a cabeça.

— Definitivamente.

Bellamy examinou a fortaleza coberta de hera à frente, assomando acima deles como um monstro na noite. Não havia ninguém entrando ou saindo no momento. Ele disparou à frente de um posto ao outro, Felix fazendo o mesmo a alguns metros de distância.

Ele captou tantos detalhes quanto pôde. Um pátio amplo e rochoso com sulcos para as rodas cortados no meio para uma trilha de carroças. Uma porta baixa cortava uma parede sólida, provavelmente fortemente protegida. Pontas de Armas sutilmente postas nas torres, espalhadas ao longo do topo do muro alto em todas as direções, nenhuma delas tripulada agora, pelo que parece.

Essas pessoas não estavam exatamente em alerta máximo. E por que eles estariam? Eles eliminaram seus possíveis adversários, praticamente queimaram-nos da face da Terra, e levaram todas as suas armas também.

Bellamy passou a mão pelo arco esculpido e, em seguida, disparou à frente novamente, desta vez para o lado do edifício, se é que se pode chamar assim. Esta estrutura era impossivelmente vasta, maior que as três naves da Colônia combinadas. Bellamy sentiu um aperto no estômago ao pensar em um grupo de pessoas populosas o suficiente para preenchê-lo. Como ele poderia trazer uma sociedade como essa à realidade?

Mas então ele parou, agachando-se na grama alta e fina, e ouviu a maneira como ouvia a floresta, próximo de sua casa. Ele podia ouvir um zumbido baixo de dentro da fortaleza, mas algo mais profundo do que seus sentidos normais disseram a ele que este edifício não estava cheio.

Pode ser por isso que levaram nosso povo, percebeu ele com um calafrio. *Talvez eles invadam a fim de reforçar seu exército*. Essa seria uma estratégia muito pobre. Matar seus prisioneiros, amigos e família e depois esperar que eles se juntem a você para saquear ainda mais pessoas?

A lua emergiu de trás de uma cortina de nuvens e, com o brilho repentino, Bellamy pôde saber mais sobre a estrutura do edifício. O que parecia uma sólida, inexpugnável parede coberta de trepadeiras era na verdade perfurada por pequenas janelas, seu vidro há muito tempo levado pelos ventos. Era um perigo para qualquer um que se aproximasse, muitos locais para fuzis passarem. Mas também poderia ser uma oportunidade?

Ele rastejou até uma das janelas e olhou através dela. Do outro lado estava uma espécie de caminho interno ou estrada. Pode ter sido um corredor uma vez, mas agora o luar estava iluminando o caminho; o teto desabou em toda a volta. Bellamy percebeu que a parede externa era apenas isso: uma parede protetora, desconectada do resto da estrutura. Talvez se eles pudessem encontrar uma maneira de ultrapassar essa parede, poderiam trazer seu povo de volta.

Felix correu à frente, apontando para o flash de luz ao longo do horizonte à direita.

Bellamy olhou em sua direção e viu também: um grande rio correndo ao lado do edifício, uma lagoa menor derramando-se praticamente até as próprias paredes. A única coisa entre a água ondulante e o edifício eram um grande campo verde retangular com terraço, um pouco menos descuidado que os demais espaços circundantes, junto a uma “praia” ribeirinha tão rochosa que Bellamy suspeitou que provavelmente já havia sido usada como uma estrada.

Ele queria continuar, dar uma olhada mais de perto, mas o caminho era recortado por dunas de detritos; seria difícil encontrar uma saída se eles tivessem problemas. Felix já estava correndo embora, sem dúvida pensando em Eric, mantido prisioneiro em algum lugar próximo.

Suas costas viraram-se e estava longe demais para ouvir um assobio de alerta, então Bellamy o seguiu, disparando de duna para duna.

Então ele viu movimento no campo à frente deles. Ele congelou, observando como cinco figuras emergiam da fortaleza, nenhum deles um soldado com a cabeça raspada. Elas eram todas mulheres, a

maioria envolta em tecido cinza ondulado. A que estava na frente era uma mulher mais velha vestida de branco com longos cabelos escuros, as mãos erguidas em direção ao contorno nebuloso da lua.

Calafrios percorreram a espinha de Bellamy ao vê-las. Havia algo excessivamente deliberado sobre a maneira como estavam caminhando, como os invasores durante o ataque, cronometrando cada passo até a medição precisa. E elas estavam cantarolando, fazendo ruídos baixos e guturais, como abelhas emergindo de uma colmeia. Bellamy não sabia o que estava acontecendo aqui, mas ele não gostou.

A mulher na frente se agachou para tocar a grama e as outras seguiram o exemplo, pressionando seus dedos em suas bocas quando terminaram, então levantando-os para o céu.

— Grande Terra. - A mulher gritou. — Realizamos seus desejos e o faremos pelo resto de nossos dias. Agora, humildemente suplicamos a você um sinal. Esta é a nossa casa? É aqui que nós devemos permanecer? Nossa pedra, nosso lar, nosso castelo?

Atrás dele, Bellamy podia ouvir o vento viajando pela floresta em quase sussurro imperceptível. A mulher no gramado inclinou a cabeça. Ela também ouviu.

— Se você deseja que permaneçamos, Grande Terra, envie Seu vento para nos abraçar . - Ela gritou.

Bellamy mal teve tempo de piscar antes que o vento o alcançasse, chicoteando seu cabelo como um esfregão, continuando a farfalhar as saias das senhoras no gramado, todas as quais pareciam maravilhadas e exultantes.

Exceto a de cabelos escuros, é claro.

Que artista de merda, Bellamy pensou. Se não houvesse vento, ela teria pedido que o ar ficasse parado.

— Temos nossa resposta, amigas. - Disse ela, um pouco mais abaixo, em seguida, virou-se, os braços levantados, para conduzi-los de volta para dentro. Mas pouco antes de se virar completamente, ela parou, ainda como uma estátua.

Bellamy prendeu a respiração. Seus olhos percorreram o vale coberto de escombros, passando direto por ele e longe.

— Vamos descansar. - Disse ela agradavelmente, relaxando os ombros, depois desapareceu de volta por trás parede com os outros.

Após um momento cuidadoso, Felix cruzou os destroços para se aconchegar ao lado de Bellamy.

— O que diabos foi isso? - Ele sussurrou.

— Alguém com quem tomar cuidado. - sussurrou Bellamy de volta. — Acho que já pressionamos a nossa sorte o suficiente por um dia.

— Sim. - Disse Felix, já começando. — Concordo. Vamos v...

O solo rugiu quando as pedras cederam sob os pés de Felix, engolindo-o de uma vez de forma barulhenta. Com a boca aberta, Bellamy mexeu-se nas mãos e joelhos, olhando para o local onde o amigo tinha desaparecido.

Então ele soltou um suspiro, o pânico dando lugar ao alívio.

Felix estava confuso, mas ileso, no chão do que parecia ser um porão. Ele olhou para Bellamy timidamente.

— Parece que encontrei uma maneira de entrar?

Sem um momento de hesitação, Bellamy deslizou as pernas para a abertura e caiu silenciosamente para baixo ao lado de Felix. Ele olhou em volta, vendo uma luz fraca ao longe.

Isto tinha sido um túnel uma vez, então.

Ele puxou do bolso a pequena adaga improvisada que esculpiu na rocha e posicionou-a na mão, em caso de problemas. Então ele acenou com a cabeça em direção à luz.

— Vamos lá.

Felix o seguiu agachado rapidamente, seus passos ecoando levemente no espaço cavernoso, apesar de suas melhores tentativas de manter o silêncio. Isso foi imprudente, isso foi uma tolice... e isso foi de longe a melhor oportunidade que eles tiveram.

Os passos de Bellamy diminuíram. Algo estava bloqueando o caminho à frente - uma carroça, talvez, carregada com algo que ele não conseguia identificar. Ele ouviu o som de invasores, mas não conseguiu distinguir nada. Com um aceno de cabeça para Felix, ele continuou, estendendo as mãos para a borda da carroça para que

pudesse empurrá-la o suficiente para dar-lhes espaço para ultrapassar.

Então, sua mão roçou o topo da madeira, saindo com um dos objetos dentro. Era redondo, estriado, com um pequeno pino de metal no topo. A respiração de Bellamy congelou em sua garganta. Ele colocou para trás, com cuidado, e deixou seus dedos viajarem levemente ao longo do resto. Então ele deu um passo para trás, maravilhado.

— Caramba! - Ele soltou uma risada silenciosa. — Esta carroça está cheia de armas. Existem armas, bombas... tudo o que precisamos.

Felix balançou a cabeça, olhando além de Bellamy para verificar por si mesmo.

— Você só pode estar brincando comigo!

Bellamy sorriu.

— Se isso é uma piada, é sobre eles. Eles provavelmente estão guardando a porta que abre para este corredor. Eles pensam que é um beco sem saída. E *será*, em breve.

— Qual é o seu plano? - Felix perguntou ansiosamente.

Bellamy ergueu uma das granadas para poder vê-la na luz.

— Nós vamos deixar uma dessas em cada pequena janela que pudermos encontrar. Nós vamos derrubar essas malditas paredes, andar bem no meio da fortaleza e pegar de volta tudo e todos que foram roubados de nós.

Um sorriso se espalhou pelo rosto de Felix.

— Você quer atacá-los, você quis dizer.

— Eles fizeram isso conosco. - Disse Bellamy, guardando cuidadosamente a granada enquanto se virava para partir, um novo fogo movendo seus passos. — É hora de retribuirmos o favor.

CAPÍTULO 15

Glass

Glass acordou ofegante. Alguém estava sacudindo seu ombro com um aperto cruel e frio.

A protetora loira olhou para ela, seu cabelo preso em um coque apertado. A mente de Glass alcançou o nome da mulher enquanto seus olhos se ajustavam ao escuro, distinguindo-a severamente por seus belos recursos. *Margot*, Glass lembrou. *Uma das conselheiras de Soren*.

E com essa constatação, seu coração apertou, sua mente voltando para aquele momento no campo quando Soren apontou para Glass. Deve ter sido uma ordem para Margot. A Alta Protetora não tinha aprovado seu pequeno discurso, e agora Glass iria descobrir quais seriam as consequências.

Margot começou a puxá-la para cima pela axila. Glass lutou contra ela.

— Não, não, o que quer que eu tenha feito, juro que vou melhorar! Vou ficar de boca fechada, eu vou...

— Shhh, você vai acordar as outras - Sussurrou Margot. — Não seja egoísta, elas precisam de descanso para o dia de trabalho que têm pela frente.

Foi uma coisa tão mundana dizer que Glass ficou em silêncio, mais por confusão agora do que por medo.

— Não sei o que ela vê em você - Sussurrou Margot enquanto Glass ficava ao lado dela. — Mas eu confio que você se mostrará útil com o tempo.

Margot a conduziu silenciosamente para fora da sala, na ponta dos pés em torno das formas adormecidas das outras meninas, algumas com os pés ainda teimosamente pendurados para fora das camas para que seus dedos pudessem tocar a terra. Esses eram os verdadeiros crentes, Glass sabia. Ela se manteve bem longe deles.

Glass passou pelo berço de Anna e quase o empurrou com o pé para acordá-la. Parecia uma boa ideia de ter alguém testemunhado ela sendo levada para fora dos dormitórios na escuridão da noite, mas ela não queria arriscar alertar Margot.

Assim que deixaram os dormitórios, Margot se virou para trancar a porta.

— Onde estamos indo? - Glass se atreveu a sussurrar.

— Para os aposentos de Soren - respondeu Margot. — Mãe mantém horários estranhos, então é melhor você se acostumar com acordares

como este.

Glass manteve o ritmo, seu cérebro o alcançando. Ela ainda achava desorientador como os Protetores chamavam Soren de “mãe”. Algum deles era realmente seu filho?

Elas viraram à esquerda, continuando pelo interminável corredor sem teto. Glass olhou para as estrelas piscando na luz do amanhecer e se perguntando onde Luke estaria. Ele estava acordado, exausto e distraído, olhando para as mesmas estrelas enquanto traçava um plano para resgatá-la? Ela desejou uma forma de enviar-lhe uma mensagem, para que soubesse que ela estava bem.

Margot parou, apontando para Glass uma escada de madeira que ainda cheirava a serragem. Enquanto ela subiu as escadas, Glass sentiu a mão de Margot em seu ombro. Ela estremeceu, esperando um empurrão impaciente. Mas, para sua surpresa, o toque foi gentil.

Dois guardas vestidos de branco estavam no topo da escada, usando seu habitual branco assustadoramente expressivo. Vendo Glass, eles acenaram com a cabeça - quase diferentemente

- e se separaram para deixá-la passar.

Glass forçou um sorriso por cima do ombro e continuou com Margot, as duas emergindo em uma sala ampla. Seu piso de cimento chamuscado estava coberto com tapetes de tecido e um dossel de cama ao seu meio. No canto da sala, um fogo queimava em uma lareira improvisada, uma chaminé de sucata enviando a fumaça com segurança pelo teto e para o céu noturno.

Glass ficou maravilhada por um momento com a beleza da sala, os muitos pequenos luxos aqui, antes lembrando que tudo isso provavelmente foi roubado. Quem passou horas e horas tecendo o vermelho cobertor de lã na cama de Soren? Glass não tinha visto muita tecelagem ou fiação de lã acontecendo por aqui.

Antes que ela pudesse absorver mais, Margot arrastou-a em direção a uma pequena antecâmara próxima a sala principal. Havia um berço aqui, assim como nos dormitórios, mas também uma pequena pia, um tapete quente no chão, até um pequeno espelho rachado na parede.

Glass olhou para si mesma com uma onda de choque. Fazia muito tempo que ela não via o próprio reflexo. Ela parecia tão magra, tão cansada... tão triste. Ela estendeu a mão e tocou a fenda, meio esperando seu rosto desaparecer atrás dela.

Os olhos de Margot desceram para a camisola branca engomada de Glass.

— Você é menor do que Dara. Teremos que ver seu vestido. Nesse ínterim, você pode usar seu uniforme antigo.

Ela jogou o vestido branco de Glass na cama. Glass piscou, surpresa - ela nem tinha notado Margot empacotando suas coisas no dormitório.

— Quem é Dara? - Glass perguntou, envolvendo os braços em volta de si mesma.

— Ex-empregada de Soren - disse Margot vivamente. — Você vai substituí-la. - Os olhos dela se aguçaram aos de Glass. — Ela era muito parecida com você, na verdade. Mente afiada. Sem filtros na boca.

Glass não conseguiu ler o sorriso malicioso de Margot, mas ela sentiu a suspeita girando em seu estômago.

— O que... *aconteceu* com Dara? - Ela beliscou as costuras da camisola, preparando-se para a resposta.

— Ela ascendeu - veio uma voz atrás dela.

Glass se virou para ver Soren parada na porta, lânguida e esbelta, com um leve sorriso nela cara.

— Ascendeu? - Glass perguntou com cuidado. Era essa a palavra deles para mortos?

Em resposta, Soren deu um passo para trás, chamando outra garota para a porta - uma garota de ombros largos e pele escura em seus vinte e poucos anos usando o vestido cinza de um dos Alto Conselheiros da Protetora.

— Dara - disse Margot calorosamente, estendendo a mão para apertar as mãos da menina. —

Irmã.

Dara sorriu e acenou com a cabeça educadamente para Glass.

— Mamãe é reservada - disse ela. — Você deve tê-la impressionado.

— Ela impressionou, sim. - Soren riu, estendendo a mão para Glass segurar — E vai continuar, eu não tenho dúvida.

A cabeça de Glass estava girando.

— O que eu devo fazer, exatamente?

— Sua primeira responsabilidade é dar um passeio comigo - disse Soren, deslizando de volta para dentro da câmara. — Eu gostaria de ver a Pedra na luz do amanhecer.

Os olhos de Dara encontraram os de Glass. Ela murmurou, sapatos, xale, enquanto Margot apontava para um baú aberto de roupas a alguns metros de distância. Glass correu para lá, puxando um conjunto de chinelos de couro e um grosso xale de lã. Dara assentiu e Glass os levou para Soren.

Soren sorriu em agradecimento, então olhou para a roupa de Glass.

— Pegue mais um para você, criança, para você não pegar um resfriado.

Dara já estava ao lado dela, oferecendo-lhe um manto branco macio.

— Obrigado - sussurrou Glass, lisonjeada e confusa com toda a atenção.

A Pedra estava quieta enquanto o amanhecer se erguia sobre ela em ondas de rosa e amarelo. Glass e Soren caminharam em um silêncio surpreendentemente confortável. Soren conhecia cada pequeno beco e atalho através da estrutura labiríntica, deixando Glass completamente desorientada. Finalmente, Glass sentiu o cheiro de algo verde e espesso e inebriante, e sabia exatamente para onde estavam indo: o Coração da pedra.

— Este é o meu lugar favorito - disse Soren, saindo do prédio e entrando no amplo pátio.

Ela conduziu Glass até as árvores, entre o pomar.

— Vim aqui para pensar. E para conversar.

Soren sorriu para Glass de uma forma encorajadora, como se dissesse que Glass deveria dar início a esta conversa. Então ela deixou escapar a primeira pergunta em sua mente.

— Por que você me escolheu como sua empregada?

Soren se iluminou.

— Porque você faz perguntas como essa. Você tem um coração honesto e uma boca ousada.

Mas mais do que isso... - Ela se virou, olhando para a luz que filtrava entre os ramos das árvores.

— Gosto da maneira como sua mente funciona.

Glass lutou contra uma risada incrédula. Em toda a sua vida, ninguém, exceto Luke, jamais lhe elogiou por isso.

— Algumas pessoas olham para o mundo e veem apenas o que podem tirar dele. O que eles podem colher, roubar, levar embora. - O sorriso de Soren caiu quando sua expressão ficou pensativa. — Isso é útil, com certeza. Isso é o que valorizamos em nossos invasores. Mas os líderes precisam de algo mais do que isso. Eles precisam olhar ao seu redor e ver o que eles podem fornecer para os outros. - Ela acenou ao seu redor, seus olhos brilhando de alegria. —

Como um campo para plantar, por exemplo. Ou um pomar.

Glass sentiu suas bochechas ficarem quentes.

— Não sei por que disse tudo isso.

— Você disse isso porque é verdade. - Soren sorriu para ela. — Suas sugestões foram sábias, Glass. E ao que parece, você estava certa. - Seu sorriso se alargou, seu rosto iluminado por um repentino raio de rosa do amanhecer claro. — A Terra falou conosco. Ela deseja que permaneçamos aqui. Vamos construir nossos lares para o inverno, e quando a primavera chegar

- ela apertou o ombro de Glass e se afastou — nós vamos plantar.

Glass olhou para ela, sem saber como responder. Parte dela estava desesperada para que os Protetores partissem, para ir para algum lugar distante, onde eles nunca poderiam machucar os colonos ou os terráqueos de novo. Ela queria voltar para a casa de Luke. Mas outra parte dela não estava pronta para deixar Soren e a maneira como ela fazia Glass se sentir quando sorria para ela. Útil. Necessária. Valiosa.

— Nós paramos antes, sabe - disse Soren, sua voz baixando. — Quando eu entrei para os Protetores quando menina, morávamos longe, no oeste. Paramos duas vezes desde então, uma para cada geração, e agora é hora de plantar novamente.

A mente de Glass girava com perguntas não feitas: *o que o plantio tem a ver com gerações? Onde no oeste você morava? Por que você se juntou a eles?* Mas a questão que surgiu em sua boca foi:

— Soren, por que você nos tirou de nosso acampamento? Por que não todos?

Soren parou de andar, sua mão alcançando lentamente um galho

baixo carregado de ameixas. Ela tocou a fruta suavemente, apenas com as pontas dos dedos.

— A Terra tem seus próprios ritmos, você vai aprender, Glass. Não é apenas tolice ignorá-los; é um grande pecado. E na Terra, existem rastreadores e existem protetores. Devemos impedir os rastreadores de prejudicar a Terra mais do que já o fizeram, ao mesmo tempo que encorajamos o florescimento de potenciais Protetores. Olhe para esta ameixa. É linda. Está viva. Crescendo e perfeita, como todos os novos membros de nossa comunidade.

Glass prendeu a respiração, ouvindo a admiração na voz de Soren, observando a luz dançando sobre o rosto da mulher mais velha. O cabelo da Alta Protetora estava solto e ligeiramente grisalho, mas havia algo tão bonito e relaxado sobre ela, como se ela fosse apenas uma das árvores da floresta, balançando com as outras, alcançando o brilho do amanhecer.

— Mãe! - Uma voz jovem rompeu o silêncio do pomar. Glass se virou para ver um menino pré-adolescente sem fôlego correndo para cumprimentar Soren. — Os homens estão de volta do sul.

Foi um sucesso.

— Bendita seja a Terra! - Soren beijou o topo da cabeça do menino e ele sorriu.

— Bênçãos, mãe - ele disse, piscando para ela.

— Bênçãos, Callum - ela respondeu de volta. Quer Soren fosse sua mãe verdadeira ou não, ela certamente desempenhou bem o papel. — Estarei com eles em um momento.

O menino correu para entregar sua mensagem e Soren se virou para Glass.

— Vou direto para o quartel - disse Soren, pressionando a mão no pulso de Glass. — Você pode reservar um tempo para você. Explore um pouco e veja que ideias surgem.

Enquanto Glass observava a figura graciosa de Soren se afastando, outra imagem pareceu levá-la a outro lugar: uma mulher loira olhando para o espelho iluminado artificialmente em Phoenix, seu cabelo cuidadosamente enrolado, seu vestido decotado, seu sorriso frágil, seus olhos eternamente vigilantes.

O que minha mãe pensaria dessas pessoas? Glass se perguntou. E o que Soren pensaria dela?

Soren pensaria que ela era uma rastreadora, Glass percebeu. E ela poderia estar certa. A mãe de Glass amava a filha e faria qualquer coisa por ela, mas ela também passou a vida manipulando as pessoas para conseguir o que queria, desde créditos extras na Bolsa até intermináveis cotas de energia para seu apartamento. A pele de Glass arrepiou quando ela se lembrou dos olhares tímidos de sua mãe dirigidos ao vice-chanceler Rhodes, e os olhares famintos e possessivos que ela recebeu em retorno.

Glass olhou para as árvores, tocando uma ameixa pendurada com a ponta de um dedo cuidadoso.

Protetores. Depois de tudo que Soren disse, não parecia mais tão sinistro.

CAPÍTULO 16

Wells

Era o terceiro dia na Pedra e as sessões de treinamento não davam sinais de parar. Mas esta manhã, em vez de correr ao redor da pista dentro das paredes, os Protetores os levaram para a floresta, para o que eles chamavam de treinamento “ativo”. No momento, Wells estava no alto de uma árvore, apertando os olhos na escuridão da floresta enquanto um Protetor musculoso caminhava sob ele, carregando uma arma.

O vento soprou, sacudindo a árvore. Wells agarrou-se ao galho e exalou lentamente, silenciosamente, sem muito movimento. Ele esperou. O Protetor marchou para mais perto, mantendo-se no caminho que Wells cavou através da vegetação rasteira, uma armadilha sutil para atraí-lo. O homem continuou indo, desatento, até que ele estava a apenas segundos passando diretamente por baixo de Wells. Três... dois...

Wells caiu, pousando nas costas do Protetor, um braço arrancando a arma dos dedos do homem assustado, o outro em volta do pescoço, o cotovelo apertando e apertando. O homem chutou, mas Wells segurou firme, os dentes cerrados, o suor pingando de sua testa.

O estrondo de passos rápidos fez seus olhos voarem. Dois outros Protetores se aproximaram velozes. Wells girou seu prisioneiro, afrouxou o aperto o suficiente para virar e engatilhar a arma, e treinou a arma nos recém-chegados.

— Mais perto e eu atiro - Wells rosnou.

Atrás dele, um galho quebrou.

— Se aquilo estivesse carregado, eu estaria tremendo sob minhas botas - veio uma voz muito familiar.

Wells largou a arma e se virou, deixando o Protetor em seus braços ir com um pedido de desculpas, uma palmadinha nas costas. O homem agarrou sua garganta, tossindo, mas bateu no ombro de Wells em resposta, murmurando, *bom trabalho*.

— Venham, pessoal - Oak chamou. — Esta rodada de treinamento acabou.

Os outros Protetores novatos saíram de seus esconderijos na floresta e fizeram seu caminho de volta. Oak esperou até que todos se reunissem em um círculo solto antes de apontar para Wells com um sorriso malicioso.

— Você não precisava dizer nada no final - disse Oak. — Você tinha uma arma. Isso fala muito mais alto do que você. E um homem silencioso é um homem intimidante. Se você falar, eles vão pensar que *eles* podem falar também. Fale com você mesmo sobre isso. Em vez de avisá-los... -

Oak se abaixou para pegar o rifle, girando e engatilhando com a velocidade da luz. — Basta atirar.

Ele mirou o cano no peito de Wells e puxou o gatilho. Ele clicou suavemente. Sem munição. Wells exalou.

— Fora isso, nada mal - resmungou Oak. — Nada mal mesmo. O que é mais do que posso dizer ao resto de vocês! - Ele se virou para olhar com desgosto para os outros, parando brevemente em Kit, o menino nascido na Terra. — Você foi furtivo, rapaz. Você e ele - ele acenou com a cabeça para Wells — você está começando a ouvir a Terra. E ela está respondendo. Continue assim e você será um de nós, se a Terra assim o desejar.

— Se a Terra assim o desejar - todos repetiram.

— Agora entrem na fila e preparem-se para correr!

Wells começou a correr para longe, sabendo que Oak o alcançaria em segundos.

Kit olhou para Wells por cima do ombro enquanto ele corria para longe, piscando duas vezes, o sinal de que todos estavam indo como planejado. Kit e Eric conversaram com todos os outros caras de seu acampamento que estavam capturados, e eles estavam na mesma página -

todos iriam participar e fazer os Protetores acreditarem que eles estavam do lado deles para que seus captores decepçõessem seus guardas. Então eles iriam encontrar o momento perfeito para escapar. Wells não tinha certeza do que os outros recrutas pensavam - se eles eram verdadeiros crentes ou cativos igualmente relutantes, mas por enquanto ele e seus amigos estavam apenas falando com as pessoas que conheciam.

Wells piscou para trás e Kit desviou o olhar, assim que Oak apareceu ao lado dele.

— Você está correndo contra o solo da Terra - rosnou Oak. Esta foi a chamada e repita, eles tinham que fazer toda vez que eles treinaram.

— Peço perdão à Terra - respondeu Wells.

— Você come a comida da Terra.

— Agradeço à Terra por sua generosidade.

— Comprometa-se ao serviço da Terra.

O estômago de Wells se contraiu. Aí veio - o soco nojento - como toda vez que a demanda fora feita. Eles continuavam dizendo que os recrutas não estavam prontos para se comprometerem ao serviço da Terra, que eles não eram permitidos. E não havia sentido em lutar contra isso, não se eles quisessem que os Protetores acreditassem que eles estavam comprando isso.

Não ainda.

— Eu me comprometo a servir à Terra - disse Wells, preparando-se.

O silêncio que se seguiu pareceu uma queda livre. Wells inclinou a cabeça, confuso. Ele disse isso. A frase inteira. E Oak ainda estava correndo ao lado dele, a agressão firmemente sob controle.

Wells olhou para Oak. O velho não estava olhando para ele, apenas olhando para a trilha da floresta de volta ao quartel. Sua boca ainda estava definida em uma linha carrancuda, mas havia o mais leve brilho de um sorriso em seus olhos. Wells estava progredindo.

Quando eles chegaram ao pátio externo da Pedra, Wells parou abruptamente, como era treinado para fazer, as mãos atrás das costas aguardando as próximas ordens.

— Pausa para o almoço - Oak gritou. — Volto aqui em uma hora.

— Sim, senhor - disse Wells.

Oak saiu em direção ao campo e Wells o observou maravilhado. Pela primeira vez desde que chegaram, ele teve permissão para ficar sozinho. Ele não estava sendo empurrado ou

escoltado para sua refeição ou sendo observado por seu treinador. Ele não estava sendo observado por ninguém.

Essa foi sua recompensa por estar bem hoje? Por se comprometer ao serviço da Terra?

Wells olhou ao redor e, não vendo ninguém olhando, cuspiu no chão, tão perto de uma rebelião quanto ele poderia reunir agora. Algo disse a ele que o planeta não se importava. Então, decidindo pressionar sua sorte um pouco mais longe, ele entrou na Pedra para fazer uma breve exploração.

As estradas externas estavam cheias de carroças hoje. Outro grupo de ataque deve ter acabado de entrar, este do sul, vagões cheios de potes

e tigelas de cerâmica, tapetes tecidos, vegetais de inverno, carnes curadas e o que pareciam ser blocos de sal. Embora ele mantivesse sua expressão treinada, raiva queimou brilhantemente dentro dele. De quem os Protetores estavam roubando agora? Destruindo o seu acampamento não foi suficiente para eles?

Wells continuou avançando, aprofundando-se na estrutura, absorvendo o máximo de detalhes que pôde no tempo limitado que ele recebeu. Uma nuvem de vapor veio de uma ampla sala interna. Ele abaixou a cabeça lá dentro para ver uma lavanderia, roupas sendo jogadas em um tanque sobre um incêndio, garotas de bochechas vermelhas se mexendo, suor acumulando-se em poças escuras nas costas de seus vestidos brancos. Ele examinou o quarto, mas nenhum dos rostos era familiar.

O zumbido de sussurros furtivos atraiu sua atenção para a estrada. O caminho foi bloqueado por uma parede de tecido branco pendurada em uma linha que se estendia de prédio em prédio. Ele podia ver duas figuras delineadas atrás de um tecido pelo sol da tarde, as cabeças juntas.

As duas figuras recuaram, e uma de suas cabeças apareceu entre os lençóis. Wells teve um vislumbre de cabelo preto e fita vermelha, olhou para trás em busca de curiosos, e correu.

— Octavia - disse ele, puxando o lençol, cego por um segundo pelo súbito clarão do sol.

Ele ouviu um suspiro, então sentiu algo dentado pressionando dolorosamente em seu pescoço.

— Wells... Oh Deus, sinto muito. - O objeto se afastou e Wells olhou para baixo, para Octavia.

Ela estremeceu em pedido de desculpas, embolsando a sucata de metal que estava segurando.

— Eu pensei em você fosse um deles.

— E se eu fosse, O? - Wells sussurrou. — Você teria sido pega, simplesmente assim.

— Eu não me importo. - Ela ergueu o queixo e, por um momento, parecia tanto com Bellamy, Wells quase riu.

Mas quando ele viu a fúria em seus olhos, sua diversão se esvaiu.

— Deixe que eles venham até mim. Eu cansei de jogar seus jogos. Eles agem como se fossem tão iluminados, mas por baixo disso, eles estão podres até a medula. - Octavia estendeu a mão e pegou a mão da garota que estava ao lado dela. Ela tinha cabelo escuro encaracolado e parecia vagamente familiar. — Eu não vou deixar ninguém te machucar - Octavia disse a ela.

— O que está acontecendo? - Wells perguntou, olhando de uma garota para a outra. — O que aconteceu?

— Um dos chamados Protetores a atacou. Ele a agarrou e puxou-a para o chão, dizendo alguma besteira sobre a Terra querer que eles ficassem juntos. Felizmente, Anna chutou-o nas bolas e fugiu, porque ela é uma guerreira. - A expressão de Octavia suavizou quando ela olhou para a garota, seus olhos cheios de preocupação.

— Muito bem, Anna - disse Wells lentamente. Ele olhou para ela. — Você parece terrivelmente familiar...

Octavia sorriu.

— Ela é de Walden.

O coração de Wells parou derrapando.

— Walden? Você é da *Colônia*?

Ela acenou com a cabeça, e pelos próximos minutos, ele ouviu a notável história de Anna sobre sua viagem para a Terra, e o que aconteceu depois que seu módulo de transporte caiu.

— O que aconteceu com os outros? - perguntou ele, ligeiramente atordoado. — Aqueles que não foram levados pelos Protetores?

— Acho que eles ainda estão por aí. Eles estavam procurando pelo resto de vocês... Espero que tenham conseguido.

Octavia pegou a mão de Anna novamente.

— Eles vão. Ou então, nós iremos encontrá-los, e então todos nós vamos ter um novo começo juntos. - Ela sorriu. — Você vai adorar em nosso acampamento. Há um riacho onde podemos ir nadar, e um coelho que vem visitar todas as manhãs. E toda noite, sentamos perto do fogo e conversamos até a hora de dormir.

Anna ergueu uma sobrancelha.

— E onde vou dormir?

— Tenho certeza de que encontraremos um lugar para você - disse Octavia, com um brilho nos olhos de Wells nunca visto antes.

— Mal posso esperar para ver - disse Anna, uma nota de melancolia em sua voz. Ela se virou para Wells. — Octavia disse que você pode ter um plano para nos ajudar?

— Eu tenho o início de um - disse ele, olhando por cima do ombro para se certificar de que ninguém estava ouvindo.

— O primeiro passo é esperar. - Octavia fez uma careta. — E então seguido por alguma espera e mais espera.

Antes que ele pudesse olhar para ela, Wells ouviu um movimento atrás deles. Ele pigarreou.

— Pude me comprometer ao serviço da Terra hoje - disse ele, mais alto do que antes.

— Isso é maravilhoso - disse Anna, entendendo imediatamente e lançando um olhar para Octavia fazendo uma longa mensura. — Espero que também possamos fazer isso.

Uma mulher de cinza passou por eles, olhando para Wells com suspeita.

— Se a Terra assim o desejar - disse Octavia, com a cabeça mergulhada em penitência.

Todos repetiram, inclusive a mulher cinza, que seguiu em frente.

— Você está ascendendo, então - disse Anna. — Você e Glass.

— Glass? - Wells ficou tenso — O que você quer dizer?

— Ela está trabalhando como empregada doméstica para a Alta Protetora agora - disse Octavia, erguendo as sobrancelhas. — Fora dos dormitórios e para a câmara interna, morando na ala de Soren.

O coração de Wells disparou.

— Em que direção ficam os quartos de Soren?

— Eu vou te mostrar - disse Octavia, largando a roupa.

Octavia o conduziu além das linhas de lavanderia, apontando para um beco à esquerda.

— Siga as senhoras de cinza dessa forma e você vai chegar lá. Mas eu não ficaria por aí se fosse você, se não encontrar diretamente com Glass. Há muitos olhos observando essa área.

— Obrigado - disse Wells, em seguida, inclinou a cabeça para o lado e observou Octavia com uma brincadeira, um olhar avaliativo. — Então... está acontecendo alguma coisa entre você e aquela garota Walden?

Ela apertou os lábios, mas não conseguiu evitar que um sorriso se espalhou por seu rosto.

— Oh, cara... - Wells riu. — Haverá muitos caras com o coração partido de volta ao acampamento. - Ele fez uma pausa pensativa. — Meninas também.

— Okay, relaxe aí, Jaha.

— Anotado. - Ele suspirou. — É melhor eu ir embora. Só tome cuidado, okay, O? Certifique-se de você e Anna cuidem uns dos outros até encontrarmos uma maneira de sair daqui.

Octavia olhou para Anna, que havia começado a pendurar a roupa.

— Nós vamos - disse ela, sua voz uma combinação de determinação e ternura.

Isso é bom, Wells pensou enquanto se afastava apressado. Estou subindo na classificação e Glass tem acesso para o círculo interno. Todas as peças estão se encaixando. Agora eu só preciso...

Lá estava ela... Glass, caminhando com Soren ao longo da estrada externa, usando um vestido branco novo, seu cabelo loiro limpo e solto em volta dos ombros, a cabeça inclinada para cima para ouvir Soren falar. Ela estava sorrindo. Ela parecia, inexplicavelmente, em paz.

Wells sentiu o chão caindo ao seu redor, as paredes subindo mais, o bater de pés cercando-o cada vez mais alto.

Ela está apenas fingindo, ele disse a si mesmo. Ela está seguindo o plano.

Glass olhou para cima, localizando-o. Wells piscou para ela duas

vezes, em sinal, depois se virou e caminhou longe, perguntando-se por que sua excitação esperançosa de repente se transformou em pavor.

CAPÍTULO 17

Clarke

Quando Clarke acordou de madrugada, Bellamy estava a andar incansavelmente. Parecia tão frenético e exausto que era quase doloroso demais para ela olhar para ele. Tudo o que ela queria era abraçá-lo, dizer-lhe que tudo ia ficar bem, mas este não era o Bellamy que ela podia consolar.

Ela tinha aprendido há muito tempo o que fazer quando ele tinha aquele brilho feroz no olho, quando os seus músculos se torciam com energia enrolada.

Ele e Félix tinham encontrado algo na sua missão de batedor, e tinham esperado que todos acordassem para os informar. Bellamy esperou que Vale acordasse, esfregando sonolentemente os seus olhos, e depois disse sem formalidades.

— Encontramos uma porta aos fundos do esconderijo de armas destas pessoas - disse ele. Os seus olhos brilharam com uma intensidade maníaca que fez Clarke tremer.

Félix ficou alguns metros atrás dele, com os braços cruzados.

— E eles não fazem ideia de que está ali - acrescentou ele. — Talvez não tenhamos muito tempo antes de eles descobrirem o buraco.

Não, Clarke pensou desesperadamente. *Não é assim que deve ser feito.* Eles estavam em grande desvantagem. As armas não os iam ajudar aqui. Eles tinham de tentar a diplomacia, oferecer algum tipo de acordo. Tinha de haver algo que estas pessoas queriam, caso contrário não teriam atacado o seu acampamento.

Clarke olhou de relance para Paul, que tinha um olhar invulgarmente grave na cara. Ele e Clarke tinham discutido isto ontem à noite com os outros, enquanto Félix e Bellamy tinham saído por conta própria. Ele apoiava-a.

— As paredes parecem inquebráveis, mas apenas à distância - prosseguiu Bellamy. Clarke notou que as suas mãos estavam a tremer.

— Há janelas, fundações rachadas, lugares onde podíamos plantar estes explosivos e rebentar com tudo à sua volta.

— Sabem disto como, exatamente? - perguntou Paul, sorrindo com força. — Tornou-se engenheiro nos últimos dois dias, além de tudo?

Instintivamente, Clarke começou a levantar-se em defesa de Bellamy, mas os olhos de Bellamy iluminaram-se, sorrindo de novo no lugar.

— Não, eu não sou engenheiro - disse ele calmamente. — Mas ele é.

Acenou com a cabeça para Luke, que estava sentado num tronco, com a testa a dobrar enquanto ouvia.

— O que você acha, Luke? - perguntou Bellamy. — É um plano viável?

—Eu teria de ver com os meus próprios olhos - disse ele, coçando o seu cabelo encaracolado. —

Me ajude a descobrir onde posicionar os explosivos.

Bellamy acenou com a cabeça.

— Essa ia ser a minha próxima sugestão. Podemos arriscar mais uma viagem de reconhecimento, talvez esta noite... - Clarke ficou de pé. — Depois pilharemos o arsenal e...

— E explodir parte do edifício - Clarke terminou para ele. — Com os nossos amigos lá dentro.

Bellamy caiu em silêncio, virando-se para olhar para ela.

Ela tentou ignorar o olhar no seu rosto, uma mistura de dor e frustração.

— Isto é imprudente e isto está errado.

— *Obrigado* - disse Paul, levantando-se ao seu lado com um murmúrio.
— Eu estava aqui sentado a ouvir isto, pensando se eu era a única que...

Clarke fixou seus olhos a frente, nunca deixando os de Bellamy.

— Temos de tentar primeiro a diplomacia, Bel. Não temos ideia de onde estão os nossos amigos dentro desta... esta estrutura, fortaleza, o que quer que ela seja. Pelo que sabemos, eles podem estar exatamente

nos lugares que planeja bombardear.

Bellamy ficou imóvel.

— Pensei nisso - disse ele através de dentes cerrados. — Aquelas paredes são apenas uma defesa. Se as conseguirmos derrubar, podemos chegar ao coração da estrutura sem pôr os nossos amigos em risco.

Clarke respirou fundo. Ela sabia que Bellamy não iria gostar, mas tinha de falar.

— Por que temos de atacar já de início? - perguntou ela, virando-se para encarar os outros. —

Não deveríamos explorar todas as opções à nossa disposição primeiro?

Bellamy soltou uma risada curta e amarga.

— Acha mesmo que falar com estes monstros é uma opção?

Clarke piscou com força, tentando evitar o escárnio na sua cara.

— Paul e eu falamos sobre isto ontem à noite. Pensamos que há uma forma de fazer uma abordagem táctica e pacífica que permitirá aos nossos entes queridos regressem conosco para casa em segurança. Ouviremos as exigências destes... Protetores.

— Estes assassinos - Bellamy disparou de volta.

— E vamos oferecer uma contraproposta, mantendo as linhas de comunicação abertas enquanto pudermos, na esperança de uma solução pacífica. Entretanto, podemos aproveitar esse tempo para apresentar um plano B que poderá ser um pouco menos... - Ela afastou-se de Bellamy, preparando-se para a sua reação. — Explosivo. Mais estrategicamente viável.

Mesmo sem olhar, ela podia sentir a raiva a irradiar-se dele.

— E se os nossos amigos ainda assim forem mortos? - perguntou Bellamy, caminhando em direção a ela. — O meu irmão. A minha irmã mais nova? Está realmente preparada para jogar com as suas vidas?

— *Você está?* - A voz de Clarke levantou-se, os punhos fechados de raiva. Ela recusou-se a deixá-lo fazer com que se sentisse como uma pessoa insensível e desinteressada só porque ela queria ser cautelosa. -

Porque é isso que está tentando nos convencer a fazer neste momento, Bel! Uma aposta enorme, imprudente e louca.

- *Loucura* - repetiu Bellamy. — Quer mesmo me atingir com essa palavra agora?

— Sabem o que é uma loucura? - disse Paul. — Arriscar as nossas vidas para salvar pessoas que podem já estar mortas.

A palavra sugou o ar para fora da floresta à sua volta. Cooper encolheu, e ao seu lado, Clarke viu Jessa empalidecer.

Paul elevou as mãos ao ar.

— Estou apenas dizendo o que todos aqui estão pensando! Essa é uma variável que temos de ter em mente. Não faz sentido pôr as nossas próprias vidas em risco até sabermos que ainda há pessoas para salvar.

— Eles não estão mortos — disse Bellamy com uma voz baixa e perigosa. — E eu não vou ficar aqui enquanto vocês covardes arranjam desculpas para os abandonar.

Vale limpou-lhe a garganta.

— Ele tem razão. Estamos a trabalhar com informação limitada. Precisamos de reunir mais antes de podermos fazer uma...

— Talvez vocês precisem. Mas eu não. - Bellamy deu meia-volta e partiu, acenando para que Felix o seguisse. — Sabemos onde está o arsenal. A partir daqui, podemos cuidar disso.

— Não! - Clarke gritou, apressando-se em segui-lo. — Bellamy, vocês não podem. Isto porá tudo em risco... as suas *vidas* em risco, você tem que enxergar isso!

Quando ele se virou, os seus olhos estavam frios.

— A única coisa que vejo é um bando de covardes, assustados demais para fazerem o que juraram fazer. Ele observou rapidamente os outros; depois o seu olhar ousou voltar para Clarke, prendendo-a com um olhar ofuscante. — Ou seria *egoísmo* uma palavra melhor?

Ela tentou responder, mas não conseguiu. O seu peito estava apertado demais, o seu coração doía, e o seu sangue corria muito quente.

Bellamy virou-se de novo, acenando para Luke.

— Você vem?

Luke parcialmente corado, olhou para Clarke, vacilante. Ela sussurrou, *por favor*, e ele voltou a sentar-se.

Bellamy bufou.

— Está bem. Eu faço isso.

— Não, você não fará - disse Paul. - Sente-se, Bellamy.

— Não sou um dos seus guardas - Bellamy estalou. — E eu acho que quis dizer *Conselheiro* Blake.

A frustração borbulhou quente no peito de Clarke.

— É mesmo disso que se trata, Bellamy? - perguntou ela. — Não sente que está recebendo o respeito que merece? Vai mesmo pôr em perigo a vida dos nossos amigos para provar que está certo?

Seu rosto ficou branco.

— Estou tentando *salvá-los* - cuspiu ele. — Não fazemos ideia do que se passa lá dentro... - Ele apontou para a fortaleza. — Eles podem estar torturando Wells. Octávia pode estar sofrendo. E

você estão todos contentes por se sentarem ali, sem fazer nada.

— Você não é o único que se preocupa com alguém que ama - disse Jessa, dando um passo em frente. — Estamos todos desesperados para que esta missão seja um sucesso. Mas só temos uma oportunidade, e temos de a fazê-la valer.

— Eu *vou* fazê-la valer - disse Bellamy através de dentes cerrados. — Mas se continuarmos esperando, poderá ser tarde demais. Por isso, aqui está como isso vai funcionar: quem estiver pronto para salvar os nossos amigos, venha comigo.

— Não - disse Paul. — Desculpe, Bellamy, eu sei de seu passado, mas está é uma movimentação errada. Você não vai a lugar nenhum.

— E como diabos você planeja me impedir?

Paul tirou algo metálico do seu bolso: um par das amarras que Clarke estava dolorosamente familiarizada, as mesmas que eles tinham usado na nave. As mesmas que Rhodes tinha usado para os levar perante um pelotão de fuzilamento.

— O que está fazendo com elas? - perguntou Clarke, o seu coração palpitava rapidamente.

Paul olhou de relance para ela.

— Eu vim preparado"

— Me dê isso - disse Clarke, estendendo-lhe o braço. — Está sendo ridículo.

Paul sacudiu negativamente a cabeça.

— Eu sei tudo sobre o seu namorado, Clarke. Para onde quer que ele vá, o caos o persegue. Eu estava lá quando ele levou o tiro do chanceler. Ele é um fio desencapado, e não vou deixar que ele volte a matar ninguém.

— Também não vai prendê-lo - disse Clarke, avançando para se meter entre Paul e Bellamy.

— Isso não vai ser um problema - disse Bellamy, piscando. — Estou de partida. Vamos, Félix.

— Esse é um movimento errado, uma jogada arriscada - disse Paul, sua voz crescendo mais alto enquanto olhava com certo implorar para Jessa, Cooper e Vale. — Vocês viram o que aconteceu da última vez que ouvimos Bellamy. O seu povo nos acolheu e morreu por isso. Querem mesmo deixá-lo fugir e usar essas armas sem ao menos testar primeiro as nossas outras opções?

— Paul tem razão - disse Cooper com aspereza. — Devíamos esperar.

Mas Bellamy ignorou-o e deu as costas, indo embora.

Paul acenou para Cooper, e num instante, eles agarraram os braços de Bellamy e levaram-nos às suas costas.

— Saíam de cima de mim! - Bellamy cuspiu, debatendo-se de um lado para o outro.

— Soltem ele! - Clarke gritou, atirando-se para cima deles. — Vocês o estão machucando. - Ela agarrou-se ao braço de Paul, mas ele empurrou-a facilmente.

— Isto é loucura- disse Luke, apressando-se a ajudar Bellamy, mas Vale agarrou Luke e puxou-o de volta.

Ainda enfraquecido pela sua lesão e pela longa caminhada, ele não teve forças para lutar contra ela.

— Soltem o *agora* - disse Clarke, numa voz que fez Félix saltar.

As algemas no lugar, Cooper conseguiu segurar Bellamy sozinho, permitindo que Paul se voltasse para Clarke.

— Está tudo bem, Clarke. Vamos apenas esperar até que ele se acalme e enxergue a loucura que quer fazer. Depois vamos deixá-lo ir.

Clarke voltou-se para Bellamy, para deixar claro que ela não ia tolerar este motim. Mas quando os seus olhos se encontraram, ela não reconheceu a pessoa que a encarava. Olhou para ela com tal fúria que uma onda de medo a atravessou. Não. Não podiam soltá-lo neste estado.

Ele sacrificava-se, e trazia todos os outros com ele. Wells e Octávia inclusos. Tinham de o fazer ver a verdade, mesmo que isso significasse fazer algo imperdoável.

— Sinto muito - As palavras arderam quando lhe deixaram a garganta, e ela virou-se, o seu coração rachando sob o peso da sua vergonha.

Bellamy caiu num silêncio pedregoso quando o levaram, passando por Clarke. Ela congelou, esperando que os olhos dele chegassem aos dela, afiados de acusação - mas eles nem sequer se moveram em sua direção.

Como se ele não conseguisse sequer suportar olhar para ela.

CAPÍTULO 18

Bellamy

As horas passaram dolorosamente, e Bellamy sentou-se em silêncio. Eventualmente, o sol se pôs.

Sem fogo e sem lanterna, os olhos de Bellamy tiveram tempo de se ajustar ao escuro. Ele viu os pássaros noturnos se aproximando em seu caminho para procurar presas. Ele viu insetos passando pelo solo. E na distância mais próxima, ele viu o caminho que os invasores tinham cortado através da floresta com suas carroças, arrastando sua família e amigos com eles.

Ele nunca se sentiu tão sozinho em toda a sua vida.

Ele tinha sido preso a uma das vigas de metal e suas costas doíam contra ela. Sua respiração tinha ficado mais lenta, pelo menos, desde que a primeira onda de puro pânico tinha passado. Ele parou de tremer e suar e seu coração não parecia mais como se estivesse prestes a explodir dentro de seu peito.

Mas ele não estava bem. Ele nunca iria ficar bem novamente.

Bellamy mudou de posição, sentindo as algemas a cortarem-lhe os pulsos mais uma vez.

Doeu, mas nada se compara à memória da Clarke enquanto o seu novo amigo Paul arrastava Bellamy.

Um galho quebrou e as costas de Bellamy se endureceram. Ele a sentiu antes de vê-la.

— Bellamy - disse Clarke baixinho. — Você está bem? Eu te trouxe comida.

Ela deu alguns passos hesitantes, como se estivesse se aproximando de um animal ferido, e se agachou, inclinando-se para a frente para colocar a mão em seu braço.

Bellamy recuou, afastando-se o mais possível dela.

— Não se atreva a me tocar.

— Eu só queria tirar as amarras para que você pudesse comer - disse ela, sua voz tremendo.

Ela puxou a mão para trás e assistiu-o por um momento, estabelecendo-se na sujeira a poucos metros de distância.

— Sinto muito que as coisas ficaram... fora de controle hoje.

— Fora de controle? - ele repetiu, sentindo raiva ferver por dentro novamente. — Você ficou lá parada enquanto Paul encenou um golpe. Mas está tudo bem, eu entendo. Ele é mais útil para você agora do que eu.

As sobrancelhas de Clarke se franziram.

— Do que está falando?

— Vamos ver - ele disse, fingindo estar profundamente em pensamento. — Primeiro você namorou o filho do Chanceler, o que eu não culpo você. Sempre uma boa ideia mirar alto quando você pode. Mas, em seguida, Wells não era muito popular na Terra no início, não é? - Ele fez uma careta exagerada. — Eu não era muito popular também, mas eu poderia caçar, então eu acho que era um negócio inteligente. Você sabia que não iria morrer de fome. Isso era temporário, no entanto. Não esperava passar o resto da vida com um lixo como eu. E então, agora tem o *Paul*, com seu treinamento de oficial e sua conversa suave, seu charme, e você percebeu que era hora de atualizar novamente.

A boca de Clarke caiu aberta enquanto ela olhava para ele com uma combinação de choque e nojo. Depois de um longo momento, seus olhos se estreitaram e ela falou.

— É *por isso* que não queremos que participe das negociações amanhã. Você deixa seu temperamento assumir, e então você começa a acreditar em suas próprias histórias loucas. É

perigoso.

Bellamy zombou.

— Sim? Então me diga. Qual é o seu grande plano para amanhã?

Ela levantou o queixo.

— Eu vou me aproximar da entrada segurando uma bandeira branca. Não temos certeza se eles têm esse costume, mas vale a pena tentar. E vou pedir para falar com o líder deles para negociar os termos da libertação.

As palavras dela tiraram-lhe a raiva do peito.

— O quê? Não, Clarke, você *não pode*. Eles irão matá-la antes que sequer tenha a oportunidade de abrir a boca.

Clarke cruzou os braços sobre o peito.

— É a nossa única opção. Não temos as armas para fazer um ataque estratégico...

— Nós podemos usar as armas *deles*. Eu já te disse! - Uma nota de desespero penetrou em sua voz. A dor e a fúria que ele sentiu se foram, substituídas pelo medo frio.

Ele não podia deixá-la fazer isto.

— E eu já *te* disse. Não podemos explodir parte do prédio. Não quando não temos ideia de onde os prisioneiros estão sendo mantidos.

— Clarke, por favor... - Sua voz quebrou. — Não faça isso. Depois de tudo... se eu te perder também...

Ela levantou o queixo, com os olhos brilhando.

— Quando você finalmente vai entender? Só porque você ama alguém, isso não lhe dá o direito moral de fazer algo irracional. Estamos todos com medo. Estamos todos com dor. Mas temos que ser racionais.

Sua calma exagerada reacendeu a raiva ardente. Ela o tratava como um de seus pacientes na unidade psiquiátrica da nave. Como se estivesse delirando demais para entender o que estava acontecendo. Não importa o quê, ela sempre o via como um idiota que invadia situações e tornava tudo pior. Ele não ia deixá-la fazê-lo sentir-se assim.

Ele sentiu os lábios curvarem-se em desdém.

— As pessoas morrem enquanto vocês tentam ser *racionais*, Clarke. Como a Lily. - Ele sabia que as palavras eram um passo além da linha

no momento em que saíram da boca dele.

Ela recuou e suspirou, como se aquelas palavras tivesse levado o ar para fora dela.

— Você está falando sério? - ela disse roucamente.

Anos atrás, seus pais foram chantageados para realizar experimentos com radiação em crianças, como parte da tentativa do Conselho de determinar se a Terra poderia suportar vida humana. A primeira namorada do Bellamy, a Lily, tinha sido uma das cobaias, e embora a Clarke tivesse feito tudo o que podia para a salvar, não tinha sido suficiente.

— Só estou dizendo que você pode não ser a melhor pessoa para determinar nosso curso de ação quando há vidas em jogo.

Sua cabeça foi atingida, raiva, dor, dor a sair dos olhos. Então, como Bellamy assistiu, seu peito crescendo apertado, ela puxou tudo de volta para dentro, seu rosto se tornando tão frio e remoto como uma estátua.

— E você é? - ela surtou. — Da última vez que estive envolvido numa situação com reféns, o seu pai foi baleado.

Ele olhou para ela, achando difícil acreditar que esta era a mesma garota que deixou a segurança do acampamento para ir com ele para encontrar Octavia quando ela desapareceu. A garota que confiava nele, que precisava dele... que o amava.

— Apenas... vá - ele disse. — Vá fazer o que achar melhor e eu farei o mesmo.

— Tudo bem. - Ela girou e saiu sem dizer mais nada.

O silêncio que se instalou sobre o acampamento parecia absoluto. Suas pálpebras tremiam e caíram e ele jurou que podia sentir a pequena mão de Octavia segurando a sua enquanto eles se escondiam juntos em seu apartamento na nave, os braços de Wells envolvendo-o na primeira vez que eles se abraçaram como irmãos, o corpo de Clarke quente contra o dele enquanto eles olhavam para as estrelas.

Todas as coisas que lhe iam ser roubadas amanhã, quando a Clarke pôs o seu plano suicida em ação.

CAPÍTULO 19

Glass

Ontem foi o tipo de dia agitado que te deixa flutuando acima dos sonhos ao longo da noite toda, seu corpo deseja permanecer em movimento. Na escuridão de seu quarto, a mente de Glass voou de memória em memória, nunca se acomodando em um sono profundo.

Tudo começou com um rude despertar, sendo arrastada para fora dos dormitórios para se tornar uma nova empregada doméstica, mas terminou com uma nota muito diferente, com um jantar de ensopado delicioso e apimentado, cercada por Soren e seus conselheiros, sua conversa calorosa e risadas enchendo a câmara.

Ao longo do dia, houve visitas a quase todos os cantos do complexo; Soren elaborando planos de plantio em várias áreas ao redor das paredes externas; mergulhando na área de triagem, onde as mulheres dividiam os bens para guardar, derreter ou sucatear; caminhando ao longo da margem do rio, onde alguns dos homens estavam ensinando os membros mais jovens do grupo a pescar. Eles até fizeram uma visita ao quartel, para que a Alta Protetora pudesse parabenizar alguns dos recrutas mais novos por seu treinamento e desejar-lhes boa sorte.

Glass não tinha visto nenhum de seus amigos lá e estava secretamente um pouco aliviada com isso. Ela avistou Wells apenas brevemente, passando pelos corredores externos da Pedra, e corou com pânico ao vê-lo, sem realmente saber por quê.

Ela estava quase se divertindo. Ela se sentia útil aqui, de uma forma que não sentia o tempo todo em que eles estiveram na Terra. Talvez em toda a sua vida. Ela havia seguido Soren o dia todo, fornecendo água quando ela estava com sede, um manto quando ela estava com frio, tomando notas em pedaços de pergaminho depois que Soren descobriu que Glass sabia escrever.

Mas principalmente Glass assistia e ouvia ... e aprendia. Ela ficou surpresa em como Soren poderia ser poderosa e amada - muito longe dos líderes que ela conhecera na Colônia. E ela não conseguia parar de imaginar, algum dia, tendo as pessoas olham para ela com a mesma reverência.

Mas ela poderia fazer isso se voltasse para o acampamento? Que futuro estava esperando por ela? Sempre que seus pensamentos iam nessa direção, um rosto se materializava em sua mente. Luke. O calor, o sorriso sonolento que a saudava no momento em que ela acordava

pela manhã. A maneira como seus olhos castanhos enrugam quando ela o fazia rir. O olhar de medo e angústia quando ele gritou para ela correr.

Mas agora era o início de um novo dia, e Glass estava deitada em sua cama na antessala anexa ao o quarto de Soren, fisicamente exausta, mas meio acordada, esperando por seu próximo conjunto de ordens.

Afinal, Margot havia dito que Soren mantinha horários estranhos. Ela pode chamar Glass a qualquer momento. Ela precisava estar...

Ela se mexeu, ouvindo uma voz na câmara além. Isso foi uma convocação? Através dela pequena janela, ela podia ver um canto do céu e ainda estava escuro, mas agora ela ouviu algumas vozes baixas levantando-se do quarto de Soren. Glass se levantou silenciosamente e deslizou o vestido branco sobre sua camisola. Se Soren e seus conselheiros estivessem acordados, eles a chamariam em breve.

Glass estava quase terminando de trançar seu cabelo quando ouviu um dos conselheiros dizer seu nome. Ela correu para a porta que separava seu quarto do de Soren, mas algum instinto a fez hesitar antes de abri-la. Em vez disso, ela parou e ouviu.

— Se ela não tivesse falado naquele dia... - Parecia a voz de Margot.

— Sim, Glass teria ficado entre as outras recrutas femininas. – A voz de Soren.

As outras vozes silenciaram enquanto ela falava.

— É por isso que ela foi escolhida em primeiro lugar, mas eu sinto que ela será mais útil em nossas fileiras. Ela tem uma aptidão. Também tenho a sensação de que ela pode não ter um bom par.

— Não? - Perguntou Margot.

Glass prendeu a respiração, apoiando-se no canto da sala para que ela não se mexesse, a orelha voltada para a pequena fenda no batente da porta.

— Ter um bom par? O que isso significa?

— Eu sinto um apego em outro lugar - Soren disse rapidamente. — Ela está apaixonada e está se segurando a isso ainda. Isso a fecha para os homens, mas a abre para a Terra. Para nós.

Portanto, teremos que ser muito atenciosos sobre encontrar-lhe um par.

As mãos de Glass voaram para seu peito. Como Soren poderia saber disso?

— De qualquer forma, além de nosso novo amigo, vamos manter as fileiras como estão - disse Soren.

Houve uma confusão, como se os outros estivessem se levantando de seus assentos.

— Vamos finalizar os pares amanhã, então os primeiros ritos serão tão frutíferos quanto possível, se a Terra assim o desejar.

— Se a Terra assim o desejar - todos repetiram de volta. Parecia que havia quatro ou cinco deles lá com ela.

Eles ainda não haviam chamado por Glass. Ela provavelmente não deveria ter ouvido isso, seja lá o que fosse. Mas, mesmo enquanto sua mente girava, seus instintos entraram em ação.

Ela tirou o vestido e voltou a estar apenas em sua camisola, e tão rápida e silenciosamente quanto podia, estava de volta sob as cobertas, seus olhos fechando assim que ela ouviu a porta se abrir e a voz suave de Dara gritar:

— Glass? Você é requisitada.

Glass se levantou lentamente, fingindo estar tonta.

— Eu sinto Muito. Há quanto tempo eu...?

Dara sorriu com simpatia da porta.

— Você vai se acostumar com isso. Demore alguns minutos. Estaremos aqui quando você estiver pronto.

Desta vez, Glass não se apressou para se vestir. Ela ainda estava endireitando a bacia quando saiu do quarto, esperando que parecesse corada de sono em vez de pânico.

— Lamento não ter acordado antes - disse ela, observando o quarto. Havia seis mulheres cinzentas aqui, descobriu-se, todas agrupadas em torno de Soren, que estava sentada perto da lareira crepitante em um tapete de lã grosso. — Estou pronta agora.

Soren olhou por cima do ombro com um sorriso amável e deu um tapinha no lugar vazio do tapete ao lado dela.

— Venha e sente-se.

Glass obedeceu, abaixando-se no pequeno espaço ao lado de Soren.

— Você descansou um pouco? - a Alta Protetora perguntou agradavelmente.

Glass forçou um sorriso.

— Sim, obrigada.

— Fico feliz em ouvir isso. Existem coisas muito interessantes em andamento, eventos dos quais eu sinceramente espero que você faça parte. Estamos nos preparando para a nossa próxima Cerimônia de Emparelhamento - um dos nossos rituais mais sagrados.

Pela primeira vez, Glass não teve que fingir um brilho interessado em seus olhos.

— O que é isso?

— Bem, primeiro preciso contar um pouco sobre a história de nosso povo. Posso te contar uma história?

Glass assentiu e Soren continuou.

— Os primeiros Protetores se refugiaram em abrigos bem ao oeste, onde as montanhas são altas e a selva muito mais brutal do que aqui. - A voz de Soren assumiu uma qualidade melódica, como se ela estivesse recitando uma história que ela havia contado centenas de vezes antes. Glass se sentiu sonolenta e confortável ao ouvi-lo, como se ela estivesse sendo enrolada em um cobertor a cada palavra.

— Eles viveram sob o solo por um tempo, enquanto a Terra se curava, mas não havia suprimentos suficientes para sustentá-los por muito tempo. Eles surgiram muito cedo. - Seu tom escureceu, sua boca comprimida com simpatia. — O ar era tóxico, a água impura. Eles só permaneceram na superfície por alguns dias antes de perceberem o quão terrível era a situação. Eles precisavam voltar para os braços protetores da Terra. Mas onde e como? Assim que eles começaram a se desesperar, a Terra enviou-lhes uma visão... um raio de luz guiando para o leste. Foi apenas uma questão de horas até que o encontrassem.

— Encontrassem o quê? - Glass perguntou ansiosamente.

— O presente da Terra - disse Soren, sorrindo. — A porta de outro abrigo, sua fechadura corroída pelo próprio ar que os estava deixando doentes. Eles abriram facilmente e encontraram comida, água e provisões suficientes para outros cinquenta anos.

Glass pensou em perguntar, mas descobriu que não conseguia resistir.

— Já havia gente dentro?

Soren assentiu gravemente.

— Havia. Alguns ficaram surpresos com a história que os Protetores contaram sobre como eles encontraram sua salvação. Esses novos amigos foram trazidos ao redil como servos fiéis. Outros ficaram com raiva porque os Protetores entraram em seu abrigo. Eles queriam expulsá-los, de volta à morte certa. Essas pessoas... tiveram que ser subjugadas.

Embora isso tivesse acontecido há gerações, havia uma pequena nota de arrependimento na voz de Soren, como se ela tivesse tomado essa decisão. Ela deve ter sentido o peso de seu papel ao contar essa história - o manto pesado que os Altos Protetores usaram por tanto tempo.

— Depois que eles se juntaram a seus novos seguidores, o abrigo encontrou paz e equilíbrio -

continuou Soren, mais animada. — Sem divisões. Sem contendas. E tem sido assim desde então...

para os fiéis. No velho mundo, a sociedade era dividida em partes componentes, coisas arbitrárias, na verdade. Nós contra eles. Minha cor contra sua cor. Minha unidade familiar brigando com a sua. - Ela acenou com a mão no ar, os olhos brilhando. — Acabamos com tudo isso. Não há famílias, mas nossa única família. Como Protetoras, somos mães de todos os filhos de nosso povo. Agora, toda vez que a Terra nos mostra um novo lar, realizamos a Cerimônia de Emparelhamento e oficialmente recebemos nossos mais novos membros em nossa família como Protetores.

— Eu... acho que entendo isso - disse Glass, embora tivesse a sensação de que Soren ainda estava escondendo algo dela. Embora ela tivesse contado a Glass sobre a história dos Protetores, ela de alguma forma

contornou a questão sobre o que exatamente era a Cerimônia de Emparelhamento.

Soren se virou para as outras mulheres, que estavam erguendo as sobrancelhas como se estivessem impressionadas.

— Isso é o que eu quis dizer com aptidão, entende? - Ela girou novamente, apertando as mãos de Glass com as suas. — Glass, acho que você vai desempenhar um papel muito importante nesta comunidade. Estou muito feliz por ter a chance de oficialmente dar as boas-vindas a você na Cerimônia de Emparelhamento. Você vai gostar disso, certo?

Glass assentiu educadamente, embora sua mente tivesse começado a zumbir. O que quer que Soren ainda estivesse escondendo dela, Glass tinha um mau, mau pressentimento sobre isso.

Ela precisava avisar Octavia, Anna e as outras. Eles tinham que encontrar Wells e dizer a eles que a hora havia chegado. Ela encontraria uma saída, não importa o que custasse.

CAPÍTULO 20

Wells

Wells alinhou-se com seus companheiros cativos na luz do amanhecer. Enquanto os Protetores caminhavam para cima e para baixo na fila, ele ficava em posição de sentido, o queixo erguido com orgulho, sua boca formando um sorriso morno, assim como os outros.

Eric, Graham e Kit ainda estavam jogando, é claro. Assim como os outros sete recrutas de seu acampamento. Mas, pelo que Wells sabia, os outros doze recrutas do sexo masculino eram verdadeiros convertidos. Eles eram terráqueos, embora não da vila de Max, ou parte do grupo que se separou. Isso fez sua mente girar, pensando em quantas outras comunidades escondidas poderia haver... pessoas que encontraram diferentes maneiras de sobreviver ao Cataclisma.

Depois que tudo isso acabasse, ele aprenderia sobre todos eles.

Oak deu um passo à frente para falar à reunião. Parecia haver apenas uma hierarquia frouxa entre os Protetores, mas Wells havia percebido essa hierarquia entre eles, com Oak perto do topo.

— Hoje, estamos fazendo algo diferente - disse Oak. — Alguns de

vocês deixarão a Pedra para fazer a vontade da Terra.

Oak se virou, pegando algo de um dos outros Protetores. Em uma piscada rápida, ele estava na frente de Wells, segurando um rifle. Havia uma estranha intensidade em seus olhos.

Wells sabia antes mesmo de pegar a arma de Oak que ela estava carregada.

Ao primeiro toque de metal frio, seu coração começou a bater tão forte que jurou que todos ao seu redor podiam ouvir. Ele acenou com a cabeça bruscamente e ficou com a arma no peito, do jeito que eles o treinaram, enquanto Oak continuava na linha, armando os outros recrutas para qualquer que fosse a missão de hoje.

Oak parou junto de três homens, em Graham, com um estrabismo antes de entregar a arma. Graham acenou com a cabeça e Oak saiu pisando duro, apontando para os outros, que não haviam recebido armas, incluindo Eric e Kit.

— O resto de vocês permanecerá comigo para mais treinamento de alvo. Deseje sorte a seus irmãos hoje em sua missão.

Enquanto os outros murmuravam: “A sorte esteja com você, se a Terra assim o desejar”, Wells percebeu o que estava acontecendo em rajadas lentas e graduais.

Ele estava saindo em uma missão.

Ele estava *saindo*... deixando este complexo.

Ele estava segurando um rifle carregado.

Wells se virou e viu Graham percebendo a mesma coisa. Uma gota de suor escorreu pela testa de Graham, apesar do ar frio.

O dedo de Graham se contraiu contra o gatilho do rifle, seus olhos viajando para Wells e segurando lá, implorando. Wells balançou a cabeça - esta manhã não era o momento, seus amigos nem estavam saindo com eles - mas antes que ele pudesse murmurar, *hoje não*, outro Protetor com olhos azuis misteriosos se aproximou e começou a dar ordens.

— Eu liderarei a expedição de hoje - disse o Protetor, cruzando os braços sobre o peito. — Isso vai ser bastante simples. Dentro e fora. Não prevemos nenhuma alteração hoje. Estamos indo para um local

de fazenda que descobrimos perto daqui para reforçar nossas reservas de alimentos para o inverno. Uma hora de carroça, uma hora lá, uma hora de volta. Alguma pergunta?

Um local de fazenda. Wells ainda não conseguia superar o fato de que havia outras pessoas aqui na Terra, não muito longe de seu próprio acampamento. Pessoas com *fazendas*. Ele sabia que deveria manter a boca fechada, mas a oferta estava lá, e ele tinha um a pergunta. Um grande. Ele ergueu a mão.

O Protetor de olhos azuis acenou com a cabeça para ele.

— Sim?

— Como você pode ter certeza de que não haverá alterações? - ele perguntou.

— Não podemos ter certeza de nada. - O Protetor piscou. — Mas a fazenda está, a partir de agora, desocupada. Não deveria haver ninguém lá para se opor a nós.

Como eles podem saber disso? Wells se perguntou, mas acenou com a cabeça uma vez e manteve a pergunta para si mesmo, enquanto eles colocavam suas armas nos ombros e subiam em um novo conjunto de carroças puxadas por cavalos. Desta vez, eles se sentaram nos bancos dos Protetores em vez de serem amarrados no chão. *Eles devem ter explorado esta fazenda*, Wells percebeu enquanto se sentava, *assim como eles espíaram meu acampamento antes de nos levar*.

Mas se fosse esse o caso, por que os Protetores não teriam entrado e saqueado então?

Algo não estava combinando com essa missão.

As carroças rodaram por uma estrada de terra esculpida na paisagem coberta de entulho, e Wells olhou pelas janelas altas para tentar se orientar. O sol da manhã estava atrás dele, então eles deveriam estar indo para o norte.

Ótimo, pensou Wells, olhando ansiosamente para Graham. Se eles tivessem voltado para o oeste, em vez de para um território novo, Graham poderia ter ficado tentado a fugir. *Eu mesmo poderia ter sido tentado*.

Mas isso significaria deixar Eric e Kit para trás, junto com Glass, Octavia e os outros. Isso significaria arriscar uma retaliação em grande

escala. Não resolveria nada.

Depois do que pareceu menos de uma hora, a carroça rolou por um vale baixo e rangeu até parar.

Wells pôde sentir o cheiro no segundo em que saiu para o ar fresco do outono: madeira carbonizada... e algo pior. Quando ele se virou para enfrentar a clareira além da carroça, sua garganta se fechou com força.

Então foi por isso que eles o chamaram de *local* de fazenda, em vez de fazenda. Não era apenas a terminologia estranha do Protetor, era a verdade. Este era um lugar onde costumava ser uma fazenda. Agora era apenas um campo queimado. No centro, havia os destroços fumegantes do que uma vez foi uma herdade.

Wells olhou para o outro lado do local, o nojo se acumulando em seu estômago. A terra foi revirada ali, solta e irregular, formando uma colina larga e confusa. Wells não precisava perguntar o que aquele monte cobria. A resposta estava no sangue ainda manchando a grama ao seu redor. Foi uma vala comum.

Eles sabiam que ninguém estava aqui porque se certificaram disso.

— Tivemos que esperar que o fogo se apagasse para pesquisar mais - disse o Protetor atrás de Wells, a voz estranhamente suave do homem fazendo-o pular. Ele apontou por cima do ombro de Wells para a pilha desidratada onde ficava o edifício. — Há uma adega no centro que deve ser bem abastecida. Pegue tudo o que o fogo não destruiu e carregue nos carrinhos.

Wells não conseguia pronunciar as palavras "sim, senhor", mas esse Protetor não parecia exigir isso. Ele já havia se virado, dirigindo os outros para os restos da fazenda.

Wells começou a tremer mais e mais visivelmente quanto mais perto ele chegava do prédio. Ele se perguntou se aquele era o verdadeiro teste. Os Protetores estavam trazendo-os aqui como um lembrete do que eles fizeram às casas dos recrutas? Era assim que o próprio acampamento de Wells parecia agora, completamente obliterado, as pessoas que viveram lá agora enterradas em um monte de terra?

Graham caminhou ao lado dele, sua mandíbula cerrada. Ele olhou para Wells sombriamente. Wells não conseguiu assentir, balançar a cabeça, nada.

Eles marcharam juntos, os punhos cerrados com força em torno das armas, até o centro da casa da fazenda, pisando cautelosamente sobre fundações em ruínas e vigas enegrecidas. Os dois Protetores que os supervisionavam assistiam sem piscar da carroça.

Um dos outros recrutas entrou nervosamente no prédio e deu um grito quando suas pernas caíram ao chão, enfraquecidas. Wells correu silenciosamente para puxá-lo para fora, olhando nos olhos do menino enquanto ele o levantava e lhe dava tapinhas no ombro. Esse recruta estava lá quando Wells chegara, mas Wells não tinha ideia de qual era seu nome, de onde ele vinha ou como se sentia a respeito de tudo isso, exceto que parecia aterrorizado agora.

— Obrigado, cara - sussurrou o menino, segurando a arma com as mãos suadas enquanto Wells assentia e se afastava.

— Está aqui - Graham chamou, apontando para baixo com seu rifle.

Wells fez o seu caminho. Havia uma grade de metal enferrujada no chão e, quando a abriram, revelou uma escada de cimento derramado, ainda intacta.

— Vamos apenas acabar com isso - disse Wells baixinho e começou a descer, liderando o caminho.

Na luz empoeirada que se derramava de cima, Wells pôde distinguir prateleiras repletas de latas sem marcas. Redes penduradas no teto, cheias de batatas, nabos e outros vegetais de raiz, e um cheiro salgado do canto oposto provavelmente significava que havia carnes curadas e peixes estocados aqui para o inverno também.

Quando Wells se aproximou das prateleiras, pronto para carregar e sair daqui o mais rápido possível, seu pé tocou em algo macio. Ele se abaixou para ver o que era, mas Graham já estava ao lado dele, inclinando-se, puxando-o para cima.

Ambos se levantaram e olharam fixamente em silêncio. Era um ursinho de pelúcia, todo gasto em remendos, a boca costurada definida em uma carranca profunda.

Uma criança viveu aqui.

Graham olhou para Wells, os olhos ardendo de raiva. Ele largou o ursinho de pelúcia no chão. Então ele se virou e disparou escada acima, tirando o rifle do ombro e colocando-o em posição.

Wells sentiu o clique da segurança de Graham como um estalo em seu próprio cérebro.

Ele respirou fundo e correu atrás dele.

— Graham, não! - ele gritou, mas era tarde demais.

Graham estava correndo para fora do prédio, deixando escapar um grito gutural sem palavras que ecoou por todo o vale. Um tiro foi disparado, o curso de Graham oscilando um pouco com o retrocesso. Wells olhou para os dois Protetores, abaixando-se com as mãos sobre as cabeças raspadas, e alcançou seu próprio rifle, imaginando freneticamente para onde apontá-lo.

Se Graham tivesse acertado um deles, poderia pegar o outro...

Graham atirou novamente. Ricocheteou na lateral da carroça e Wells pôde ver o local onde sua primeira bala havia atingido. Ele errou ambas as vezes. Os Protetores estavam de pé e correndo, um deles zigzagueando, atraindo Graham para mais perto enquanto o outro girava atrás de Graham, derrubando-o no chão, desarmando-o sem esforço enquanto empurrava algo em suas costas.

Um sedativo, Wells percebeu, seu rifle mergulhando inútil em suas mãos. *Exatamente como quando eles nos pegaram em primeiro lugar.*

— Coloque-o na carroça - o Protetor de olhos azuis gritou para o outro, sua voz tão vazia de emoção como sempre. Então ele apontou sua arma para Wells. — Larguem suas armas, todos vocês.

Wells largou o rifle, observou-o despencar na terra e cambaleou para trás, com as mãos para o alto. Com o canto do olho, ele podia ver os outros dois prisioneiros seguirem o exemplo.

— Bom - disse o Protetor, seus olhos passando por eles. — Agora terminem e vamos indo.

Wells olhou para trás, surpreso, então piscou com força e correu de volta ao porão como ordenado. Eles agiram tão indiferentes, como se isso acontecesse o tempo todo. Talvez sim.

Talvez eles soubessem que um deles iria quebrar.

Wells cerrou os dentes com tanta força que sua mandíbula doeu enquanto carregava o veículo com comida. Quando acabou, ele e os outros voltaram para a carroça, onde os Protetores os haviam deixado

no banco.

Graham estava esparramado inconsciente no chão abaixo deles. Um dos Protetores casualmente usou seu ombro sem vida como apoio para os pés durante todo o caminho de volta à Pedra.

Quando eles pararam no pátio, o Protetor de olhos azuis ergueu a mão, parando Wells.

— Arraste seu amigo para o canil.

— Ele não é meu amigo - disse Wells. — E eu ficaria feliz.

As palavras tinham gosto de veneno em sua boca, mas o Protetor sorriu, apaziguado.

Wells respirou fundo e enfiou a mão na carroça para içar Graham em seus braços.

— Eu disse para você carregá-lo? - o Protetor perguntou friamente. — Huh. Eu poderia jurar que disse para *arrastá-lo*. - Ele caminhou lentamente atrás de Wells, ergueu sua arma e cavou seu cano entre as omoplatas de Wells.

Wells sentiu a ira pulsar em suas veias, um vulcão que explodiria a qualquer momento, mas seu medo era ainda mais forte. Um aperto no gatilho e ele não seria capaz de ajudar Graham ou Octavia ou Glass ou qualquer pessoa novamente.

— Sim, senhor - disse ele. Com cuidado, ele colocou Graham no chão e começou a puxar, enquanto a arma do Protetor cavou em suas costas, cutucando-o passo a passo, direto na barriga da Pedra.

Logo, ele pensou. Não havia mais espera pelo momento perfeito, pela inteligência ideal, para colocar essas pessoas de joelhos. Eles teriam que sair de lá. A próxima chance que tivermos.

Se houvesse uma próxima chance.

Wells ousou um último olhar ansioso para o céu aberto, puxando Graham atrás dele, antes que as paredes gigantescas engolissem os dois novamente.

CAPÍTULO 21

Clarke

Não havia muito que ela pudesse fazer para se preparar. Ela não estava trazendo nenhuma arma, é claro. E ela não estava trazendo nada para trocar. A menos que houvesse algum tipo de presente que ela pudesse oferecer como um sinal de boa vontade? Imagens de homens vestidos de branco passaram por sua mente - seus rostos vazios e inexpressivos enquanto eles vasculhavam metodicamente o acampamento, ignorando os gritos e súplicas daqueles que foram feridos na explosão.

Não, esse não era o tipo de pessoa que poderia ser influenciada por presentes. Eles responderiam com força. E bravura.

Enquanto Clarke andava de um lado para outro, nervosamente correndo as mãos ao longo da casca áspera das árvores, ela tentou se imaginar se aproximando da parede de concreto gigante, com a cabeça erguida. Ela tinha que parecer igual, não uma vítima. Ela imaginaria que Wells a estava observando por dentro e que ela tinha que deixá-lo orgulhoso.

E talvez, apenas talvez, eles a escutassem e libertassem os prisioneiros. Ela já podia ver a expressão no rosto de Bellamy quando ele visse Clarke com Octavia. Sua expressão de pedra entraria em colapso, substituída por alegria e alívio. E depois de abraçar sua irmã, ele se voltava para Clarke com gratidão em seus olhos.

Um galho quebrou e Clarke se virou para ver Paul vindo em sua direção.

— Estou pronta - disse ela, endireitando os ombros. — Acho que devo sair agora.

— Houve uma mudança de planos - disse ele alegremente, como se estivessem discutindo uma viagem para nadar no riacho, em vez de uma missão de resgate potencialmente fatal. — Cooper vai ir em vez disso, e Vale vai assistir para ter certeza de que tudo vai bem. Ela vai

voltar quando ele estiver seguro dentro. Faz mais sentido para um nascido na Terra atuar como negociador.

Cooper terá mais em comum com eles, e então não precisamos nos preocupar com toda a hostilidade para com as pessoas que caíram do céu.

— O que? Mudança de planos? Quando você discutiu isso? - Clarke esticou a cabeça, procurando sinais de que uma reunião acabara de terminar.

— Foi minha decisão - disse Paul. Ele colocou a mão no ombro de Clarke e a olhou diretamente nos olhos. — Não quero que pense que não tenho fé em você, porque tenho. Espero que saiba o quanto todos nós a apreciamos.

Com a confusão transformando-se em raiva, Clarke empurrou a mão dele e deu um passo para o lado.

— *Sua* decisão? Paul, ninguém o colocou no comando.

Ele riu e balançou a cabeça.

— Liderança não é algo atribuído, Clarke. É merecido. Dado como um presente por aqueles que o seguem voluntariamente. Acho que está bem claro em quem todos confiam aqui. Cooper, Vale, Felix, Jessa - todos eles contam comigo para tornar esta operação um sucesso, então fiz algumas mudanças. Além disso, precisamos de você de volta aqui, caso alguém se machuque.

Clarke o encarou por um momento, tentando obter informações de seu sorriso radiante.

— Tudo bem... - ela disse lentamente, tentando manter a calma enquanto avaliava a situação.

— Vou esperar aqui, então. Vou desejar boa sorte a Cooper e Vale antes de partirem.

— Eles já foram embora! Agora tudo o que podemos fazer é esperar o melhor.

As próximas horas foram tensas, e todos eles se revezaram guardando

seu acampamento improvisado.

Enquanto Felix estava de plantão, Clarke veio trazer para ele algumas frutas que ela havia encontrado na floresta.

— Obrigado - disse Felix com um sorriso fraco — mas não tenho como comer agora.

— É estranho, não é? - Clarke disse. — Sabendo o quão perto estamos deles agora? Eu me pergunto se eles podem sentir que estamos chegando.

— Espero que sim. - Felix se virou, mordendo o lábio. — Eu não suporto a ideia dele com medo, ou com dor, ou... - Ele parou.

— Eu nunca vi Eric com medo - disse Clarke com firmeza. — Aposto que ele está sendo forte e corajoso, como sempre.

Quando Felix voltou, havia lágrimas brilhando em seus olhos.

— Tenho certeza que ele está. - Ele enxugou os olhos com as costas da mão. — Só espero que ele saiba que não desistimos deles.

— Tenho certeza que ele sabe disso - disse Clarke, olhando por cima do ombro em direção ao acampamento, onde Bellamy ainda estava algemado à pilha de metal enferrujado. — Não é isso que fazemos.

Clarke deu um amplo espaço para a borda do acampamento enquanto caminhava ao redor dele. Ela daria apenas uma olhada rápida em Bellamy... tempo o suficiente para saber que ele estava aguentando bem, curto o suficiente para evitar a sensação de seu coração rasgando para fora de seu peito, aquela sensação de punhalada que se apoderou dela quase toda vez que ela pensou dele.

Ela esperava vê-lo dormindo ou olhando com os olhos mortos para as copas das árvores enquanto Jessa o protegia à distância, como uma hora atrás, a última vez que ela espiou. Mas desta vez, Jessa estava agachada ao lado de Bellamy, perto o suficiente para tocá-lo, suas cabeças inclinando-se enquanto falavam em murmúrios abafados.

Clarke começou, tropeçando um pouco onde ela estava. Foi estúpido. Não foi nada. E, no entanto, foi uma cena tão estranhamente íntima que Clarke sentiu seu estômago revirar com uma mistura de mágoa e traição. Não que ela tivesse o direito de se sentir traída depois do que fez a ele.

Jessa olhou por cima do ombro e Clarke reorganizou seu rosto em algo quase neutro.

Mas se fosse para o benefício de Bellamy, ela não deveria ter se incomodado. Ele se virou sem piscar em sua direção quando Jessa se levantou, cruzando para Clarke em quatro longas passadas.

— Vale já voltou? - a garota terrestre perguntou bruscamente.

Clarke teve que engolir para encontrar sua voz novamente, se recuperando da sensação de tê-la arrancado de sua garganta.

— Ainda não. Em breve, esperamos.

— E se ela não voltar? Se nenhum deles o fizer, o que acontecerá? - A voz de Jessa aumentou e a cabeça de Bellamy se inclinou casualmente em direção a eles, ouvindo claramente. Então deve ter sido sobre isso que eles estavam falando. — Vamos usar o plano de Bellamy?

— Eu... eu não tenho certeza... - A pele de Clarke ficou quente e espinhosa enquanto ela se mexia inquieta.

— Porque eu, pelo menos, estou ficando muito cansada de ficar sentado aqui sem fazer nada.

- Jessa apontou para o leste. — Meu irmão está naquele prédio, talvez vivo, talvez morto, não sei. Tudo o que sei é que, quanto mais esperarmos, piores serão as chances dele.

— Eu sei disso - Clarke disse calmamente.

— Você sabe? - Os olhos escuros de Jessa se encontraram com os dela.

— Então qual é o nosso plano B? O que faremos agora, *esta noite*, se as negociações fracassarem?

Bellamy se virou e fixou o olhar em Clarke - sua expressão totalmente vazia, como se ela fosse apenas uma das árvores na floresta.

— Ela está de volta! - A voz de Paul soou muito alta, ecoando pela floresta, enviando pássaros para longe de seus poleiros, mas pela primeira vez, Clarke não se importou.

Porque Paul parecia feliz.

Seu pulso disparou com esperança enquanto ela corria em direção ao acampamento, Jessa em seus calcanhares. Mas antes que eles dessem dois passos, Vale e Paul os interceptaram, Paul puxando o ofegante

terrâqueo atrás dele pelo cotovelo.

— Diga a ela! - disse ele, exultante.

— Cooper... ele fez como nós... planejamos - Vale falou entre bufadas, conseguindo um sorriso fraco.

— Ele subiu. Eles saíram... com armas...

Clarke esperou que ela recuperasse o fôlego, tentando ser paciente.

— Mas eles viram que ele estava desarmado... então eles os baixaram - Vale disse.

Clarke exalou.

Vale olhou para Paul.

— Eu não estava perto o suficiente para ouvir o que eles disseram, mas eles o ouviram e abriram a porta e entraram com ele no prédio. Sem algemas, sem violência. Até agora tudo bem. Agora acho que vamos esperar para ver o que eles dizem.

Clarke sentiu todo o corpo formigar em uma cachoeira de alívio. Ela respirou fundo para agradecer a Vale, mas antes que pudesse pronunciar as palavras, Paul se lançou para ela e envolveu Clarke em um abraço tão forte que levantou seus calcanhares do chão.

— Está funcionando - disse ele em seu ouvido, em seguida, deu um beijo em sua bochecha.

— Nós vamos recuperá-los.

Enquanto Paul se virava para dar um tapinha nas costas de Vale e levá-la em direção ao centro do acampamento, Clarke enxugou a bochecha, lutando contra um estremecimento que era em parte nervosismo, em parte algo novo.

Ela é apenas um cara entusiasmado, ela disse a si mesma. *Ele foi pego no momento.*

Ela sentiu olhos em suas costas e se virou para ver Bellamy olhando para ela com uma expressão inescrutável.

Veio aquela sensação de punhalada novamente, uma dor aguda que começou entre suas costelas e floresceu em algo que iria destruí-la se ela deixasse.

Ela não permitiria.

Ela piscou para Bellamy, queixo erguido, e foi embora.

CAPÍTULO 22

Bellamy

O corpo de Bellamy parecia estar cheio de cacos de vidro. Seus braços doíam, seus pulsos eram carne crua, sua coluna torceu contra a viga de metal que o segurava. Mas nada disso comparado à dor que sentiu ao ver Clarke virar as costas para ele novamente.

Bellamy estava observando Paul o tempo todo. Ele não era o jogador de equipe alegre que fingia ser. Ele era uma cobra manipuladora que tinha os olhos em Clarke.

Preciso avisá-la, ele pensou, antes de lembrar que Clarke não era mais sua responsabilidade. Ela deixou isso muito claro.

Ele ansiava por vê-la enquanto ela se afastava, mas Bellamy forçou seus olhos para a floresta em vez disso, mantendo-os abertos para que tudo se tornasse dolorosamente nítido e brilhante, suas emoções ficando em segundo plano na dura realidade diante dele.

Na floresta, algo se moveu - uma pessoa. Bellamy ficou tenso; então ele soltou um suspiro.

Luke saiu de trás de uma árvore, levantando a mão em saudação.

Bellamy acenou com a cabeça e olhou para Jessa. Ela deveria estar protegendo ele, mas em vez disso, os dois estavam tentando descobrir uma maneira de colocar em prática seu plano.

Jessa deu uma olhada rápida na área, ouvindo vozes - Paul, Clarke ou Vale - se aproximando.

Satisfeita de que estivessem sozinhos, ela acenou para Luke, que se aproximou na ponta dos pés e se agachou ao lado de Bellamy.

— Como você está aguentando? - Luke sussurrou.

— Oh, está sendo ótimo. - Bellamy tentou encolher os ombros, mas seus braços não se moveram tanto. — É assim que passo todos os meus sábados.

Luke sorriu brevemente antes de seu rosto ficar sério novamente. Bellamy engoliu em seco.

— Você descobriu algo?

— Sim - Luke disse, seus olhos brilhando.

Bellamy se endireitou um pouco, estremecendo de dor nas costas. Luke estendeu a mão para ajudá-lo a ajustá-lo, mas Bellamy balançou a cabeça, cuidando dele mesmo.

— Eu saí logo depois de Cooper e Vale - Luke continuou em um sussurro. — Felix me substituiu no meu posto e disse a Paul que eu tinha ido descansar no acampamento. Cooper e Vale não notaram que eu os seguia. Esperei até que Cooper chamasse a atenção dos invasores e fui para

onde você me disse. Eu encontrei o depósito de munições rapidamente... talvez rápido demais.

Bellamy, eles logo vão notar que foi aberto.

— Eu sei - disse Bellamy sombriamente. — Você entrou?

— Pensei em esperar por você - disse Luke com um sorriso malicioso.

— Eu odiaria que você perdesse toda a diversão.

— Tudo bem - disse Bellamy, as engrenagens em sua mente finalmente começando a girar de volta à vida. — Quem está me protegendo esta noite?

— Se não for Jessa, vamos nos certificar de que seja Jessa - disse Luke.

À menção de seu nome, Jessa olhou casualmente por cima do ombro, piscando rapidamente em reconhecimento. Bellamy sorriu

severamente de volta.

— Nós deixaríamos você ir agora, cara, se não pensássemos que isso sabotaria o resto de nossos planos. - Luke suspirou.

— Eu sei - disse Bellamy rapidamente. — Eu não gostaria que você fizesse isso. E de qualquer forma, minha amplitude de movimento do braço é extremamente superestimada.

— Você vai precisar se aquecer rápido assim que o soltarmos esta noite, no entanto - Luke disse secamente. — Vamos precisar de cada par de armas que pudermos conseguir.

— *Quem temos?*

— Eu, você e Felix - Luke disse. — Jessa vai ficar para trás para impedi-los de nos impedir.

— Por que eles se importariam? - Perguntou Bellamy. — Não vamos interferir nas negociações.

Este é apenas um... plano de backup.

Ele ouviu vozes baixas atrás deles novamente, por cima do muro do acampamento. Paul estava oferecendo comida a Clarke, contando piadas sobre suas habilidades de coleta, e ela tentava mudar de assunto de volta para as próximas etapas.

Próximos passos. Diplomacia.

Bellamy engoliu em seco e sentiu um buraco na garganta.

Eles não estavam fazendo nada, exatamente, estavam? O Plano A estava avançando.

Clarke ainda tinha esperança de uma solução pacífica. Ela estava certa? Ele estava sendo imprudente, afinal?

Sentindo-o vacilar, Luke se inclinou para frente.

— Temos uma boa chance aqui. E uma janela muito curta para isso.

Bellamy balançou a cabeça, pensando.

— Cooper entrou, porém, ileso. Vale disse isso.

Luke bufou.

— Isso significa apenas que esses bastardos têm mais um de nós trancado dentro de seu complexo.

— Mas e se isso significar mais do que isso? E se... - Bellamy acenou com a cabeça atrás dele, incapaz de dizer o nome dela — o plano deles estiver funcionando?

— Então, ainda teremos tirado todas as munições enquanto isso. Teremos uma vantagem ainda maior... uma moeda de troca. Vencer-Vencer, certo?

— Certo - Bellamy franziu a testa. Foi estranho. Durante toda a jornada até aqui, ele imaginou os rostos de Octavia e Wells tão claramente como se estivessem bem na frente dele, implorando

por ajuda. Mas agora que ele tinha um plano, tudo o que podia ver era Clarke, a dor em seus olhos na noite anterior, a expressão em seu rosto quando ele a afastou.

Ele imaginou algo ainda pior agora: o olhar que ela teria esta noite quando percebesse que ele havia partido. A constatação de que, no final, ele a traiu pelo que poder ia ser a última vez, sem nem mesmo se preocupar em se despedir.

Ele fechou os olhos, a tristeza crescendo em seu peito. Ele errou ao acusá-la de não se importar. Ainda mais errado pensar nela como uma covarde. Clarke sempre seria uma das pessoas mais ferozes que ele já conheceu, e aqui estava ela, defendendo o que ela pensava ser certo.

— Escute, cara - Luke estava dizendo a ele, balançando sobre os calcanhares com um suspiro pesado. — Se você está ficando indeciso, se você não acha que isso é a coisa certa...

Bellamy abriu a boca para responder, mas antes que pudesse, Luke soltou um bufo frustrado, os punhos cerrados ao lado do corpo.

— Não, dane-se. - Luke balançou a cabeça. — Sinto muito, Bel, sinto muito, mas seu plano é o melhor que temos. E Glass está lá. - Suas bochechas ficaram manchadas, seus olhos avermelhados se encheram rapidamente. — Ela *está lá*. Eu tenho que tirá-la de lá.

Bellamy o observou por um momento, seus pensamentos girando, pousando e finalmente parando em algo que parecia uma resposta final.

— Nada de indeciso, Luke.

Os olhos de Luke se fixaram nos dele.

Bellamy acenou de volta - uma promessa.

— Isso acontece hoje à noite.

CAPÍTULO 23

Glass

Glass segurou com força a saia de seu vestido branco, desejando que seu sorriso permanecesse firme enquanto ela passeava com Soren ao longo de um corredor com paredes rachadas cobertas de hera e rosas. A primeira vez que Glass viu as flores, alguns dias antes, ela ficou maravilhada com o quão lindas elas pareciam contra o concreto em ruínas. A beleza triunfando sobre a feiura.

Natureza redimindo os pecados dos humanos que a consideravam garantida. Mas agora as rosas apenas pareciam *presas*, longe dos bosques e prados onde pertenciam.

— É uma cerimônia adorável - a Alta Protetora estava explicando, a luz do meio-dia filtrada pelo teto em ruínas atingindo seu rosto em flashes desorientadores. — O primeiro ritual será realizado ao ar livre ao amanhecer amanhã. Os homens e mulheres são lavados, ungidos e abençoados pela própria Terra antes que o emparelhamento real comece.

— Sinto muito - disse Glass. — Acho que ainda estou um pouco confusa. O que exatamente acontece na cerimônia de emparelhamento?

— Oh, meu Deus, *sim*. - Soren riu e soou como o sol. — Claro que você está curiosa. É quando os novos recrutas, garotas como você, que a Terra nos presenteou, se tornam verdadeiros membros de nossa

comunidade. Juntamos cada nova garota com um dos recrutas do sexo masculino, e eles consumam a união, tornando-se assim Protetores. Então, se o emparelhamento agrada à Terra, Ela nos abençoa com um filho verdadeiro.

Glass tropeçou e se agarrou à parede enquanto ela tentava piscar para afastar a tontura.

— Consumar? - ela sussurrou.

Certamente Soren não poderia querer dizer o que Glass pensava que ela estava insinuando. A Cerimônia de Emparelhamento era um ritual de acasalamento? Foi por isso que Glass e as outras meninas foram levadas? Uma memória deslizou para fora de seu cérebro. O companheiro de quarto de Luke, Carter, colocando as mãos na cintura dela, prendendo-a contra a parede. A sensação de seu hálito quente muito perto de sua pele. Ela fechou os olhos com força, lutando contra as ondas de náusea.

— Sim - disse Soren. — Como eu disse a vocês, a Cerimônia de Emparelhamento remonta aos primeiros Protetores e aos forasteiros que os acolheram. A maioria desses Protetores se curou

da radiação a que foram expostos na superfície. Externamente, pelo menos. Quando chegou a hora de trazer uma nova geração ao mundo, eles descobriram que eram incapazes de conceber...

- Ela parou e olhou para Glass, como se a estimulasse a continuar a história.

Um arrepio percorreu a espinha de Glass e ela se esforçou para conectar os pontos.

— Eles fizeram com que as novas pessoas concebessem para eles - disse ela lentamente, enquanto imagens perturbadoras enchiam sua cabeça.

Soren acenou com a cabeça.

— Exatamente. As gerações seguintes não tiveram os mesmos problemas, mas se tornou o ritual mais honrado em nossa sociedade, e temos feito isso desde então. Os novos recrutas estão sempre um

pouco nervosos, é claro, como tenho certeza de que as noivas e os noivos estavam no velho mundo, mas com todos participando juntos, isso adiciona um nível de unidade e comunidade que é difícil de descrever.

A boca de Glass se abriu enquanto seu estômago revirava. Não havia nenhuma maneira de Soren querer dizer... bem ali, ao ar livre, com todos assistindo. Era *assim* que todos eles provariam ser inestimáveis para a comunidade?

Não. Ela não podia deixar isso acontecer. Seu coração batia freneticamente contra sua caixa torácica, um pássaro preso implorando para escapar. *Luke.* Ele tinha que estar a caminho para encontrá-la. Ele nunca deixaria isso acontecer com ela. Ele encontraria uma maneira...

— Eu normalmente organizo os pares, é claro - disse Soren. — Mas você é tão especial para mim, e é importante para mim que se sinta confortável. Então, eu estava pensando, você gostaria de fazer par com aquele seu amigo? O bonito de cabelos escuros?

— Wells? - Glass perguntou com a voz rouca, sua garganta seca de repente.

— Sim, ele se mostra muito promissor, meus homens me dizem.

Oh meu Deus. Oh meu Deus. O corredor começou a girar enquanto imagens angustiantes inundaram sua cabeça. O rosto de Wells queimando de vergonha quando ele desviou o olhar, tentando dar a seu amigo de infância um pinga de dignidade enquanto ela se despia na frente dele. A agonia em seus olhos quando ele fosse forçado a... sussurrar: "Sinto muito, Glass", enquanto ele... Não. Era terrível demais para imaginar.

Embora não tão terrível quanto a imagem das meninas na sala sendo jogadas nos braços de estranhos maliciosos. Lina. Anna. *Octavia.*

Soren olhou para trás enquanto eles se aproximavam do amplo pátio no centro do edifício.

— Acho que vamos realizar o ritual aqui, Glass. O Coração da Pedra. Que lugar melhor?

Glass lutou para respirar. Cada vez que ela tentava inalar, a respiração ficava presa em seu peito.

Finalmente, ela conseguiu soltar uma exclamação:

— Parece ótimo.

Soren pressionou as mãos nos ombros de Glass, satisfeita.

— Estou emocionada, Glass. Eu posso dizer o quanto isso significa para você. Você gostaria de ser aquele a contar aos seus amigos sobre a honra que os espera? Tenho certeza de que significará muito, vindo de você.

— Sim - disse Glass, dando uma última respiração instável.

— Perfeito. - Soren fungou, seu tom retornando à vivacidade de todos os negócios. — Agora é um momento tão bom quanto qualquer outro. Eu tenho algo para atender nos portões da frente.

- Seu rosto ficou turvo. — Algo... desagradável, receio. Estou ansiosa para retomar nosso bate-papo de onde paramos quando eu voltar.

Ela sorriu agradecida, estendendo a mão para apertar a mão de Glass mais uma vez antes de se virar e caminhar propositalmente por um corredor sul, a palavra *desagradável* parecendo pairar no ar atrás dela como uma nuvem nociva.

Glass estremeceu e se virou para caminhar rapidamente até as copas. Por mais que ela temesse isso, era muito melhor que eles descobrissem o mais rápido possível. Tinha que haver uma maneira de sair dessa...

Ela dobrou uma esquina, passando pelas filas de roupas penduradas, metade delas aparentemente abandonadas, cestas cheias de lençóis molhados, então enfiou a cabeça dentro da copa fumegante. Uma rápida olhada mostrou Lina esfregando penicos junto com algumas outras meninas, panos amarrados bem sobre seus rostos enojados, mas ninguém mais familiarizado.

Uma risada ecoou no beco atrás dela. Ela se virou, seguindo o som até um pequeno nicho bombardeado na parede maciça, onde duas meninas estavam emaranhadas uma na outra. As mãos de Octavia estavam afrouxando a trança encaracolada de Anna, os dedos de Anna dançando na espinha de Octavia... e eles estavam se beijando como se fosse a maior descoberta de suas vidas.

Em qualquer outra situação, ver Octavia tão feliz teria enchido o coração de Glass de alegria. Mas agora, tudo o que ela podia ver era a Cerimônia de Emparelhamento que se aproximava. Anna forçada a

assistir Octavia foi jogada nos braços de um homem estranho... um homem que a Terra "desejou" para fazer o que quisesse com ela.

Com o estômago agitado, Glass pigarreou.

Anna e Octavia se separaram com uma guinada, o terror espelhado em cada um de seus rostos até que viram quem estava na frente delas, e se dobraram de alívio e um tipo de vergonha maravilhosamente mundano.

— Precisamos conversar - disse Glass. — Rápido.

Ambas as garotas empalideceram enquanto Glass recitava todo o plano sórdido: os pares, a cerimônia, sendo oficialmente empossado como Protetoras. Ela manteve o olhar voltado para o chão rochoso, horrorizada demais pelas intenções de Soren para sequer olhá-los nos olhos enquanto falava.

Quando ela terminou, ela olhou para Octavia e, para sua surpresa, viu mais determinação do que medo no rosto da menina.

— Está na hora, Glass - disse Octavia. — Você sabe que está.

— Wells ainda não sinalizou que é hora.

Octavia agarrou o pulso de Glass.

— Não. Você tem que matá-la. Você é a única perto o suficiente para fazer isso.

— Eu... - Glass sentiu a bile subindo pela garganta. Ela estava enojada com os Protetores, mas *matar* Soren? Ela olhou para Anna, mas Anna estava olhando para seus pés. Glass engoliu. — Eu

acho que isso levantaria muitos alarmes. Só precisamos tirar nosso pessoal. Essa é a única prioridade.

A mão de Octavia escorregou do pulso de Glass, seu rosto caindo.

Glass deu um passo à frente.

— Você já pensou mais sobre seu plano de rio e como usar os barcos para escapar?

Octavia acenou com a cabeça.

— Contanto que possamos fabricar algum tipo de distração, seremos

capazes de remar para longe o suficiente para ficarmos fora do alcance do tiro. Eles poderiam pegar uma carroça e tentar alcançar-nos, mas não há estrada ao longo do rio. Acho que vamos conseguir.

— Precisamos encontrar Wells e deixá-lo saber o que está acontecendo. Precisamos escapar esta noite, antes que a cerimônia de emparelhamento aconteça amanhã de manhã. Você pode encontrá-lo?
- Perguntou Glass.

— Não se preocupe. - A voz de Octavia estava firme. — Eu vou dar um jeito.

Olhando para a ferocidade em seus olhos, Glass acreditou nela. Depois de tudo que eles passaram, tudo que eles sobreviveram, nenhum deles iria cair sem lutar.

CHAPTER 24

Wells

Quando eles voltaram para a Pedra naquela manhã, Wells arrastou Graham para o canil, assim como ele foi convidado a fazer. Mas claramente a insubordinação de Graham colocou os Protetores em alerta, porque eles imediatamente levaram Wells para uma sala

isolada e apertada. Eles bateram a porta e o deixaram lá por horas. Com base na fome roncando em seu estômago, já era pelo menos final da tarde agora.

Sentado no escuro, sozinho pela primeira vez desde que chegaram, quatro dias atrás, Wells finalmente chegou a uma conclusão: eles não podiam se dar ao luxo de esperar o momento certo para escapar. Nunca haveria um momento certo. Essas pessoas eram imprevisíveis e é isso que as tornava tão perigosas. Ele tinha que falar com os outros recrutas, as pessoas que haviam sido capturadas de outros lugares, e tentar convencer alguns deles a se rebelarem contra os Protetores com eles. Era sua melhor chance. Era a *única* chance deles.

Agora ele só precisava sair deste maldito quarto.

Seus olhos se adaptaram à escuridão, por isso foi doloroso quando a porta finalmente se abriu e Oak entrou, segurando uma lanterna.

Ele tinha visto ódio no rosto de Oak antes. Ele sabia bem, aquele verniz fino como papel de calma que o Protetor usava, cobrindo um poço profundo de violência por baixo. Mas a maneira como Oak estava olhando para o chão agora era a expressão mais assustadora que Wells já vira.

Com a luz da lanterna piscando em seu rosto encovado, Oak parecia mais um demônio do que um homem.

— Queríamos que você fosse um Protetor - Oak rosnou, sua voz baixa e perigosa. — Queríamos confiar em você e recebê-lo em nosso rebanho.

— Não tive nada a ver com o que Graham fez - disse Wells, com a voz firme. — Você tem que saber que eu sou...

Oak se lançou para ele, fechando a distância entre eles em um grande passo, e agarrou a garganta de Wells com uma mão tão áspera e implacável quanto o laço de um carrasco. Wells viu manchas e lutou para respirar. A luz da lanterna à sua frente começou a se apagar, sua visão turva. Com o restante de força que ele tinha, ele chutou as pernas, tentando se livrar das garras de Oak.

A porta atrás deles se abriu e Oak o soltou de repente. Wells caiu no chão e tombou, agarrando sua própria garganta e sugando o ar desesperadamente com respirações apertadas e ásperas.

— Está tudo bem - uma voz de mulher acalmou a alguns metros de

distância. — Sem danos causados.

Wells ergueu os olhos, pensando que as palavras eram dirigidas a ele, mas piscou com força ao ver Oak ajoelhado diante da Alta Protetora. Soren estava acariciando a cabeça do velho como um cachorro, e ele estava com os olhos fechados.

— Você pode ir - ela disse a Oak, e o Protetor se levantou e saiu da sala em um movimento suave e silencioso. Ele não parecia dar à ordem de Soren nem um milissegundo de pensamento; ele apenas obedeceu.

Soren pegou a lanterna que Carvalho havia descartado. Onde a chama da vela tornara Oak demoníaco, fazia a Alta Protetora parecer serena e angelical. Mas ele se lembrou de permanecer em guarda. *Ela é pior do que qualquer um deles*, Wells lembrou a si mesmo. *É ela quem puxa todas as cordas.*

— Sinto muito por isso - disse Soren, abaixando-se para se sentar diante dele, as pernas cruzadas sob as saias longas. — Todo mundo está um pouco agitado hoje. Tivemos... um visitante, sabe, nos portões da frente. Um inesperado.

Wells congelou, o coração disparado. Seus amigos vieram atrás deles?

— E então seu grupo de ataque voltou e descobrimos o que tinha acontecido. - Ela balançou a cabeça tristemente. — Isso os levou ao limite, infelizmente.

— O que Graham fez é imperdoável - disse Wells com voz rouca, sua garganta ainda doendo por causa do ataque de Oak.

Soren deu a ele um sorriso tenso.

— Estou inclinada a concordar. *E* estou inclinada a acreditar que você não teve nada a ver com isso.

Ela estendeu a mão e gentilmente segurou seu pulso.

— Eu tenho planos para você, Wells - ela disse, seus olhos brilhando.

Wells lutou contra o impulso repentino de afastar o braço dela, como se estivesse recuando de uma cobra que acabara de erguer sua cabeça venenosa. Os planos significavam que ela esperava que ele ficasse aqui por um longo prazo.

Jogue junto, ele lembrou a si mesmo. *Apenas o suficiente para permanecer vivo.*

— Esses planos são para os fiéis. Para a Terra e para nós. - Ela apertou seu pulso com mais força.

— Então me conte. Você é um de nós?

— Sim - ele disse, tão firmemente quanto ele podia controlar enquanto sua mente zumbia. O

que ele poderia dizer para convencê-la? — Fiquei tão chocado quanto todo mundo com o que Graham fez. Eu só queria ter podido avisá-lo sobre ele mais cedo.

Soren se recostou e o examinou cuidadosamente.

— O que você quer dizer?

Wells apertou a mandíbula.

— Há muito tempo que desconfio de Graham. Ele estava no módulo de transporte que me trouxe de volta à Terra. - Ele acenou com a cabeça reverentemente para baixo, do jeito que os Protetores

sempre faziam quando referenciam a Terra incidentalmente. — Aprendi muito rapidamente a não confiar nele. Eu nem mesmo acho que é sobre ele não aceitar a sabedoria da Terra. Eu *acho* que sim. Eu só acho que ele é instável e precisa...

A porta se abriu atrás de Soren. Ela inclinou a cabeça sem se virar quando sua conselheira loira entrou, puxando uma figura mole atrás dela. *Graham.*

— Ele está acordado - disse a conselheira.

Wells mordeu o lábio para evitar ofegar quando a loira puxou Graham para dentro da sala e o deixou cair no chão. Ele *estava* acordado, embora você dificilmente pudesse dizer. Sua cabeça, inchada e endurecida com sangue, pendurada contra a parede onde ela o havia deixado. Seus olhos viajaram para Wells, completamente inexpressivos, quando a mulher de cinza saiu novamente, fechando a porta atrás dela.

Soren tocou o joelho de Wells, seu doce sorriso sem nunca vacilar.

— Você estava dizendo?

Wells olhou para Graham, engolindo em seco. Graham continuou olhando, como se não tivesse energia suficiente para piscar. Apenas a ascensão e queda de seu peito disse a Wells que ele ainda estava vivo.

Wells olhou para Soren.

— Eu acho que ele está... doente. Mentalmente. Desde o momento em que pousamos, ele fez tudo o que podia para minar minha posição em nosso acampamento, por nenhuma outra razão além de rivalidade mesquinha. Ele traçou uma linha na areia em nosso primeiro dia na Terra e colocou minha vida e a vida de meus amigos em perigo a cada chance que podia ter. Então, se você está perguntando se eu estou com *ele*... - Ele contorceu o rosto em um sorriso de escárnio.

— A resposta é não.

O olhar de Graham desceu lentamente para o chão, o estômago de Wells afundando com ele. Ele tinha que ser muito cuidadoso. Se eles pensassem que ele estava aliado a Graham, qualquer esperança de escapar com seus amigos estaria perdida. Mas ele também não podia arriscar fazer um caso muito convincente de que Graham era irredimível. Ele não poderia colocar Graham em mais risco do que ele já estava.

Wells engoliu em seco.

— Sinto muito, Mãe - disse Wells, balançando a cabeça.

Seus olhos se arregalaram, um flash rápido, quase imperceptível.

— Pelo quê, Wells?

— Por habitar no passado. Era para eu ter lavado tudo no rio, eu sei disso. O que quer que tenha acontecido antes, agora acabou. - Ele olhou para ela. — Esta é minha casa agora, se a Terra assim o desejar.

— Se a Terra o desejar - ela repetiu, sua voz baixa, continuando a observá-lo.

Assim como ele estava perdendo todas as esperanças de que ela tivesse comprado aquela demonstração repentina de devoção, ela se inclinou e beijou sua testa.

— Eu acredito em você - ela disse. — E na madrugada de amanhã, estarei realizando o que chamamos de Cerimônia de Emparelhamento com você e os outros recrutas, onde oficialmente os recebemos em

nosso rebanho como Protetores.

Ela puxou uma adaga de um bolso em suas saias longas e esvoaçantes. Brilhava perigosamente na luz fraca da sala. Wells prendeu a respiração, o coração disparado, enquanto Soren passava sua lâmina ao longo da parte interna do braço de Wells, em seguida, cortou as cordas que o prendiam.

Wells soltou um longo suspiro de alívio, girando os tornozelos e os pulsos até que a sensação voltou a eles em formigamento. Embolsando sua adaga, Soren se levantou.

— Os outros vão exigir mais, é claro - ela continuou. — Meus protetores. - Soren pressionou a mão contra o coração, sorrindo indulgentemente, como se estivesse falando sobre crianças pequenas. — A própria existência de nossa comunidade exige que nossos homens sejam brutos.

É o que eles sabem e é o que respeitam. Se você quiser se juntar à nossa comunidade e ser aceito por eles, eles vão precisar de um tipo de prova *brutal* de você. É a única maneira de fazer com que eles confiem em você.

Wells sentiu sua respiração parar, gelada em seu peito.

— Leve este jovem para a floresta e mate-o - ela ordenou, sua voz leve como sempre. — Você pode fazer isso tão rápido ou tão demorado quanto quiser, mas faça bem fora de nossas paredes sagradas, por favor. Não precisamos de mais sangue derramado aqui hoje.

Não. A palavra rasgou Wells enquanto o ódio e a repulsa lutavam pelo domínio. Foi aqui que tudo terminou. Eles tinham que sair daqui. Agora. Uma segunda onda de náusea caiu sobre ele enquanto as implicações das palavras de Soren o afundavam. O que ela quis dizer com *mais sangue*? Sua mente voltou à menção que ela fizera a um visitante inesperado. Agora ele orava com todas as fibras de seu ser para que não tivesse *sido* um de seus amigos.

— Oak irá acompanhá-lo como uma testemunha de seu serviço obediente. - Soren abriu a porta e acenou para Oak, então deslizou para longe sem olhar para trás.

Oak encheu o batente da porta, duas armas agarradas em suas mãos pegajosas. Ele os mirou em Graham. Graham ficou trêmulo e saiu pela porta, como uma das ovelhas dos nascidos na Terra sendo conduzida para o pasto.

Graham olhou para Wells, mas Wells não conseguia ler nenhuma expressão através de seus olhos inchados e mandíbula machucada.

O céu estava começando a escurecer em direção ao pôr do sol. Eles caminhar am em silêncio para fora da pequena entrada frontal da Pedra, abrindo caminho pelo pátio, para a floresta além. Quando chegaram à linha de árvores, Wells jurou que podia ver algo estranho com o canto do olho, uma chama brilhante movendo-se rapidamente para o oeste, mas ele não ousou se virar por medo de dar a Oak uma desculpa para puxar o gatilho.

Cada vez que Wells pensava que eles poderiam parar - isso tinha que ser longe o suficiente - eles continuariam, o pavor apertando-o cada vez mais forte a cada passo.

Finalmente, Oak rosnou:

— Aqui - e Graham e Wells pararam de andar.

Wells se virou lentamente, os braços erguidos, então estremeceu quando Oak empurrou uma das armas em seu peito. Oak olhou para ele com expectativa, e Wells procurou uma maneira de ganhar tempo. Ele encontraria uma maneira de sair desse pesadelo. Ele tinha que encontrar.

— Posso... posso ter um momento a sós com Graham para me despedir?

Os olhos de Oak suavizaram ligeiramente.

— Tudo bem, mas eu estarei bem ali se você precisar de mim. - Ele apontou para o perímetro da Pedra, então se virou para ir embora.

Wells prendeu a respiração, seu pulso acalmando-se em uma batida fria e constante.

O que ele poderia fazer? Ele poderia matar Graham, ou recusar e ser morto ele mesmo, ou matar Oak. Não havia opção. Ele ergueu o cano da arma e apontou para as costas de Oak.

Ele fechou um olho, mirando, o dedo no gatilho e...

Duas mãos amarradas puxaram o cano para baixo novamente.

Wells se engasgou, virando-se para Graham, sussurrando:

— O que você está fazendo?

Ele lutou para libertar o rifle.

— Vamos atirar nele e correr.

Graham sorriu tristemente. Seus olhos estavam tão inchados de hematomas que Wells mal conseguia ver seus olhos.

— Você realmente acha que é tão simples? Eu mal consigo andar depois do que eles fizeram comigo. Como vamos fugir? Eles viriam atrás de nós e matariam a nós dois. Eu sou um homem morto de qualquer maneira. Mas você pode voltar lá e ajudar nosso pessoal. E se você pode derrubar esses bastardos no processo, melhor ainda.

Wells enxugou o suor da testa.

— O que você está dizendo?

— Você sabe o que estou dizendo, Jaha, não seja idiota.

— Há outra maneira... - A respiração de Wells ficou curta, frenética.

— Vou atirar na árvore.

Dar a você uma chance de correr, diga que errei.

— Eles vão matar você por errar.

— Vou cavar um buraco e dizer que enterrei você, vou...

— Eles vão querer ver um corpo, Wells, *pense!* - O sussurro de Graham se transformou em um grito. Ele sugou sua voz de volta, balançando a cabeça, seus olhos ficando distantes. — Todas aquelas coisas que você disse lá...

A boca de Wells ficou seca, embora ele mantivesse sua arma apontada para Graham para que Oak não suspeitasse.

— Graham. Eu não...

— Eles *eram* verdadeiros. - Seus olhos se ergueram para encontrar os de Wells, amplos e claros.

— Eu não sou uma boa pessoa. Eu não sou. Nunca fui, não em toda a minha vida. Mas você é. -

Graham bufou. — Acho que é o que sempre me incomodou mais em você.

— Eu... - A cabeça de Wells caiu. Graham estava errado - fazia muito tempo desde que ele se considerava uma boa pessoa por qualquer definição da palavra. Mas isso, o que eles estavam pedindo a ele para fazer, era um novo nível de monstruoso. — Eu não vou fazer isso. Eu não posso.

— Claro que você pode - Graham disse, um leve tremor em seu sussurro traindo o medo por trás dele. — Estou te dando permissão. Sua consciência está totalmente limpa.

As mãos de Wells estavam escorregadias de suor contra o metal frio da arma. Ele olhou para baixo e depois para o outro garoto. As bochechas de Graham estavam molhadas de lágrimas.

— Eu nunca disse a você o que fiz na nave, disse? - Graham perguntou, seu sussurro estalando como um sinal de rádio ruim. — Por que eles me confinaram?

Wells observou em silêncio enquanto Graham ergueu as sobrancelhas e caiu de joelhos, até que estava olhando para Wells através da escuridão, com o queixo cerrado e os olhos lacrimejando.

— Eu fiz coisas ruins, Jaha. Você nem sabe quantas coisas ruins. *Deixe-me fazer uma coisa nobre agora.* Por favor. *Por favor,* deixe-me.

Wells mal podia olhar para Graham, a testa de seu inimigo de longa data se contorceu de dor enquanto ele implorava... não por sua vida, mas por sua própria *morte*. Não havia nenhum traço aqui do sorridente e pavoneado garoto fenício que Wells conhecia. Que Graham já havia partido.

Mas valia a pena salvar *este* aqui.

— Não - disse Wells, a certeza cimentando seus músculos. — Encontraremos outra man...

A mão de Graham disparou para o gatilho de Wells antes que ele pudesse piscar. A explosão ecoou pela floresta, pelo ar, pela cabeça, coração e ossos de Wells.

Ele olhou para o barril fumegante, e depois para o local onde Graham estivera ajoelhado, e então, por último e por mais tempo, para o corpo enrugado e sem vida de Graham, seu sangue escorrendo em riachos sobre o cobertor de folhas abaixo dele.

Os pensamentos romperam a nuvem de horror em torno de Wells.

Graham poderia ter fugido. Ele poderia ter sido egoísta. Qualquer um teria em sua posição.

Ele morreu para nos salvar.

Minutos, horas, dias se passaram, Wells mal sabia ... e então uma mão ag arrou seu ombro.

Wells se encolheu, fechou os olhos e se virou para ver Oak olhando para ele com orgulho solene.

— Você aprendeu - disse o Protetor. — Muito bem, filho. Vamos para casa.

CAPÍTULO 25

Bellamy

Era incrível estar vagando pela floresta novamente. Pulando levemente sobre troncos caídos, tomando cuidado para permanecer nas sombras das árvores, Bellamy quase podia fingir que estava em outra viagem de caça. Até a presença de Luke ao lado dele parecia familiar. Quando sua perna começou a sarar, ele começou a se juntar a Bellamy em algumas de suas saídas.

Normalmente, Bellamy se ressentia de ter alguém com ele - a maioria das pessoas se movia devagar ou alto, ou sentia a necessidade de preencher o silêncio com conversas estúpidas.

Mesmo assim, Luke estava satisfeito em passar horas na floresta mal trocando uma palavra, comunicando-se apenas com um aceno estranho ou gesto de mão quando um deles avistava um alvo.

Mas ele e Luke não estavam procurando um veado para trazer de volta ao acampamento.

Eles estavam prestes a entrar furtivamente em uma fortaleza cheia de estranhos assassinos vestidos de branco e roubar suas bombas.

— Estamos chegando perto, certo? - Luke perguntou baixinho, finalmente quebrando o silêncio.

— Isso tudo parece um pouco diferente para mim no escuro.

— Sim. A entrada que Felix e eu encontramos é apenas por entre aquelas árvores. - Ele apontou para um local onde as árvores

diminuíam, revelando vislumbres de uma parede de concreto em ruínas.

À medida que se aproximavam, os dois ficavam mais quietos, até que se moviam silenciosamente pelo chão úmido da floresta coberto de folhas. Ele acenou para Luke se esconder atrás de uma das árvores mais próximas da parede, e ele fez o mesmo. Por um longo momento, eles ficaram ali, apurando os ouvidos para qualquer sinal de atividade. Mas não veio nada.

Bellamy avançou, dando alguns passos no caminho de grama que formava um estreito perímetro em torno da fortaleza de cinco lados. Ele se virou de um lado para o outro e, quando teve certeza de que a barra estava limpa, acenou para que Luke se juntasse a ele.

O ar zumbia com eletricidade que Bellamy não conseguia identificar, como se, a qualquer momento, um mar de homens vestidos de branco com cabeças raspadas pudesse sair de uma porta escondida, balas voando. No entanto, enquanto corriam ao longo da parede, nada perturbava o silêncio, exceto o som de sua própria respiração.

Alguns momentos depois, ele encontrou - o buraco no chão que levava direto para o arsenal deles, ou como diabos aqueles cretinos o chamavam. Depois que ele e Felix descobriram

na outra noite, eles cobriram o buraco com alguns detritos - tábuas e pedras que estavam espalhadas pelo campo - para evitar que a luz entrasse. Provavelmente foi por isso que nenhum dos guardas notou. Isso nunca teria escapado dos olhos de Bellamy, no entanto. Ele nunca negligenciou nenhum detalhe que pudesse sinalizar perigo. Ele não conseguiu evitar. Estava em seu DNA. É o que manteve ele e sua irmã vivos durante todos aqueles anos em que estiveram escondidos. É *por isso* que ele notou a estranha pilha de folhas, aquela que Clarke descartou.

Se ela apenas o tivesse ouvido. Se ao menos ele tivesse confiado em *si mesmo* o suficiente para fazê-la ouvir.

Gentilmente, Bellamy pegou algumas das tábuas e as empurrou para o lado. Então ele se ajoelhou e encostou o ouvido no chão. Não havia nenhum som vindo de baixo; o arsenal estava vazio. Ele desceu para o porão. Então ele piscou, tentando forçar seus olhos a se ajustar à luz fraca o mais rápido possível.

No momento em que Luke estava lutando para ficar de pé ao lado dele, as formas sombrias estavam entrando em foco. Lá estava o

carrinho que ele viu na outra noite, ainda cheio de armas. Armas, facas... e granadas.

— Está pronto? - Bellamy perguntou a Luke. Luke acenou com a cabeça solenemente.

Eles haviam planejado isso com antecedência. Havia suprimentos para um carrinho e, se trabalhassem rapidamente, poderiam levar tudo. Bellamy e Luke trouxeram sacos vazios com eles de seu acampamento e os encheram com cuidado. Em seguida, eles saíram do buraco no chão e correram silenciosamente de volta para a floresta.

Na floresta, eles esvaziaram os sacos, escondendo as armas sob os arbustos, e então correram de volta ao arsenal para buscar mais. Eles fizeram isso quatro vezes, o mais furtivamente que puderam para evitar a detecção, até que restassem apenas algumas armas.

Em sua última viagem, enquanto carregavam suas malas, um som fraco e melódico chegou até eles. Luke e Bellamy congelaram, como os cervos às vezes ficavam quando avistavam Bellamy com o arco em punho e a flecha travada no lugar. Alguém estava *cantando*.

Vamos, Luke murmurou, começando a se afastar lentamente em direção à abertura.

Mas Bellamy se sentiu puxado para o outro lado, em direção à porta de metal empenada que estava dobrada demais para fechar corretamente, a luz fluindo pelas frestas.

Silenciosamente, ele rastejou até a porta e olhou para fora.

Duas garotas com cabelos trançados e túnicas brancas caminhavam por um corredor, cantando enquanto carregavam uma grande bandeja de prata entre elas.

Quando a Terra era apenas uma feira de solteira

Uma deusa com nuvens brancas no cabelo

Ela desejou às estrelas acima

Para uma criança que ela poderia encher de amor

Suas expressões estranhamente vazias e vozes estranhamente harmoniosas causaram arrepios na espinha de Bellamy. O que diabos

estava acontecendo aqui? Mas, à medida que as meninas se aproximavam, sua inquietação transformou-se em alarme. Ele *conhecia* uma delas.

Era Lina, a garota terrestre da vila de Max. Uma das pessoas que foram levadas.

Ele desejou que ela olhasse para a porta para que ele pudesse acenar para ela. Se ele pudesse apenas chamar sua atenção, ele poderia tirá-la de lá. Mas ela continuou a olhar para frente, os olhos arregalados e desfocados.

Enquanto eles passavam, um homem baixo e carrancudo invadiu o corredor.

— Por que demorou tanto? Os Protetores estão esperando pelo jantar - ele retrucou.

A segunda garota sorriu.

— A cozinha fica longe do quartel - disse ela, sonhadora.

— Bem, tente acelerar na próxima vez.

— Se a Terra assim o desejar - disse a garota.

— Se a Terra assim o desejar - Lina ecoou.

Mas que...

Bellamy se virou, pegou sua bolsa, acenou com a cabeça para Luke e rastejou de volta pelo buraco. Quando ele se levantou, piscando ao luar, percebeu que estava tremendo.

— O que aconteceu? - Luke perguntou. — O que você viu lá?

— Eu vi Lina - disse Bellamy sem fôlego enquanto os dois corriam de volta para a segurança da floresta. — Você sabe, a garota terrestre.

Os olhos de Luke se arregalaram.

— Ela estava bem? Estava mais alguém com ela? Você viu algum sinal de Glass?

— Ela estava com outra garota que eu não reconheci, mas, Luke, há algo muito, muito estranho acontecendo lá. Eu acho... - Ele fez uma pausa, não querendo dizer as palavras em voz alta, com medo do que

isso significaria para Octavia e os outros. — Eu acho que eles sofreram uma lavagem cerebral.

Ele explicou o que tinha visto, observando a mandíbula de Luke apertar e seus olhos se estreitarem.

— Graças a Deus eles estão vivos, no entanto. Nós vamos tirá-los de lá - Luke disse calmamente.

— Custe o que custar. - Ele cerrou e abriu os punhos. — Você percebeu o layout?

— Tenho certeza de que o arsenal fica próximo ao quartel dos guardas. As meninas traziam comida da cozinha, que disseram estar longe.

— Okay... okay... isso é bom - disse Luke. — Nós sabemos em qual área atingir, se necessário. -

Ele soltou um longo suspiro, como se já o estivesse segurando há um tempo. — Devemos ir contar aos outros?

Bellamy colocou sua sacola cheia de granadas sobre o ombro. De repente, confrontar Clarke e Paul parecia uma brincadeira de criança em comparação com o que eles teriam que fazer depois.

— Vamos.

CHAPTER 26

Clarke

A floresta estava tão quieta que parecia que estava prendendo a respiração.

Fazia apenas uma hora desde que Clarke substituiu Felix e tomou seu lugar no mirante.

Mas cada minuto estava se acumulando no seguinte como um peso caindo sobre ela, cada vez mais pesado. Cooper já deveria ter voltado. Não deveria ter levado o dia inteiro para ele falar com os invasores.

Ela não queria pensar na possibilidade, mas talvez tudo tivesse dado errado.

Clarke se espreguiçou o melhor que pôde, sem se arrastar muito para fora da posição, tentando espremer a preocupação espessa de seus

membros. Não fazia sentido entrar em pânico. Ela teria apenas que esperar e torcer.

Um galho quebrou atrás dela. Clarke olhou rapidamente para trás. Não havia ninguém lá.

Ela respirou fundo, tentando acalmar o coração acelerado. Ela não estava fazendo bem a ninguém esperando aqui. Faria mais sentido ela procurar Cooper, caso ele precisasse de reforços.

O que quer que isso signifique neste caso.

Ela rastejou em direção à borda da floresta que delimitava a fortaleza, perguntando-se se deveria ignorar o formigamento na nuca. Bellamy tinha sentimentos assim e seus instintos revelaram-se corretos. Mas Clarke não era assim. Toda a sua vida consistiu em aprender a confiar em seu cérebro em vez de em seu coração. Isso é o que eles lhe ensinaram durante seu treinamento médico. Isso é o que seus pais impressionaram quando ela os confrontou sobre seus experimentos horríveis. Ela tinha que pensar em termos do “quadro geral” e do “bem maior”, mesmo quando seu instinto gritava algo muito diferente.

Ficou mais claro quando ela se aproximou da orla da floresta, e as árvores lançavam sombras longas e estranhas ao luar. Uma forma emergiu, a silhueta de uma pessoa. A respiração de Clarke ficou presa em seu peito e ela congelou, sem saber se deveria correr para uma árvore ou ficar perfeitamente imóvel.

Ela esperou. Ela não respirava.

A figura não se moveu.

Seu coração batia tão rápido que ela tinha certeza de que quem quer que estivesse lá fora poderia ouvir. Ainda assim, a figura não se moveu. Mas quem quer que seja, deve tê-la visto. Não adiantava tentar se esconder.

— Cooper - ela chamou com voz rouca. — É você? - Uma vez que o eco de sua voz desapareceu, houve apenas silêncio.

Lentamente, ela caminhou para frente.

— Cooper? - ela tentou novamente. — Você está bem?

Quando ela se aproximou, Clarke percebeu que não era Cooper. Não foi ninguém, realmente. Ela apertou os olhos, perguntando-se se seus

olhos a estavam enganando. Mas, não...

ela podia ver claramente - as roupas soltas recheadas com palha, os rudes traços humanos na cabeça da cabaça - era um espantalho, uma coisa que ela havia lido uma vez.

Normalmente, encontrar artefatos Pré-Cataclisma a enchia de emoção e admiração, mas não desta vez. Algo estava errado. Eles estavam muito longe de qualquer plantação para que este fosse um novo espantalho, e não havia nenhuma maneira de um antigo poder ter sobrevivido ao Cataclismo.

A poucos metros de distância, Clarke congelou. *Não...* ela piscou... tinha que ser um truque de luz.

— Não - ela respirou. — Não, por favor.

Não era um espantalho. Não inteiramente. Porque, embora as roupas largas estivessem de fato cheias de palha, a cabeça não era feita de uma cabaça como ela havia pensado inicialmente.

Era uma verdadeira cabeça humana.

Cooper.

Clarke gritou. Ela não conseguia parar. Seus gritos ecoaram nas árvores, enviando dois pássaros batendo asas descontroladamente.

— Ajuda! - ela gritou. — Alguém, por favor, ajude! - E então, antes que ela soubesse o que estava fazendo, um nome explodiu de sua garganta. — Bellamy!

Ela se engasgou, sua cabeça girando, mas então sua onda inicial de terror e repulsa diminuiu, e seu treinamento começou. Ela cambaleou para frente, preparando-se para o que o esperava. A cabeça de Cooper foi cortada e colocada em um espigão, no qual alguém também fixou o corpo de um espantalho - palha enfiada nas roupas de Cooper.

Seu rosto era redondo e inchado, sua pele de um azul de revirar o estômago. Mas o sangue perto da haste do pescoço ainda estava úmido. Isso tinha acontecido recentemente. Clarke examinou as sombras em busca de sinais de movimento. Ela respirou fundo e caminhou lentamente ao redor da horrível efígie, então soltou outro suspiro.

Nas costas do espantalho estavam escritas as palavras *Sirva ou morra*.

E eles foram escritos com sangue.

— Ah, merda - alguém sussurrou. Clarke se virou e viu Paul olhando para o espantalho, seu rosto branco de horror.

— Eu sei... - Clarke disse, se forçando a respirar enquanto as lágrimas começavam a cair por seu rosto.

— Devíamos procurar o corpo. Não podemos deixá-lo assim.

— O que? De jeito nenhum - disse Paul, recuando.

— Okay, tudo bem, eu vou lidar com isso mais tarde. Mas precisamos descobrir o que fazer a seguir.

Mas Paul já havia se virado e começado a correr.

— Ei! - Clarke o chamou. — Onde você está indo?

Um som de batida fez Clarke pular para o lado. Ela pegou um pedaço de pau do chão e ergueu-o acima da cabeça, pronta para esmurrar quem quer que emergisse das árvores.

— Clarke! Você está bem? Estou chegando! Clarke!

Ela largou o manche enquanto Bellamy corria para fora das sombras. Quando ele a viu, seu rosto vermelho e coberto de suor desabou de alívio e ele a puxou para um abraço apertado.

— Eu ouvi você gritar e pensei... - Suas palavras foram abafadas por um som que era meio riso, meio soluço. — Graças a Deus você está bem.

Alguns momentos depois, Luke emergiu, movendo-se com agilidade apesar de mancar, e arrastando Paul com ele.

— O que está acontecendo? - Bellamy rosnou, voltando-se para Paul.
— O que você fez com ela?

— Eu não fiz nada. *Eles* fizeram isso. - Ele gesticulou freneticamente para o espantalho.

Bellamy se virou, vendo pela primeira vez.

— Oh meu Deus - ele murmurou, dando alguns passos trêmulos para trás. — Puta merda.

— Me solta, seu idiota. — Paul gemeu enquanto tentava se livrar das garras de Luke. — Eu não tive nada a ver com isso.

— Então por que você estava fugindo? - Luke disse com os dentes cerrados, apertando seu aperto até que Paul soltou um gemido.

— Porque seria uma loucura ficar por aqui. Veja o que fizeram com Cooper! Não temos nenhuma chance nesse inferno de resgate. É hora de sair.

— Você quer abandoná-los? - Clarke disse, incapaz de manter o desdém em sua voz.

Bellamy lançou um olhar de orgulho por enfrentar Paul.

— Sim. Estamos fora de nossa maldita profundidade aqui. Meus pensamentos e orações vão para o nosso povo lá dentro, etc, etc, *mas estamos marchando para casa agora.*

— Você pode ir - disse Bellamy, envolvendo o braço em torno de Clarke. — Mas o resto de nós vai ficar. Temos trabalho a fazer.

Bellamy e Clarke caminharam um pouco atrás de Luke, que estava arrastando consigo um Paul choramingando e choramingando.

— Tem certeza de que está bem? - Bellamy perguntou, olhando para trás por cima do ombro. —

O que você viu... o que eles fizeram com Cooper...

— Estou bem - disse Clarke, embora o tremor em sua voz sugerisse o contrário. — Depois de contarmos aos outros, vou voltar e cuidar do... - Ela parou de falar antes que pudesse dizer a palavra corpo.

Bellamy apertou seu abraço.

— Eu irei com você. Faremos isso juntos. - Mesmo com seu treinamento médico, o pensamento da tarefa mórbida a deixou um pouco tonta, e Clarke se apoiou nele, sabendo que ele nunca a deixaria cair.

— Eu sinto muito - disse ela suavemente. — Não acredito que deixei Paul fazer isso com você.

Eu nunca vou me perdoar.

Bellamy não respondeu, mas também não a soltou. Quando ele

finalmente falou, sua voz era baixa e comedida.

— Eu sei que você não vai. É por isso que sinto muito pelas coisas terríveis que disse. Você carrega tanta dor com você, Clarke. E eu usei isso contra você. Eu sabia como machucar você e fui em frente. Você pode me perdoar?

Ela sabia que ele estava certo, mas ouvir a ternura em sua voz foi o suficiente para fazer aquele peso desaparecer, mesmo que apenas por um momento.

— Sim, se você puder me perdoar também.

Ele deixou escapar um longo suspiro.

— Eu realmente não tenho sido eu mesma ultimamente. Você estava certo em ser cauteloso. -

Ela parou de andar e se virou para olhar para ele. — Eu amo você por inteiro, Bellamy Blake.

Ele sorriu e beijou o topo de sua cabeça.

— Eu te amo ele sussurrou em seu cabelo.

Os outros esperavam ansiosamente por eles quando voltaram. Clarke contou a eles sobre Cooper, e então foi segurar uma Vale tremendo, que desabou em lágrimas.

— Ele não precisava vir - disse Vale entre soluços. — Ele se ofereceu porque esse é o tipo de pessoa que ele é... era...

— E com certeza vamos nos certificar de que ele não morreu em vão - disse Bellamy, caminhando até algumas sacolas perto do fogo. — Vamos resgatar nosso povo e depois vamos fazer os desgraçados pagarem. Por Cooper. Por nosso acampamento. Por Deus sabe o que mais eles destruíram e pensam que podem escapar impunes. - Ele enfiou a mão em uma das sacolas e puxou uma arma.

— Nós os pegamos do arsenal do nosso inimigo - explicou Luke a Clarke. — Nós esvaziamos a coisa toda. Carregamos o que podíamos aqui, antes de ouvirmos você gritar, e escondemos o resto na floresta. Também tive a oportunidade de ver a própria estrutura. Parece inexpugnável à distância, mas quando você se aproxima, descobre fissuras correndo ao longo das fundações, provavelmente causadas pelas explosões do Cataclismo e da erosão natural ao longo do tempo.

Bastaria uma colocação cuidadosa de até mesmo um punhado desses explosivos e as paredes externas desabariam.

Luke acenou com a cabeça para Bellamy. Ele deu um passo à frente e pegou o fio.

— Durante o caos, os invasores correrão para pegar seu arsenal - e eles o encontrarão vazio.

Alguns deles já terão armas em mãos, é claro. Vamos nos concentrar nessas pessoas, desarmá-los primeiro e, em seguida, vamos para o arsenal, onde o resto deles estará reunido em um espaço apertado.

— Patinhos - disse Felix, sorrindo fracamente.

O coração de Clarke apertou um pouco. Bellamy havia usado essas mesmas palavras quando confrontou Clarke sobre suas suspeitas antes do Banquete da Colheita. Ele deve ter sentido a dor dela, porque abaixou a arma e se aproximou para pegar a mão dela.

— Depois de neutralizados, vamos encontrar nossos amigos e levá-los para casa - continuou ele.

— Talvez a gente até leve de volta um pouco da comida e suprimentos que eles roubaram de nós na saída.

Paul bufou.

— Três problemas. Este é um inimigo sofisticado, sua fortaleza é uma armadilha mortal e... ah, sim, vocês todos vão *morrer*.

— Engraçado como *you* fica dizendo que não vai conosco - disse Jessa, apontando a arma para ele. O rosto de Paul ficou branco como osso.

— Clarke, você sabe que isso é loucura, certo? - Paul olhou para ela suplicante.

— Bem - ela disse lentamente. — É impetuoso e imprudente e um pouco impulsivo...

Bellamy começou a corar ligeiramente.

— Mas também é inteligente e corajoso. Todas as coisas que eu mais amo. - Ela sorriu para ele.

— Mostre o caminho, Conselheiro.

CAPÍTULO 27

Wells

Enquanto Wells caminhava pelos corredores da Pedra, os Protetores olharam para ele, suas cabeças girando em uma onda lenta. Mas em vez de suspeita, seus olhos brilharam com aprovação.

A notícia viajou rápido. Oak se certificou disso. A raiva pulsava nas veias de Wells.

No caminho de volta para o quartel, Oak conduziu Wells para o refeitório.

— O jantar acabou, mas Soren sabe que você perdeu sua refeição, então guardamos um pouco para você.

Wells ficou surpreso ao ver Octavia esperando por eles lá, carregando uma bandeja de prata.

— Fui enviada para trazer comida para... - Ela acenou com a cabeça na direção de Wells.

— Coma, filho - disse Oak, guiando-o até uma mesa.

Ele deu um tapinha nas costas de Wells e depois se afastou para ir falar com alguns Protetores no canto da sala, dando a Wells e Octavia um momento abençoado de solidão - outro sinal de que confiavam

nele.

— Glass me pediu para encontrar você - disse Octavia rápida e baixinho, olhando para o canto.

Ninguém estava olhando para eles. — Ela descobriu algumas coisas sobre esta Cerimônia de Emparelhamento. É ruim, Wells. Precisamos sair daqui. Odeio admitir, mas estou... estou com medo.

— Eu sei - disse Wells. — Essas pessoas são monstros. Mas olhe, eu tenho um plano. Eles vão colocar todos os recrutas juntos para a Cerimônia de Emparelhamento, certo?

Octavia acenou com a cabeça, colocando lentamente sua refeição na frente dele.

— Certo. Glass disse que estaríamos no Coração da Pedra.

— Mas nem todos os verdadeiros Protetores estarão lá - continuou Wells. — Alguns terão que estar guardando o prédio. Então, aposto que haverá mais recrutas do que Protetores presentes na cerimônia.

Octavia lançou seu olhar ao redor da sala.

— Você está dizendo... você acha que vamos superá-los em número?

Wells concordou.

— Estou apostando nisso. Se pudermos convencer todos os outros recrutas a se levantarem contra os Protetores...

— Teríamos uma chance real de sair - interrompeu Octavia, com os olhos em chamas, o rosto corado de esperança.

— Divulgue para as garotas em quem você confia. Diga-lhes para se prepararem para correr, mas certifique-se de que não suspeitem. Eu vou fazer o mesmo com os caras. Não queremos que os Protetores levistem a guarda durante a Cerimônia de Emparelhamento, queremos que eles pensem que estamos todos concordando com isso. - Ele fez uma pausa, pensando. — Avise Glass também, se puder. Quais são as novidades dos barcos? Saberemos o que fazer quando chegarmos a eles?

— Oh, acho que vamos ficar bem. Tenho praticado remo.

O queixo de Wells caiu.

— O que? *Quando*?

— Convenci o Protetor que supervisiona meu turno de lavanderia de que também precisávamos limpar os barcos, já que estavam tocando o precioso rio. Ela me colocou no serviço de limpeza de barcos desde então, e sempre que os Protetores desviam o olhar, eu pego um remo e faço isso.

Ele balançou a cabeça com um sorriso.

— Você é incrível, O.

Ela encolheu os ombros e sorriu. “Eu tenho meus momentos.” Então ela agarrou a bandeja e saiu rapidamente da sala.

Depois que Wells terminou de comer, Oak voltou para escoltá-lo até seus aposentos.

Enquanto caminhavam, o homem mais velho falava monotonamente sem parar.

— Mamãe diz que vamos criar raízes aqui - disse ele. — Mas isso não significa que nosso trabalho pare. Vamos subir e descer a costa. Pode haver outros assentamentos na área, e nós os encontraremos. Vamos construir mais fortalezas como esta até que não haja mais ninguém além de nós, se a Terra assim o desejar.

— Se a Terra assim o desejar. - O tom de Wells estava cheio de sarcasmo, mas Oak não percebeu.

O Protetor segurou o ombro de Wells quando eles dobraram a esquina.

— Você vai fazer parte disso, garoto. Você já provou a si mesmo. Você será muito útil, eu posso dizer.

— Agradeço isso, Oak - disse Wells sombriamente.

Quando chegaram ao quartel, Wells viu os dois Protetores que o arrastaram para o porão poucas horas antes para serem interrogados. Eles sorriram para ele agora, batendo em seu braço.

— Ouvimos dizer que você fez seu primeiro sacrifício esta noite - disse um deles, com as sobrancelhas erguidas.

— Louvada seja a Terra.

— Bem-vindo ao redil.

Wells forçou um “obrigado” pelos lábios cerrados. Foi isso que essas pessoas chamaram de assassinatos que cometeram? Um *sacrifício*?

Oak segurou a porta dos dormitórios aberta para Wells, então o conduziu para sua jaula.

Todos os outros caras já estavam em suas gaiolas, dormindo.

— Descanse um pouco, filho - disse Oak, prendendo-o. — No nascer do sol de amanhã, você oficialmente se tornará um Protetor - e você vai querer toda a sua energia para isso. Estaremos de volta para buscá-lo em breve.

Quando Oak saiu da sala, Wells se aninhou no tapete em sua gaiola. “Eric,” ele sussurrou para a cama ao lado dele.

Eric não respondeu. Pelo padrão constante de sua respiração pesada, estava claro que ele estava dormindo.

Um buraco se formou no estômago de Wells. Se ele não pudesse falar com os caras esta noite, ele teria que tentar chegar até todos eles pela manhã. Ele esperava que fosse o suficiente.

A porta de seus dormitórios se abriu.

— Levantem-se e brilhem, recrutas - Oak gritou alegremente. Ele caminhou para cima e para baixo na fileira de gaiolas, destrancando todas elas. — É quase amanhecer. Vistam-se e voltaremos para buscá-lo em breve. Vocês se tornarão Protetores hoje, se a Terra assim o desejar.

Enquanto Oak caminhava de volta para fora da sala, todos os caras rastejaram para fora de suas gaiolas. Wells tentou fazer contato visual com Eric e Kit, mas os dois desviaram o olhar rapidamente.

O jovem recruta que estava com ele na fazenda olhou para Wells.

— Ouvimos dizer que você matou Graham.

Então era por isso que seus olhos estavam todos fechados. Eles não tinham certeza se podiam confiar nele.

— Eu não o matei - Wells respondeu sem rodeios. — Graham se matou

para salvar o resto de nós. - Ele prendeu a respiração quando uma onda de murmúrios passou pela sala lotada.

Wells avançou.

— Tudo que Graham queria era voltar para casa e para seu povo, mas ele morreu como um *herói*.

Com os ombros tensos como a corda do arco, Wells observou os cerca de uma dúzia de recrutas que não eram de seu acampamento, verificando cada uma de suas reações. Eles estavam trocando olhares nervosos, mas por trás daquela resposta automática, Wells podia ver a vulnerabilidade.

Ele podia vê-los começando a ter esperança.

Ele caminhou até o jovem recruta da fazenda.

— Qual o seu nome? - Wells perguntou.

— Cob - disse o menino, os olhos arregalados de apreensão.

— Cob - repetiu Wells, sorrindo. — É um prazer conhecê-lo. Eu sou Wells. De onde você é, Cob?

A sala deu um suspiro disperso com a pergunta. Wells sabia que a questão era tabu; eles deveriam ter lavado seu passado no rio.

— Eu sou de... sou *daqui* - Cob gaguejou. — Eu sou da Pedra.

Wells balançou a cabeça, paciente.

— Antes disso.

Cob empalideceu, mas respirou fundo.

— Eu sou... das montanhas.

— Conte-me sobre isso.

— É um pequeno... - Sua cabeça afundou. — *Era* uma pequena aldeia em um vale de montanha, a uma semana de viagem daqui. Os Protetores nos encontraram e me recrutaram enquanto faziam seu caminho para a Pedra. Criamos ovelhas e cabras. Minha mãe trabalhou a lã e meu pa... meu pa... - Sua voz diminuiu, sufocada pelas memórias de tudo o que ele havia perdido. Ele balançou a cabeça, seus olhos se enchendo de lágrimas.

Wells pôs a mão no ombro e desceu a fileira até um recruta corpulento um pouco mais velho do que os outros.

— E você?

— Nós lavamos tudo isso no rio - o recruta disse bruscamente, sua expressão fechada.

Wells acenou com a cabeça, considerando. Ou esse cara era um verdadeiro crente ou ele pensou que isso era um teste. Havia muito medo percorrendo a sala, Wells praticamente podia sentir. O recruta mais velho o observava com desconfiança.

— Minha casa - disse Wells, elevando a voz — fica alguns dias a oeste daqui. É um acampamento que cem de nós construímos com nossas mãos, nosso suor e nosso sangue após uma queda forçada no planeta. Nós lutamos muito para fazer um lar lá... e eu serei *amaldiçoado* se vou lavar a memória disso, só porque um bando de assassinos me disse '*a Terra assim o quer*'. - Ele ergueu as mãos para fazer aspas no ar, recompensado pelo som de algumas risadas hesitantes.

— Acordo todas as manhãs pensando que estou lá - continuou Wells, com o coração batendo forte. — E quando me lembro do que aconteceu com o lugar que amo, as pessoas que amo, a única coisa que pode me tirar disso - ele apontou para sua jaula vazia — é a *vingança*.

Vários dos homens estavam assentindo agora. Eric olhou para Kit, seus olhos brilhando com uma esperança silenciosa.

— Suas mentes são suas - disse Wells, sua voz aumentando enquanto ele andava para cima e para baixo na fileira. — Mas eu vou te dizer o que eu acho. Acho que aquele rio não levou *nada* embora. Acho que vocês ainda estão aí, todos vocês, fortes e zangados como sempre. - Ele apontou para a porta fechada. — Eu não sei se eles são mais humanos. Mas *nós* somos. Nossas memórias são importantes. Nossas casas são importantes. Nosso pessoal é importante.

Os homens se levantaram agora, um após o outro, seus rostos brilhantes como tochas, queimando de raiva.

— Acho que não vou viver nem mais um segundo como um deles - gritou Wells, os outros rugindo em concordância. — Quando eles nos levarem para o Coração da Pedra, nós lutaremos de volta.

Nosso cativo termina hoje. *Quem está...?*

Um estrondo colossal e ensurdecedor ecoou pelas paredes, pelo chão, em seus próprios ossos. Wells tombou para o lado. O gesso caiu do teto. O resto dos rebeldes se levantou lentamente de onde haviam caído, recuperando o equilíbrio enquanto olhavam freneticamente ao redor.

— O que está acontecendo? - Eric gritou.

Alguém está derrubando as malditas paredes, pensou Wells, mas antes que pudesse expressar essa teoria, veio outro estrondo, este mais perto. Parecia que as paredes ao redor deles iam desmoronar. Wells lutou para subir e cambaleou até a porta.

— Vamos embora! - ele gritou para os outros, esperando para acená-los através da porta.

— Onde estamos indo? - perguntou Cob, agarrando o braço de Wells ao passar.

Outra explosão abalou o chão, o som de gritos juntando-se ao barulho estrondoso, tão alto que Wells teve que gritar para ser ouvido.

— Casa soa como, para você? - ele gritou.

Cob lançou-lhe um sorriso selvagem.

— Parece perfeito!

CAPÍTULO 28

Glass

Era a hora mais escura antes do nascer do sol e estava prestes a acontecer.

A cerimônia de emparelhamento.

Margot havia sacudido Glass alguns minutos antes e a instruído a ir buscar as outras recrutas. Para conduzi-los aos seus destinos. Os joelhos de Glass tremeram quando ela saiu da cama e puxou o vestido branco, prendendo o cabelo para trás.

Isso não deveria estar acontecendo. Wells deveria ter descoberto um plano de fuga agora.

Seria possível que Octavia não tivesse conseguido encontrá-lo? Ou

talvez seus amigos tenham partido sem ela. Seu estômago parecia pesado, cheio de pavor.

Meio atordoada, Glass se moveu pelos corredores escuros da Pedra, Margot atrás dela.

Quando chegaram ao covil das mulheres, Margot destrancou a porta. Glass entrou com as mãos tremendo.

Todas as meninas já estavam acordadas, sentadas em seus colchonetes, arrumadas para a Cerimônia. Glass chamou a atenção de Octavia, mas ela manteve o rosto treinado, sem revelar nada.

— Está na hora - Glass disse a elas.

As meninas passaram por ela e saíram pela porta, Octavia apertando rapidamente suas mãos.

Margot liderava a linha de frente, Glass seguindo na retaguarda. Ela manteve o passo firme, mas seus olhos dispararam por toda parte - o beco em ruínas à esquerda, o caminho irregular passando por um monte de entulho à direita, procurando freneticamente por uma maneira de sair daqui, longe disso.

Não era tarde demais. Em vez de continuar a caminhar até o Coração da Pedra, ela poderia agarrar seus amigos e levá-los na direção oposta. Ela poderia mantê-los indo até que eles alcançassem os portões externos. Mas e daí?

Eles poderiam lutar para passar pelos Protetores postados em cada saída? E mesmo se eles conseguissem escapar, ela era forte o suficiente para ter certeza de que todos poderiam escapar e sobreviver lá, com o inverno se aproximando e Deus sabe que outros perigos estavam à espreita?

Glass parou de andar, fechando os olhos. Ela respirou fundo, pronta para alertar as jovens vestidas de branco sobre o que estava por vir. Mas antes que ela pudesse falar uma única palavra,

Octavia correu de volta para ela e agarrou seu braço, seus olhos brilhando em um aviso.

Bem à frente, na frente da fila, Margot estava alheia.

— Ainda não - Octavia sussurrou no ouvido de Glass. — Wells tem um plano. Isso vai acontecer em breve. Só precisamos estar prontas para

correr.

Octavia avançou furtivamente para ocupar seu lugar na fila organizada. Atordoadas, Glass examinou o restante delas e viu uma linha sombria em suas bocas, um brilho de medo, mas de aço, em seus olhos. Todas elas sabiam.

Glass piscou para Octavia. Octavia acenou com a cabeça uma vez, depois ergueu o queixo e olhou fixamente para a frente.

Avante, então.

Glass as manteve em movimento, seu próprio coração batendo forte em seu peito, até o Coração da Pedra.

Foi apenas quando elas entraram que seu passo vacilou. Não podia ser isso. Ela deve ter feito uma curva errada. Glass já conhecia cada centímetro deste lugar, mapeado em sua mente como se estivesse gravado ali permanentemente, então ela tinha certeza de que os havia levado ao lugar certo. Mas não... isso era impossível.

No centro do pomar havia uma construção grotesca: um mirante cuidadosamente erguido feito de ossos - ossos *humanos*. E nele estava a Alta Protetora, parecendo beatífica, como uma sacerdotisa esperando para abençoar seu rebanho.

Olhando para a fila de garotas, os olhos de Soren pousaram em Glass e ela deu aquele sorriso amoroso, aquele que antes fazia Glass se sentir quente, como se ela pertencesse, como se ela fosse especial. Mas agora Glass viu a verdade por trás daquele sorriso: sua natureza doce e maternal escondia o fato de que ela estava fazendo uma lavagem cerebral em todo o seu povo.

Convencê-los com sua gentileza de que algo tão terrível como esta Cerimônia de Emparelhamento era bom e natural.

Glass se virou, procurando desesperadamente por Wells, enquanto Soren começava a falar. Até agora, apenas as recrutas femininas foram trazidas para o Coração da Pedra.

— Minhas crianças. Bem-vindas. Hoje, estou sobre ossos que uma vez foram enterrados na Terra, ossos de tomadores egoístas cuja ganância trouxe o Cataclisma. Como Protetores, é nosso dever tirar poluentes como este de nossa amada Terra. A Cerimônia de Emparelhamento é a nossa promessa para a Terra, então a realizamos de pé sobre esses ossos como um lembrete de que formamos uma sociedade melhor e

mais cuidadosa. Como a Terra trouxe você até nós, agora devemos retribuir à Terra, plantando sementes que irão...

Glass mal conseguia ouvi-la com as batidas de seu próprio coração. Ela olhou para a direita para ver Octavia empoleirada na ponta dos pés, pronta para correr.

Glass fechou os olhos, imaginando a melhor maneira de sair daqui. Oeste e depois sul e depois direto pelo beco estreito e irregular para os campos... ela só precisava esperar pelo... Um grande estrondo estrondoso abafou os pensamentos de Glass e a fala de Soren.

No momento em que Glass abriu os olhos novamente, o chão estava balançando sob seus pés. Ela sabia muito bem o que era. Uma explosão... do tipo que destruiu tudo em seu caminho.

Assim como as explosões que abalaram seu acampamento.

Mas desta vez, a julgar pelos olhares nos rostos dos Protetores, não foram eles que jogaram as bombas.

Uma segunda explosão aconteceu; ambos vieram das paredes externas da Pedra. Com base na forma como o solo estava tremendo, porém, toda a integridade estrutural do composto estava sendo comprometida. E o chão não era a única coisa tremendo - o gazebo começou a balançar, ossos caindo para fora dele.

— Voltam! - Glass gritou, empurrando as meninas em direção à saída do pátio.

Soren pareceu atordoado por um momento; então sua cabeça girou em torno de seus conselheiros.

— Encontrem os homens e vão para o arsenal!

Sem piscar, as mulheres de cinza giraram nos calcanhares e correram para fora do pátio como ela ordenou.

Soren começou a fazer seu caminho para fora do gazebo, mas quando ela veio em direção a eles, o chão de osso do gazebo mudou e uma de suas pernas caiu através dele. Ela olhou para cima e estendeu a mão na direção de Glass.

— Me ajude... rápido!

Glass se virou para as outras garotas e falou rapidamente.

— Corram para o oeste, em direção à água. Pegue os becos, essas paredes são mais grossas, menos propensas a cair.

— Glass! Soren chamou.

— Vão - disse Glass para os outros, ignorando a pergunta confusa nos olhos de Octavia e Anna...

por que ela não estava vindo também? Então ela se virou para Soren, cuja mão estava estendida, pedindo ajuda, assim como outra explosão parecia inclinar o próprio planeta para fora de seu eixo.

Este era demais para o gazebo suportar. Todo o gigante se inclinou para frente, para trás e para frente novamente, caindo, esmagando tudo em seu caminho.

Incluindo Soren.

Uma nuvem de poeira saiu de todas as direções. Glass tossiu, cobrindo os olhos ao ouvir as garotas atrás dela correndo, gritando instruções umas para as outras. Ela cambaleou para frente, apertando os olhos para ver através do ar arenoso.

Enquanto a poeira ia embora, Glass viu uma figura ainda lá, olhos abertos e mão estendida para alcançá-la.

A Alta Protetora estava presa sob o que restava do mirante, agora não mais do que uma pilha de ossos.

— Tire-me daqui - disse Soren, sua voz não mais remotamente calma.
— Glass, você tem que me ajudar.

Glass se aproximou, seus olhos vagando para a parede mais próxima. Uma viga de suporte de metal maciço havia se soltado no tremor da última explosão. Ele oscilou para longe da parede perigosamente. Bastaria uma rajada de vento e ela desabaria sobre os dois.

— Não olhe para isso, olhe para mim - disse Soren, esforçando-se tanto por seu tom antigo, doce e reconfortante que o som fez Glass cambalear para trás, repelida. A mulher mais velha sorriu, seus olhos como adagas.

Glass olhou para a enorme viga de metal, oscilando descontroladamente. Por uma fração de segundo, ela se imaginou mergulhando para frente, cavando Soren, empurrando-a para fora do caminho enquanto a viga caía. Então ela imaginou outra coisa. A

imagem da mãe de Glass pulando na frente dela, implorando para que a vida de Glass fosse poupada. Morrendo de vontade de realizar esse desejo.

— Minha querida filha, estou implorando - disse Soren.

— Eu não sou sua filha - disse Glass, balançando a cabeça em desgosto. — Nenhum de nós é.

A boca de Soren se contraiu, todo calor evaporando como uma miragem ao sol do deserto. Glass recuou mais alguns metros.

— Você nunca teve mãe, não é? Está sozinha? - Soren fechou os olhos, sem responder.

Outro passo distante.

— Bem, *eu* tive uma mãe uma vez. Você sabe o que elas fazem lá no mundo real? Elas protegem seus filhos. - Glass sentiu todas as emoções se esvaindo dela, lembrando-se de seu acampamento, de sua aldeia, da carroça que a arrastou, sala após sala deste inferno cheio de prisioneiros enlutados, e *tudo* isso se repetia continuamente, infligido geração após geração. —

Você faz o oposto, Soren. Você manipula seu povo para matar qualquer coisa em seu caminho.

Você faz o oposto de proteger seus filhos - você os oferece nesta cerimônia horrível. Você não é mãe. - Ela encolheu os ombros. — Apenas um parasita.

Quando outra explosão sacudiu as paredes orientais, o solo tremeu sob os pés de Glass.

— Eu vou morrer se você me deixar aqui! - Soren gritou, sua voz diminuindo para nada.

Glass reprimiu uma onda de lágrimas, lutando contra a vontade de voltar.

— Só se a Terra assim o desejar - disse ela.

Para o oeste pelos becos, pensou Glass, começando a se afastar. Vá para os campos e continue correndo, continue correndo, continue correndo.

Um grande gemido estridente soou atrás dela. A viga estava finalmente cedendo.

Glass ouviu Soren gritar.

Seu coração se partiu, apesar de tudo. Mas ela continuou correndo.

CAPÍTULO 29

Clarke

Clarke prendeu a respiração, assistindo a última granada explodir ao longo da enorme parede externa, um luz laranja brilhante queimando seus olhos. O som disso a fez estremecer, assim como as últimas três detonações.

Ao lado dela, Bellamy soltou um bufo exultante, enquanto Luke balançou sobre os calcanhares, sorrindo de alívio. Quatro explosivos. Quatro detonações bem-sucedidas. Agora tudo o que faltava fazer era invadir.

Clarke enfiou a cabeça acima dos escombros, observando as silhuetas de Felix, Jessa e Vale correndo para o buraco que suas bombas haviam escavado na parede externa do complexo.

Paul tinha ficado para trás em seu acampamento como o covarde que era.

Luke começou a se levantar, mas Bellamy ergueu a mão.

— Espere pelo sinal de Felix de que a barra está limpa.

Clarke agarrou os blocos de concreto em ruínas à sua frente, olhando sem piscar para o local onde os outros haviam acabado de desaparecer. Ela respirou ansiosamente, ouvindo o ricochetear de novos tiros subindo acima do gemido do prédio e do rugido das chamas.

Por favor, que sejamos nós atirando, ela rezou, os dedos apertando relutantemente em torno de sua própria arma em preparação.

Felix apareceu à distância, acenando com uma tocha acesa acima de sua cabeça. Ele olhou para trás e rapidamente voltou para dentro.

Bellamy sibilou:

— Pronto. Vamos embora.

Eles correram pela pilha de escombros onde se protegeram. Clarke

correu até seus pulmões queimarem, cobrindo o rosto com o braço enquanto se aproximavam das nuvens de fumaça das explosões. Ela tentou não olhar para o prédio, de alguma forma ainda mais aterrorizante para um gigante agora que estava visivelmente desmoronando. Eles precisariam entrar e sair rápido ou seriam destruídos junto com o resto.

Ela engatilhou a arma e caminhou para dentro, o sangue bombeando forte, os olhos disparando em todas as direções. Bellamy assumiu a liderança, enquanto Luke forneceu cobertura lateral, todos eles atordoados com a visão do lugar. Era como uma cidade murada bombardeada. Clarke não tinha certeza de quanto dano era de suas granadas e quanto tinha

acontecido há muito tempo. Mas o plano de Luke para minar os alicerces das paredes estava funcionando melhor do que qualquer um poderia ter sonhado. Muito bem, na verdade.

As paredes estavam dobrando, grandes pedaços caindo de cima, a coisa toda soltando um profundo gemido metálico.

— Vocês vão encontrar os outros, antes que essa coisa toda desmorone! - Clarke disse, apontando na direção oposta. — Vou encontrar Felix, Jessa e Vale e irei para o arsenal com eles.

Luke começou rapidamente, sem dúvida pensando na presença de Glass em algum lugar do prédio, mas Bellamy hesitou por um momento de dor antes de se virar para se juntar a ele.

Clarke se preparou e se virou, a arma erguida, no momento em que uma multidão vestida de branco dobrou a esquina da estrada cheia de destroços e correu em sua direção. Clarke ergueu a arma, mirando no mais alto deles. Mas então um dos invasores se virou... e Clarke quase deixou cair a arma em estado de choque.

Era Wells.

Ele parecia tão atordoadado ao vê-la, mas se recuperou rápido e cobriu o espaço entre eles em cinco passadas rápidas, puxando-a para um abraço rápido.

— Você está bem! - disse ela, afastando-se para olhar aliviado para ele.

— Eu estou - respondeu ele, enxugando o suor da testa.

— Eric? - ela perguntou.

Ele apontou atrás dele para o mais alto que ela quase atirou.

— Ele está bem.

— Graham?

Wells balançou a cabeça, a dor faiscando em seus olhos.

Clarke olhou por cima do ombro para o grupo de invasores atrás dele.

— São eles...?

— Eles estão conosco - disse Wells. — Ou eles querem estar. Eu posso explicar tudo.

Um estrondo soou de cima. Clarke olhou para cima para ver uma rachadura espessa rastejando na face da parede. Ela agarrou o cotovelo de Wells e puxou-o para longe.

— Explique lá fora - Clarke gritou por cima do barulho. — Precisamos sair daqui antes que tudo desmorone.

Eles correram para fora através do buraco que suas granadas haviam feito. À medida que colocavam distância entre eles e as paredes em ruínas, Wells contou a Clarke como ele havia reunido os outros recrutas - eles estavam preparados para se revoltar em algum tipo de reunião em massa esta manhã, mas então a primeira granada explodiu e tudo o inferno começou.

— Qual era o plano? - ele perguntou a ela enquanto eles se viravam e assistiam a entrada da Pedra desabar. — Vocês iam explodir a estrutura conosco lá dentro?

Clarke estremeceu.

— Não, era apenas para derrubar as paredes externas. Só queríamos entrar para que pudéssemos resgatar todos vocês. Mas não previmos quanto dano já havia ocorrido nas fundações.

Wells olhou de volta para o prédio, o rosto sombrio.

— Nocauteamos as pessoas que nos protegiam e conseguimos escapar, mas as meninas ainda estão lá. Acho que o resto dos Protetores dirigiu-se ao arsenal. Eles não vão desistir deste lugar facilmente, Clarke. Precisamos estar preparados para uma luta Clarke sorriu.

— Oh, nós vamos. Se eles estão indo para o arsenal, eles terão uma surpresa desagradável.

Ela correu até o perímetro da floresta, Wells seguindo atrás dela. Lá, escondidas sob o mato, estavam todas as armas que eles roubaram.

Os olhos de Wells se arregalaram; então ele gritou para todos os outros caras virem. Um por um, cada um pegou uma arma e se armou. Se os Protetores quisessem uma luta, eles estariam prontos para eles.

Wells olhou de volta para a fortaleza, seus olhos determinados.

— Precisamos ajudar as meninas a sair de lá. Vamos dar a volta para o lado oeste do prédio - há uma entrada lá. Se ainda estiver vigiado, podemos lutar para entrar.

Clarke reprimiu um sorriso. Os Wells que ela conhecia - o líder confiante - estavam finalmente de volta.

— Lidere o caminho.

Eles se aproximaram do prédio pelo lado oeste e tudo estava estranhamente silencioso.

Os guardas abandonaram esta entrada. Wells lançou um olhar de advertência a Clarke e disparou à frente para se certificar de que a costa estava limpa. Então ele acenou para ela e os outros homens entrarem no prédio.

— Qual caminho? - ela perguntou a ele, olhando ao redor dos corredores escuros. Não houve nenhum dano neste lado do edifício ainda, mas à distância, Clarke ouviu as paredes continuando a cair. Eles não teriam muito tempo.

— As garotas provavelmente estavam no Coração da Pedra, então... - Wells olhou ao redor e acenou com a cabeça para a esquerda. — Por aqui.

Mas antes que pudessem entrar muito mais no prédio, eles ouviram o estrondo de uma multidão que vinha em sua direção. Clarke e os demais firmaram suas armas, esperando pelos invasores.

Para sua surpresa, a multidão que se aproximava era composta de

meninas, todas elas vestidas com vestidos brancos até os tornozelos, com os cabelos soltos voando sobre os ombros.

— Clarke! - uma delas gritou.

Clarke piscou, tonta, e deixou a linha de frente começar a passar por ela.

— *Octavia?*

E lá estava ela, os olhos brilhantes como sempre. Um soluço de gratidão cresceu na garganta de Clarke. Ela abriu bem os braços e Octavia pulou para eles, envolvendo-a em um abraço frenético. Essas meninas não precisavam ser salvas - elas já estavam se salvando.

— Foram vocês? - Octavia perguntou, inclinando a cabeça para o leste. Ela se moveu para dar um abraço rápido em Wells.

Clarke acenou com a cabeça.

Uma garota de cabelo encaracolado parada ao lado de Octavia olhou para cima com admiração, sorrindo.

— Fodões.

— Clarke, Anna, Anna, Clarke... - Octavia acenou com a mão no ar. — Que tal pularmos o resto das apresentações até depois de escaparmos?

— Bom plano - Clarke disse, começando a correr ao lado deles. — Onde está o Glass?

— Eu não sei - disse Octavia, sua respiração ficando cada vez mais irregular enquanto corriam.

— Mas ela conhece o plano. Nós a encontraremos.

Wells conduziu todos de volta para a saída, mas antes que pudessem chegar lá, Clarke se sentiu puxada violentamente para trás. Seu pulso disparou direto para o terror agudo.

Ela foi puxada para o chão. Uma mulher loira em um vestido cinza estava acima dela, seus olhos cheios de uma raiva desumana. A mulher estava segurando uma adaga no alto... e mirando-a direto no pescoço de Clarke.

Um punho acertou o rosto do atacante. A mulher soltou um suspiro, sua cabeça batendo contra a parede rochosa, o resto dela caindo no

chão com ela. Clarke ergueu os olhos para ver Octavia estremecendo, segurando a própria mão ensanguentada.

Anna sorriu.

— Ela está esperando para fazer isso há *muito* tempo.

— Essa mulher é uma de suas líderes? - Clarke perguntou, cambaleando em pé. — Talvez devêssemos levá-la - usá-la para negociar...

— Uma trégua? - Wells fornecido sombriamente.

— Por que não? - Clarke limpou a sujeira de sua bochecha. — Eles não têm mais armas. Nós temos toda a vantagem - Clarke disse, seus olhos ainda fixos em Wells.

— Tudo bem - disse Wells. — Vamos levá-la.

Eles deram mais dez passos em direção à saída quando um som os fez parar no meio do caminho... um grito gutural e animalesco feito por muitas vozes.

Dois segundos atordoados depois, um grupo de figuras familiares - Bellamy, Luke, Felix, Jessa e Vale - irrompeu na esquina. Seus amigos correram em direção a eles, braços e pernas bombeando descontroladamente. Os olhos de Bellamy se arregalaram ao ver Clarke e, em seguida, inundaram de alívio quando pousaram em Octavia, mas então se estreitaram quando ele gritou uma única palavra.

— *Corram!*

Clarke se virou e fugiu com a multidão. Lá fora, o sol estava nascendo, ardente, no horizonte. E atrás deles, o edifício espelhava as cores, envolto em chamas reais. A multidão de fugitivos continuou correndo até que avistaram um movimento ondulante ao longe. Água. Eles chegaram ao rio.

Recuando até ficar ombro a ombro com Bellamy, Clarke se virou e voltou a colocar a arma, preparando-se para uma última resistência. Uma multidão de invasores saiu rugindo do prédio.

Era isso.

Não havia dúvida desta vez - essas pessoas eram seus inimigos. Clarke

ficou na linha de frente enquanto uma multidão de homens vestidos de branco, alguns armados com armas,

outros com paus e pedras, avançava a toda velocidade. Eles eram liderados por um trio de mulheres em vestidos cinza. O que lembrou Clarke...

Ela agarrou a mulher cinza que a atacou no corredor e deu um passo à frente, pressionando a arma na cabeça da mulher.

— Parem - Clarke gritou para os invasores que se aproximavam. — Ou eu atiro nela.

Os invasores pararam, as mulheres na frente parecendo com os olhos arregalados.

— Nós temos suas armas - continuou Clarke. — Nós temos seus cativos. Nosso povo. Seu prédio está destruído. Você está em menor número e não pode vencer. Mas isso não precisa terminar em violência. Saiam. Deixem esta área e nos deixem em paz, e nunca, jamais voltem.

Todas as pessoas atrás dela assistiram em silêncio enquanto seus perseguidores abaixavam suas armas e largavam suas pedras, seus rostos caindo frouxos. Eles pareciam . .

derrotados.

Mas então uma das mulheres de cinza deu um passo à frente, com os olhos brilhando.

— Não. Soren declarou que esta é nossa casa. Ela disse que a Terra assim o desejou. Não iremos embora a menos que Soren diga isso.

Antes que Clarke pudesse responder, Anna disse:

— Oh Deus - e apontou para além do ombro.

Uma figura solitária vestida de branco estava rastejando por uma janela quebrada atrás deles, chamas lambendo suas costas.

— Essa é Glass? - Clarke perguntou, apertando os olhos.

Todos - invasores, salvadores e cativos - se viraram para observá-la se aproximar. Glass tropeçou mais perto, suja e desafiadora.

— Soren... está morta - gritou Glass.

CAPÍTULO 30

Glass

Ainda se recuperando do último grito assustador de Soren, Glass estremeceu enquanto caminhava em direção a seus amigos.

Ao longo de toda a borda do prédio em ruínas, os Protetores estavam recuando, largando suas pedras e gravetos, até mesmo suas armas, com um brilho confuso nos olhos. Os guerreiros pareciam de repente completamente perdidos, impotentes para fazer qualquer coisa.

Sem Soren, eles não eram nada.

E Glass e seus amigos estavam seguros. Eles estavam livres.

Uma rajada de vento quente soprou repentinamente da direção da Pedra. Glass imaginou as chamas devorando tudo e todos em seu caminho, começando com o espaço que costumava ser um pomar... Então ela respirou fundo e forçou os olhos para longe, virando-se para olhar para o lado leste do rio. O amanhecer estava raiando, o amplo sol laranja brilhante o suficiente para extinguir todas as imagens da fortaleza em chamas da mente de Glass.

Ela piscou algumas vezes enquanto seus olhos se ajustavam, transformando uma silhueta sombria em um jovem alto... alguém impossivelmente, dolorosamente familiar.

O queixo de Glass caiu.

Ele sorriu e um soluço se alojou na garganta de Glass. Ela tocou o próprio rosto primeiro para se certificar de que isso estava acontecendo na vida real... que ela estava realmente viva e consciente e, na verdade, realmente vendo-o parado na sua frente ... Então ela estendeu a mão e tocou seu rosto com a ponta dos dedos, com cuidado, como se ele fosse quebrar.

Ele não era uma alucinação. Ele estava sólido, seu pulso batia constantemente, sua respiração um pouco instável enquanto ela corria as mãos ao longo de seus lábios, pescoço, peito.

Então, e só então, ela ousou dizer:

— *Luke.*

Seus olhos se encheram de lágrimas ao ouvir o nome e ainda mais ao ver seu sorriso em resposta. Ela deslizou os braços ao redor do pescoço dele e o beijou, e quando o beijo se

aprofundou, todo o medo desapareceu, substituído por admiração e gratidão ardente e consumidora.

— Você está gelada - disse ele, enquanto ela pensava em como ele era quente. Ele se afastou, a testa franzida. — Você está bem?

Glass soltou uma risada atordoada.

— Perfeitamente.

— Okay, pessoal - gritou uma voz masculina confiante. Era Paul, um dos guardas do acampamento. — Parece que o fogo pode se espalhar, então devemos caminhar ao longo do rio para estarmos seguros.

Luke zombou e balançou a cabeça, trocando olhares perplexos com Bellamy.

— Esse cara é inacreditável."

Clarke soltou uma risada curta.

— Infelizmente, ele está certo. Vamos?

Eles fizeram uma procissão silenciosa, considerando quantos deles eram, mas o ar em torno de todo o grupo estava carregado de alívio e esperança.

Luke olhou ao redor com os olhos arregalados.

— De onde todas essas pessoas *vieram*?

— Tudo foi destruído - disse Glass, seu olhar pousando de volta em Anna e Octavia, caminhando junto com várias outras garotas dos dormitórios. — Alguns foram tirados de suas casas, como nós, e arrastados para cá. Alguns são colonos de um módulo de transporte que saiu do curso e bateu.

— O que? - A cabeça de Luke girou. — Alguém que você conhece? - Ela sabia que ele estava pensando em todos os amigos que deixou para trás em Walden para acompanhar Glass à Terra.

— Não, mas ainda não tive a chance de conhecer todo mundo.

Ele girou a cabeça de um lado para o outro, então soltou um suspiro silencioso quando não viu ninguém que reconheceu.

Eles caminharam em silêncio ao redor da curva da curva do rio. Enquanto eles iam, eles viram um último Protetor olhando para eles com olhos vazios.

À frente dela, Wells estremeceu até parar.

— Você o conhece? - Perguntou Glass.

Wells concordou.

— Ele era meu treinador. Oak.

Depois de um longo momento, Oak se virou e mancou de volta para a Pedra.

— Eles vão se reagrupar - disse Luke, com a voz firme. — Devemos esperar uma escaramuça assim que voltarmos para o oeste...

— Eu duvido - Glass interrompeu baixinho. — Eles não têm mais ninguém comandando-os. Eles vão demorar mais do que algumas horas para descobrir como começar a pensar por si mesmos.

Eles terão que encontrar o caminho de volta para outros grupos de Protetores, e não há nenhum outro assentamento perto daqui, pelo menos não pelo que eu reuni. Não acho que teremos que nos preocupar com eles novamente. - Ela fez uma pausa, pensando em tudo que eles tinham acabado de experimentar. — As explosões. Eram vocês?

Luke sorriu. Então sua sobranalha franziu.

— Não foi meu trabalho mais legal. Tínhamos apenas uma hora para plantar os explosivos e nunca tive uma visão clara das fundações...

— Você salvou todas essas pessoas, Luke - Glass disse, apertando seu braço.

— Estou feliz. Mas honestamente...? - Ele a puxou para mais perto. — Havia apenas uma pessoa que eu estava pensando em salvar. Eu não esperava que isso causasse tanto dano, Glass. Se você não tivesse saído de lá bem... Eu não sei o que eu teria feito.

— Não pense nisso - disse Glass rapidamente, tirando uma mecha de cabelo cacheado dos olhos.

— Você fez o que tinha que fazer. Agora apenas... olhe para a frente.

O olhar de Luke estava distante enquanto sua mente trabalhava. O coração de Glass inchou com o olhar familiar. Era tão bom estar de volta ao seu lado.

— Vamos seguir em direção à floresta na próxima curva do rio e montar um acampamento com um perímetro bem guardado. Acenda uma fogueira, aqueça essas pessoas.

Glass sorriu em aprovação, mas Luke ainda estava pensando.

— E então podemos ir para o oeste, de volta ao nosso acampamento amanhã. - Ele balançou a cabeça, seus olhos pousando nos dela. — Mas e o resto deles?

— Eles vão voltar para suas próprias casas, eu acho. Ou encontrar um novo lugar para chamar assim. - Ela pegou a mão dele e a levou aos lábios. — Você deu a eles essa chance."

Luke acenou para Wells, mais à frente, e Wells acenou com a cabeça rapidamente, virando para o oeste.

Quando chegaram à curva, Glass percebeu que não tinha uma imagem clara do que eles estavam indo para casa. Tinha sido destruído completamente ou seu povo havia lutado? De qualquer maneira, haveria alguma reconstrução pela frente. E ela faria o que pudesse para ajudar. Ela faria deste mundo sua casa.

Glass parou na margem do rio e olhou para o céu da manhã, procurando em vão por um minúsculo ponto de luz, o lugar onde costumavam viver.

Obrigada, ela gritou silenciosamente, seus olhos borrando e transbordando. *Eu consegui, mãe. Ainda estou aqui. Eu ainda existo. E eu nunca vou parar de agradecer.*

CAPÍTULO 31

Bellamy

Eles precisavam cortar lenha para a fogueira e caçar o jantar para alimentar seus amigos e novos aliados, mas, no que dizia respeito a Bellamy, tudo isso podia esperar - porque sua irmã estava lhe contando sobre sua namorada.

— Ela é de Walden, talvez você a conhecesse. Eu não sabia, mas parece que nos conhecemos, tipo, desde sempre... - Octavia corou até quase a cor de sua fita de cabelo. — Ela é ridiculamente engraçada. Quero dizer, mesmo com tudo o que estava acontecendo, ela sempre poderia encontrar algo para me fazer rir...

Bellamy não conseguia parar de sorrir, e não era apenas por causa do entusiasmo de Octavia. Era o simples fato de que ela estava aqui, parada na frente dele, sã e salva e agindo como se a única coisa que aconteceu na semana passada fosse conhecer Anna.

Tudo o que Octavia havia enfrentado ao longo de sua vida teria quebrado uma pessoa mais fraca. Mas a irmã de Bellamy era tão resistente quanto aço. Como sempre, seu orgulho por ela beirava a admiração. Ele balançou a cabeça ligeiramente, ouvindo-a continuar.

— E ela tem um talento especial para invenções! O cérebro dela é incrível, estou te dizendo. Ela estava treinando para trabalhar no sistema de encanamento na nave, mas ela está ajudando Luke a fazer tochas agora e eu estava pensando se aqueles dois comesçassem a conversar, no acampamento, ela poderia dar uma contribuição real para... *O quê?*

Octavia colocou as mãos nos quadris. Ela finalmente notou a expressão divertida de Bellamy - mas estava lendo completamente errado.

Bellamy riu de braços abertos.

— Estou vendido! Sua namorada é claramente brilhante e maravilhosa e você está ainda mais claramente louca por ela.

Octavia mordeu o lábio, olhando para os pés.

— Não sei se ela é exatamente minha *namorada*.

Bellamy ergueu uma sobrancelha.

— Ainda nos jogos de sedução?

Seu sorriso cresceu.

— Não, eu só não perguntei a ela.

— Então pergunte a ela agora - ele disse, cutucando seu ombro. — Sério, vá em frente. Bem neste segundo. Nada está garantido aqui

embaixo, O. Temos que aproveitar as chances que temos.

Ela deu um suspiro vertiginoso.

— Eu realmente acho que você vai gostar dela.

Bellamy nunca tinha visto Octavia parecer mais nervosa. Ele a puxou para um abraço e disse:

— Com *certeza* eu vou gostar dela.

Octavia olhou para ele, os olhos brilhando; então ela disparou através da pequena enseada de areia para encontrar Anna. Enquanto Bellamy a observava ir, seus olhos vagaram pelo acampamento improvisado e pousaram em Clarke.

Ela estava ajoelhada ao lado da fogueira, cuidando de um dos fugitivos que havia sido ferido por destroços. Ela parecia tão determinada, tão capaz, tão atenciosa, que a respiração de Bellamy ficou presa em seu peito.

E então, ele soube além da certeza de que o único futuro que valia a pena viver era um com ela nele.

Wells veio da floresta, transportando galhos para o fogo. Bellamy se sacudiu de seu devaneio e caminhou até ele.

— Você precisa de alguma ajuda?

Wells enxugou a testa, respirando fundo.

— Acho que estamos bem com a quantidade de madeira agora, mas vamos precisar preparar uma das caças de Bellamy para o jantar. Ou... todas as suas caças - ele disse, olhando para a multidão.

Bellamy deu de ombros, sorrindo.

— Não se preocupe. Vamos descobrir à medida que avançamos.

— Funcionou até agora, não é? - Wells disse, tentando um sorriso exausto.

— Muito - disse Bellamy, batendo a mão no ombro do irmão. — Você conseguiu reunir todos aqueles recrutas e salvar... quantas pessoas? Quarenta?

— Cinquenta e quatro - disse Wells calmamente. Ele coçou a

bochecha. — Eu fiz uma contagem rápida.

Bellamy acenou com a cabeça.

— São muitas pessoas que agora estão livres, graças a você.

— Graças a nós dois - disse Wells, dando um tapinha nas costas de Bellamy. Seu rosto ficou sério e a dor cintilou em seus olhos.

— O que aconteceu? - Perguntou Bellamy. — O que está errado?

— Graham não sobreviveu - disse Wells.

— Eles... eles o mataram? - Bellamy disse roucamente.

Houve um ponto em que ele queria matar o próprio Graham, mas isso parecia uma vida atrás. Graham havia trabalhado duro para se tornar um membro útil de sua nova comunidade, e o pensamento de seu corpo sem vida em algum lugar ainda naquela fortaleza esquecida por Deus enviou uma pontada de dor surpreendentemente aguda em seu peito.

Wells respirou fundo.

— Ele... ele se sacrificou para salvar o resto de nós. Ele morreu fazendo algo muito mais heroico e corajoso do que qualquer coisa que eu poderia ter feito.

Ambos ficaram em silêncio por um longo momento enquanto se viravam e olhavam para a multidão dispersa. Alguns estavam agrupados ao redor do fogo, absorvendo o calor.

Outros trabalhavam arduamente, preparando-se para a estrada e a jornada à sua frente. Alguns circulavam pela floresta, parecendo chocados por serem capazes de andar livremente.

— Eu me pergunto para onde eles estão indo - disse Wells.

Bellamy encolheu os ombros.

— Meu palpite seria... onde quer que *você* vá.

Os olhos de Wells nublaram-se, mais pensativos do que preocupados.

— Isso seria bom, não é? Se eles voltassem com a gente?

— Quanto mais, melhor, no que me diz respeito - disse Bellamy. —

Mas eu acho que é sua decisão.

Wells balançou a cabeça.

— Você é o Conselheiro, não eu. Você deve ser o único a decidir.

Significaria mais bocas para alimentar, corpos para abrigar. Mas, caralho? Este planeta era grande o suficiente para todos eles. Ele só tinha que se certificar de que alguns deles realmente sabiam como caçar.

Clarke estava de pé perto do fogo agora, espanando as mãos. Ele caminhou até ela.

— Como eles estão? - ele perguntou a Clarke, gesticulando para os pacientes.

— Okay, eu acho. Ansiosos para partir. Acho que todos nos sentiremos melhor quando colocarmos mais distância entre nós e... - Ela acenou com a cabeça nervosamente para o sudeste.

Os ombros de Bellamy ficaram tensos. Seguir o rio já os havia levado a vários quilômetros da fortaleza dos Protetores, mas ele concordou. Quanto mais cedo eles pudessem voltar para seu próprio acampamento, melhor.

— Temos tochas! - Octavia gritou, correndo da floresta com a famosa Anna atrás dela, sorrindo, os braços cheios de galhos cobertos de musgo envoltos em um pano molhado.

— Okay, eu *entendo* que ainda está claro - disse Anna secamente, piscando para o céu nublado da manhã. — Mas achei que isso seria útil quando acampássemos para passar a noite, já que nem todo mundo vai conseguir dormir perto disso. - Ela apontou para a fogueira, enviando quase todas as tochas caindo de seus braços. Bellamy se abaixou para ajudá-la a pegá-los de volta.

— Dregs! Coordenação. Não é o meu forte. - Bellamy riu. Ele já gostava dela.

Octavia ficou muito vermelha e então deixou escapar:

— Então, Bellamy. Eu gostaria que você conhecesse minha *namorada*, Anna.

Bellamy sorriu e apertou sua mão.

— Prazer em conhecê-la, Anna. Estou feliz que você esteja vindo com a gente.

Octavia pegou a mão de Anna e entrelaçou seus dedos.

— Mal posso esperar para te levar para casa.

A palavra *casa* ressoou como um sino no peito de Bellamy. Apesar da jornada à frente deles, de alguma forma ele se sentia como se já estivesse lá. O lar era onde quer que sua família estivesse. E pela primeira vez em uma semana, eles estavam todos juntos novamente. Sua irmã estava segura e feliz. Seu irmão estava vivo e agindo mais como ele mesmo do que em um mês.

E Clarke... Bellamy sorriu lentamente para ela, percebendo que ele a incluiu como um membro da família.

Então seu coração começou a bater, cada vez mais alto, cada vez mais seguro.

É isso que família significa. As pessoas pelas quais você luta. As pessoas sem as quais você não pode viver. Bellamy olhou para a estrada à frente com uma alegria crescente.

Há algo que preciso fazer.

CAPÍTULO 32

Wells

Eles estavam febris, eles estavam enlameados, eles estavam exaustos...

mas lá estava: a árvore rachada que marcava o caminho para o acampamento.

Depois de dois dias de difícil viagem da Pedra, eles estavam em casa.

Independentemente de como eles fizeram isso, ele queria ser rápido. Todos precisavam de uma fogueira, de uma refeição e de um bom descanso. Wells esperava que eles fossem capazes de encontrar essas coisas aqui, que eles não estivessem prestes a entrar em ainda mais caos e destruição.

Atrás dele, Kit e Jessa e os outros terráqueos soltaram um grito feliz, percebendo onde estavam. Wells também sorriu, mas rapidamente levantou a mão.

— Devíamos esperar aqui, enviar um grupo à frente - Wells gritou. — Nosso acampamento ficará tenso depois de tudo o que aconteceu, e nem todo mundo aqui é um rosto familiar.

Seus olhos vagaram sobre a multidão; mais da metade deles eram totalmente estranhos para as pessoas em seu acampamento. Ao longo do caminho, alguns deles desviaram-se para ir em busca de suas próprias casas, querendo recuperar os lugares que haviam sido roubados deles.

Outros queriam começar do zero e iniciaram sua jornada aqui.

Mas, independentemente de onde eles tenham ido, todos foram movidos pelo desafio e pela esperança brilhante. Das cinzas da Pedra, uma nova comunidade emergiu, remodelada de uma forma que os Protetores nunca poderiam ter imaginado.

Wells respirou fundo, pensando. Então ele apontou para as pessoas na multidão: um nascido na Terra, um membro do grupo de resgate e um novo rosto.

— Kit, Clarke... e Cob. Venham comigo.

Kit e Clarke avançaram decididamente, mas Cob olhou ao redor como se estivesse confuso.

Wells sorriu encorajadoramente, acenando para ele.

— Assim que o conhecerem, não se preocuparão mais com estranhos.

O menino mais novo sorriu e correu para se juntar a eles, enquanto os

outros se acomodaram para esperar atrás.

Então, unidos como um, os quatro caminharam em direção ao acampamento.

Um som de batida ecoou ao longe e Cob soltou um grito. Wells olhou para ele e percebeu que o tornozelo de Cob estava enrolado em um arame. Deve ter causado aquele barulho, soou algum tipo de alarme.

— Está tudo bem - disse Wells para o menino quando uma fila de guardas colonos se chocou contra os arbustos, gritando para eles se ajoelharem.

Todos eles levantaram as mãos e obedeceram, caindo na terra molhada no momento em que um dos guardas gritou:

— Clarke! Wells! Eu não posso acreditar... vocês conseguiram! Vocês conseguiram!

Clarke olhou para cima com um sorriso, exalando lentamente.

— Willa. É tão bom ver você!

Willa ofereceu a Clarke uma mão para cima, e os outros seis abaixaram suas armas, olhando ao redor um para o outro com seus olhos acendendo.

— Só vocês quatro? - um deles perguntou.

— Deixamos uma multidão um pouco maior a 800 metros de distância - disse Wells. — São todos os nossos cativos, nossos salvadores... e mais alguns.

Os guardas trocaram um olhar cauteloso.

— Leve-nos ao Conselho - Wells ordenou. — Eles podem decidir o que faremos a seguir... se receberemos esses novos amigos.

Willa lançou-lhe um olhar avaliador e encolheu os ombros.

— Isso soa bem para mim. - Ela se virou para liderar o caminho. Os outros guardas se entreolharam e a seguiram.

— É isso aí - Kit sussurrou quando eles começaram a entrar no acampamento.

Wells olhou para ele, surpreso. Kit sorriu.

— Se você pudesse convencer um bando de membros de uma seita aterrorizados a iniciar uma rebelião, *acredito* que poderia convencer nosso povo a aceitar alguns refugiados.

— Espero que você esteja certo - disse Wells, preparando-se quando avistaram o acampamento pela primeira vez.

Não era bonito, mas também havia sinais de esperança. Um cervo estava assando sobre uma fogueira de um lado do acampamento, enquanto homens e mulheres trabalhavam arduamente na reconstrução de cabanas com toras do madeira. A enfermaria ainda estava intacta, uma linha reconfortante de fumaça subindo de sua chaminé.

O passo de Clarke se acelerou ao vê-lo. Ele sabia que ela mal podia esperar para chegar aos pais.

— Vá em frente - ele disse a ela. Ela sorriu e correu em direção à enfermaria, seus longos cabelos voando atrás dela.

Kit também se desviou, correndo para cumprimentar alguns amigos nascidos na Terra que estavam ensinando um grupo de colonos a moer grãos para fazer pão.

Restavam Wells, Cob e os guardas rumo à fogueira central do acampamento, onde dois homens conversavam abaixados.

Rhodes foi o primeiro a se virar, depois Max. O rosto do líder terrestre passou de chocado para alegre em um único piscar. Antes que Wells pudesse dizer uma palavra, Max cruzou o espaço

entre eles com os braços bem abertos, envolvendo Wells em um abraço apertado, um soluço explodindo de sua garganta.

— Meu garoto - disse ele, trazendo lágrimas aos olhos de Wells. — Você conseguiu. Eu esperava, mas não sabia... - Ele recuou, radiante. Então ele acenou com a cabeça, orgulhoso. — Você chegou em casa.

— Nem todos nós conseguimos - disse Wells, engolindo um nó na garganta. — Nós... perdemos Graham. - Ele estremeceu, imaginando a expressão no rosto de Lila quando ele disse a ela.

Embora ela tenha ido com calma, Wells sabia que ela tinha começado a desenvolver sentimentos reais por Graham nas últimas semanas.

— Eu trouxe outros também - disse Wells. — Alguns são colonos,

acredite ou não, de um modulo de transporte que pousou ao sul daqui. E alguns... - ele apontou para Cob — são novos amigos.

Atrás de Max, Rhodes ergueu as sobrancelhas, a descrença aparente em seu rosto.

— Novos...? Quantos?

— Cinquenta e quatro na última contagem, embora algumas pessoas tenham saído em busca de suas antigas casas. E eu mesmo garantirei por nossos novos amigos... eles são boas pessoas.

Max e Rhodes trocaram um olhar. Então Rhodes assentiu.

— Se você confia neles, nós confiamos neles - disse Rhodes. — E certamente poderíamos usar toda a ajuda que pudermos obter na reconstrução para o inverno. Traga-os para dentro. Você foi seguido? - ele perguntou, olhando para os guardas. — Precisamos estabelecer um perímetro?

— Não mais do que vocês já estão fazendo, eu acho - disse Wells. — Entre nossa revolta e tudo o que seu grupo de busca conseguiu fazer, não acho que precisaremos nos preocupar com os Protetores novamente.

— Eles se autodenominam Protetores? - Max perguntou, balançando a cabeça em descrença.

— Os vilões sempre pensam que são os heróis - disse Rhodes com um sorriso triste e tenso.

Então ele se virou para Wells, iluminando-se. — Em que podemos ajudar agora?

— O básico - disse Wells rapidamente. — Comida, água, descanso, ajuda médica.

Rhodes acenou com a cabeça e estendeu a mão para apertar a mão de Wells.

— Bem-vindo de volta... Conselheiro Jaha.

CAPÍTULO 33

Clarke

— *Spiraea tomentosa* - disse a mãe de Clarke suavemente, pressionando uma folha verde indefinida contra a palma de sua própria mão. — Esse é o meu palpite mais próximo. Um chá feito com este ajuda a desarranjar o estômago, de acordo com o livro.

Mary se inclinou para dar um tapinha no velho livro empoeirado que Max lhe dera durante sua recuperação: um livro Pré-cataclisma sobre ervas locais. Nos dias em que Clarke e os outros haviam partido, seus pais tomaram uma nova iniciativa, reforçando o suprimento cada vez menor de remédios do acampamento reproduzindo materiais da Colônia e fazendo experiências com plantas locais.

Clarke olhou para a folha, memorizando cada detalhe, mas foi a mão de sua mãe que prendeu sua atenção... quente, suave, viva. O Dr. Lahiri disse que sua mãe se curou em tempo recorde.

— Este aqui é chamado de *boneset* - continuou a mãe de Clarke, colocando uma planta com delicadas pétalas brancas sobre a mesa. — Eles pensavam que ajudava a recuperar ossos fraturados, daí o nome, mas era apenas superstição, infelizmente. No entanto, ele tem alguma utilidade no tratamento de febres, então vou continuar brincando com ele e ver o que podemos desenvolver...

— Você é incrível - disse Clarke, abraçando a mãe suavemente, com cuidado para não empurrar seu ferimento.

— ‘Incrível’... - O pai de Clarke saiu do campo, onde estava ajudando a cavar as fundações para novas cabines. Ele tirou o pó das mãos das calças com um sorriso. — Isso é um grande elogio vindo de uma garota que acabou de invadir uma fortaleza.

— Dificilmente - disse Clarke, corando. — Eu não fiz isso sozinha.

— Mas você conseguiu - disse a mãe, com os olhos brilhando. — Estamos orgulhosos de você.

Clarke também se sentiu orgulhosa, olhando em volta para o acampamento em rápida reconstrução. Seu povo pode ter sido prejudicado pelo ataque, mas eles não foram derrotados.

Eles se curaram e começaram a trabalhar.

Eles estavam todos tão ocupados desde que voltaram ontem. Clarke imediatamente começou a ajudar na enfermaria; algumas das pessoas que eles trouxeram da Pedra precisavam de cuidados médicos mais rigorosos. Glass se ofereceu para supervisionar a limpeza e plantio do

primeiro campo dos colonos. Wells estava revigorado, ajudando como Conselho, e a mente de engenheiro de Luke foi eletrificada por todos os novos planos.

E eles não iriam recriar o que tinham antes... eles tiveram a coragem de reimaginar algo ainda melhor. Havia planos para uma roda d'água no riacho próximo que poderia alimentar dispositivos no acampamento e uma escola com um playground. Este lugar não estava apenas voltando à vida; estava renascendo como algo alegre, uma vila real da qual Clarke mal podia esperar para se tornar membro.

— Clarke.

A voz de Bellamy levantou-se da porta. Clarke se virou para cumprimentá-lo - e seu sorriso sumiu. Sua testa estava franzida, seus ombros tensos. Algo estava errado.

— Podemos conversar? - ele perguntou rapidamente, olhando por cima do ombro, seu pé cavando na terra. — É importante.

— Claro - disse ela, passando com cuidado pelos poucos pacientes restantes. — É claro.

A mão de Bellamy estava fria contra a dela enquanto ele a conduzia através do acampamento movimentado. Octavia e Anna estavam conduzindo as crianças em um barulhento jogo de pega-pega. No centro do acampamento, Glass e Luke examinaram um esboço das torres de vigia do perímetro. Bellamy puxou Clarke para além dos fornos, onde pão fresco estava assando; passado Wells, que estava gravando o nome de Graham em uma lápide; todo o caminho até o local onde as novas fundações da cabana estavam sendo cavadas.

O estômago de Clarke apertou mais a cada passo. O que Bellamy tinha visto? Já havia um novo perigo? Ou ele havia pensado sobre isso e decidido que não estava pronto para perdoá-la, afinal?

Eles finalmente alcançaram um pedaço limpo de grama carbonizada no canto do acampamento. Bellamy parou e se virou silenciosamente para encarar Clarke, as sobrancelhas erguidas como se esperasse algum tipo de reação.

Ela balançou a cabeça, olhando ao redor, não encontrando nada particularmente preocupante aqui.

— O que você acha? - disse ele, gesticulando ao seu redor.

— Acho de quê?

Seus olhos dispararam nervosamente.

— A vista deste ponto.

— Hum... é boa?

— Boa... boa... - Então ele respirou fundo e disse: — Você acha que seria um bom lugar para uma cabana? Para nós dois?

A cabeça de Clarke ficou confusa enquanto ela tentava entender suas palavras.

— Uma cabana para...

Então, em um instante, o nervosismo de Bellamy pareceu sumir.

— Para nós, Clarke. - Ele pegou a mão dela e apertou... e lentamente se ajoelhou.

— Oh - Clarke disse, sua voz não mais que um suspiro.

Ele enfiou a mão no bolso e tirou um anel de prata.

— Bellamy - ela sussurrou. — Onde você conseguiu isso?

— Eu negocieei por ele - disse ele, quase tão arrogante como sempre... exceto pelo fato de que suas mãos estavam tremendo.

Então ela a reconheceu - a pedra de um azul profundo no centro - e suas mãos voaram até o peito, pressionando com força para impedir que seu coração explodisse.

— Bel, isso é... isso é...

— Uma herança de família Griffin - disse ele, sorrindo.

— Onde você... como você...? - Ela balançou a cabeça, sem palavras. Esta era a pedra que seus ancestrais trouxeram com eles da Terra para a Colônia, transmitida por sua família por gerações.

— Como eu disse, eu negocieei por ele... com sua mãe. - Ele o estendeu para ela, hesitante, quase como se houvesse uma parte dele que não acreditava que ela o aceitaria.

Mas ela o fez, embalando-o na palma da mão.

— O que você negociou por isso?

— Uma promessa - disse Bellamy, estendendo a mão para colocar a mão dela entre as dele. —

Eu prometi te amar, te respeitar, te honrar, te proteger, te defender, te provocar, discutir com você... - Ele riu. — E assim por diante... - Seu rosto ficou sério. — Para o resto da minha vida e da sua... Clarke, você quer se casar comigo?

Seus joelhos cederam. Ela colocou as mãos nos ombros dele e se deixou deslizar para o chão ao lado dele, os braços ao redor de seus ombros, o beijo servindo como a única resposta que ele precisaria.

Mas, por precaução, ela se afastou e murmurou contra seus lábios:

— Sim.

Eles se beijaram novamente e, enquanto se sentavam no solo, entrelaçados, parecia a Clarke como se não fosse apenas este pequeno pedaço de terra que eles estavam reivindicando, era todo o acampamento, as colinas e montanhas e rios e lagos ao redor deles e tudo além disso.

Apesar de tudo que eles enfrentaram desde o pouso na Terra, agora parecia que todo o planeta estava finalmente dizendo o que Bellamy estava murmurando para ela agora.

— Bem-vinda ao lar.

Procurando as últimas notícias sobre seus autores YA favoritos?

Quer acesso antecipado a novos livros e a chance de ganhar cópias antecipadas?

Traga a festa (do livro) para sua caixa de entrada com o boletim eletrônico da NOVL: theNOVL.com/enewsletter

Junte-se à comunidade NOVL:

theNOVL.com

Twitter.com/TheNovl

Instagram.com/TheNovl

Facebook.com/TheNovl

AGRADECIMENTOS

Trabalhar nesta série foi o privilégio de uma vida, e sou muito grata a todas as pessoas que ajudaram a transformar meu sonho em realidade.

Obrigado a todos na Alloy por seu apoio, incentivo e criatividade em cada estágio desta aventura. Agradecimentos especiais a Sara Shandler, Josh Bank, Les Morgenstein, Lanie Davis, Theo Guliadis, Annie Stone, Liz Dresner e Heather David. Agradecimentos especiais extras à brilhante Joelle Hobeika, cuja imaginação incomparável gerou a ideia para The 100; a incomparável Romy Golan, que transforma fios de palavras em livros lindos e nos impede de cair no caos; e a extremamente talentosa Eliza Swift, que é uma fonte de sabedoria editorial e é uma alegria absoluta trabalhar com ela.

Um grande obrigado a todos da Little Brown e Hodder & Stoughton, incluindo Pam Gruber, Leslie Shumate, Saraciea Fennell, Emily Kitchen e Becca Mundy.

Uma rodada extra de abraços especiais à fabulosa equipe da Rights People, que é responsável por apresentar esta série aos leitores de todo o mundo. Também gostaria de agradecer aos incríveis editores, tradutores, designers e editores que criaram essas lindas edições estrangeiras dos livros Os 100. Conectar-me com meus leitores é o privilégio mais incrível.

Obrigado por me ajudarem a compartilhar minhas histórias.

Obrigado à incrivelmente talentosa Jenn Marie Thorne, que ajudou a dar vida a este livro de inúmeras maneiras. Você é uma estrela do rock, e continuo maravilhada com seu cérebro incrível.

E, acima de tudo, obrigado aos meus leitores. Vocês me fazem sentir como a autora mais sortuda do mundo.